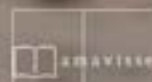




Narra tivas perifé ricas

ENTRE PONTES, CONEXÕES E SABERES PLURAIS

ie|^A



ÉRICA PEÇANHA (ORGANIZADORA)

A conversa com a governança da universidade me propiciou entender o conjunto de questões históricas que envolvem a sua relação com a sociedade, especialmente as favelas localizadas próximas ao campus universitário.

Já a reunião de estudantes de graduação e pós-graduação da USP, oriundos de favelas e periferias, permitiu reconhecer neles o potencial, a força e a riqueza que foram geradas a partir desse encontro, e também os desafios e a complexidade de vida que carregam por fazerem parte da parcela da sociedade à qual direitos são negligenciados desde sempre. É difícil dimensionar o quanto fomos nos transformando como seres humanos, nos aproximando nas trocas de cunho acadêmico e, ainda, de campos relacionados a subjetividades que se juntaram para o fomento

**Narrativas periféricas:
entre pontes, conexões
e saberes plurais**

Copyright © Editora Amavisse, 2020.

Narrativas periféricas: entre pontes, conexões e saberes plurais ©
Érica Peçanha, 2020.

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada, desde que levados em conta os direitos dos autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Fabio Osmar de Oliveira Maciel – CRB-7 6284

P364n

Peçanha, Érica

Narrativas periféricas: entre pontes, conexões e saberes plurais / Érica Peçanha (organizadora). – [1. ed.] – São Paulo : Editora Amavisse, 2020. 260 p. ; 21 cm. – (Coleção Democracia, Artes e Saberes Plurais - IEA/USP). ISBN 978-65-88152-06-5

1. Ciências Sociais. 2. Humanidades. 3. Universidades e faculdades públicas - Aspectos sociais - Brasil. 4. Periferias - São Paulo (SP). 5. Favelas - São Paulo (SP). 6. Universidade de São Paulo. I. Título. II. Série.

322-82-21

CDD : 300

Índice para catálogo sistemático:

1. Ciências Sociais 300

Editora Amavisse – Selo de Livros

Acadêmicos da Editora Patuá.

Rua Luís Murat, 40 – Pinheiros

São Paulo – SP – CEP: 05436-050

www.editorapatua.com.br

Cel.: (11) 98365-4985

editoraamavisse@gmail.com

Érica Peçanha
(organizadora)

**Narrativas periféricas:
entre pontes, conexões
e saberes plurais**



Ficha técnica

Conselho Científico

Ana Maria Haddad Baptista (PUC/SP)

Cecília Pescatore (PUC/SP)

Érica Peçanha do Nascimento (USP)

Geruza Zelnys de Almeida (UNIFESP)

Lidiane dos Anjos (PUC/SP)

Lilian Amadei Sais (USP)

Marina Silva Ruivo (USP)

Paula Chagas Autran Ribeiro (USP)

Pricila Gunutzmann (PUC/SP)

Sonia Regina Albano de Lima (PUC/SP)

Solange Aparecida Emílio (USP)

Vânia Warwar Archanjo Moreira (Mackenzie -SP)

Vanilda Aparecida dos Santos (PUC/SP)

Editora

Pricila Gunutzmann

Revisora

Patricia Gondeck

Fotografia de capa

Leonor Calasans

Capa, projeto gráfico e diagramação

Henrique Lourenço

@henriqueloren

Sumário

Apresentação <i>Érica Peçanha</i>	11
Prólogo: vivências e trocas – de tudo fica um pouco... <i>Eliana Sousa Silva</i>	15
Censo no Jardim Keralux e na Vila Guaraciaba	
Da Vila Guaraciaba para a USP, da USP para a Vila Guaraciaba <i>Kaio Gabriel Gameleira da Silva Pinto</i>	23
Depoimento de Sebastião Gomes <i>Sebastião Gomes da Silva</i>	29
Revisitando minha trajetória <i>Rafael Pompeu da Silva</i>	31
A visão de um estrangeiro no censo <i>Charleton Pierre</i>	41
A quebrada resiste! <i>Jacqueline Jaceguai Chagas Nunes dos Santos</i>	43
Uma quase lembrança do Kera <i>Caio Gabriel da Silva</i>	49

Impressões de um estudante de gestão de políticas públicas a partir do censo	53
<i>Douglas Henrique Santos da Silva</i>	
Algumas reflexões que o Keralux me proporcionou	57
<i>Diana Enriquez Cueva</i>	
Nossas favelas: sentimento de pertencimento através da transformação	61
<i>Fagner de Souza Gonçalves</i>	
Visão periférica: uma outra abordagem para dados censitários	65
<i>Isadora Nunes Ferreira</i>	
Local	69
<i>Jhonatan Ferreira Alencar</i>	
O céu é pra todas, menina!	73
<i>Carla Maria dos Santos Silva</i>	
Vivências e pertencimentos	79
<i>Rafaela Campos</i>	
O campo e o setor	83
<i>Victoria Caroline de Souza Alves</i>	
Relatos de uma pesquisadora	87
<i>Raquel Pereira Ires</i>	

Minha participação no Censo Pontes e Vivências de Saberes	91
<i>Amanda Escobar Costa</i>	
Caminhos e sentimentos	97
<i>Richard Melo da Silva</i>	
Existe, sim, amor em SP	101
<i>Everton Pereira da Silva</i>	
Censo no Jardim São Remo e no Sem-Terra (Vila Clô)	
Depoimento de Rosângela Ferreira	107
<i>Rosângela do Nascimento Ferreira</i>	
Depoimento de Eraldo da Silva	111
<i>Eraldo da Silva</i>	
Depoimento de Camila Santos	113
<i>Camila Mendes Ferreira dos Santos</i>	
Depoimento de Ericsson Magnavita	117
<i>Ericsson Michel Silva Magnavita</i>	
Com quantas pessoas (e dias) se faz um censo?	125
<i>Danilo Pereira Sato</i>	
Como é ser uma pessoa trans e bolsista do IEA?	129
<i>Manfrin</i>	

Gente!	135
<i>Pedro Gabriel Miranda e Silva</i>	
Este é ou não um texto sobre sonhos?	139
<i>Eduarda Ribeiro Rodrigues</i>	
Reflexões e aprendizados	145
<i>Dayane Pereira de Souza</i>	
Um breve relato de experiências, vivências e saberes compartilhados	149
<i>Arlindo Alves Jr.</i>	
As pessoas são muito mais permeáveis que os governos	155
<i>Isamara Oliveira Guimarães</i>	
Sobre o mais vivo	159
<i>Natália Galvão Azevedo Silva</i>	
Sobre como me encontrei e criei laços	163
<i>Nayara Klinger Castilho Santos</i>	
Relação com a cidade	167
<i>Maria Luiza Rocha</i>	
O outro lado do muro	171
<i>Jade Bernardes</i>	
Na interface periferias e universidade	175
<i>Luciana Lima Marques</i>	

São Remo: uma expansão do nosso olhar para
além da USP 183

Raquel de França Bezerra

O projeto para as diversas comunidades e
suas singularidades 191

Paulo Rogério Nunes dos Santos

Minha visita ao Rio de Janeiro e da visita do Rio de
Janeiro a mim 197

Ricardo Lima da Silva

Estudar a periferia é preciso! 203

Dalcio Marinho Gonçalves

Centralidades Periféricas

Centralidades Periféricas – um sonho
em construção 211

Marcio Vidal Marinho

Plataforma Conexões USP-Periferias

Uma trajetória entre tantas narrativas 217

Érica Peçanha

O dia a dia e o aprendizado no trabalho
da plataforma 223

Vítor Soares Miceli

Não vou esquecer <i>Claudia Rosalina Adão</i>	227
Carta ao tempo <i>Leandro de Oliva Costa Penha</i>	231
Epílogo: do Rio, zona norte, a Guaraciaba, Keralux, São Remo... <i>Martin Grossmann</i>	237
Expediente Projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais - DASP	252

Apresentação

Este livro apresenta textos e depoimentos de alguns dos participantes do projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais (DASP), desenvolvido no Instituto de Estudos Avançados (IEA) da Universidade de São Paulo (USP).

O projeto foi iniciado durante a titularidade da intelectual e ativista Eliana Sousa Silva na Cátedra Olavo Setubal de Artes, Cultura e Ciência em março de 2018¹. Sob a coordenação acadêmica do professor Martin Grossmann, o DASP tem o objetivo geral de promover diálogos e pesquisas que contribuam para aproximar a universidade e as periferias, por meio de três ações principais:

- *Centralidades Periféricas*: ciclo de eventos sobre as produções culturais e artísticas das periferias e favelas, com a participação de artistas, ativistas e acadêmicos;
- *Pontes e Vivências de Saberes*: censo demográfico e

1. O projeto recebeu apoio da governança da USP por meio de recursos do Gabinete da Vice-Reitoria, da Pró-Reitoria de Graduação (via Programa Unificado de Bolsas) e da Pró-Reitoria de Pesquisa da USP (Edital de Apoio a Projetos em Pesquisa com Ciência Cidadã), além da parceria com o programa Aproxima-Ação, da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão. Contou com aportes financeiros do Itaú Cultural (mantenedor da Cátedra Olavo Setubal), bem como da Fundação Tide Setubal, Arq.Futuro, Escola da Cidade e de uma doadora individual, Elisa Bracher. Eliana Sousa Silva também foi contemplada com bolsa de professora visitante oferecida pelo Programa de Bolsas da USP no período de abril a dezembro de 2019.

de caracterização animal² do Jardim São Remo/ Sem-Terra (Vila Clô) e do Jardim Keralux/Vila Guaraçiaba, comunidades vizinhas à Cidade Universitária (zona oeste) e à Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) (zona leste);

- *Conexões USP-Periferias*: plataforma digital para divulgar as ações de pesquisa, ensino e extensão da USP voltadas para as periferias e favelas.

Todas as ações são pautadas no reconhecimento da importância das periferias e favelas brasileiras no que diz respeito à produção de conhecimentos e, ainda, pela afirmação dos sujeitos periféricos em suas diferentes expressões artísticas, culturais e políticas. O que se busca afirmar, para além das estigmatizações em torno da carência material e da violência, é que os territórios periféricos devem ser vistos como potências no que se refere à sua capacidade de superação, inventividade e resiliência.

A potência das periferias se faz presente, também, na equipe envolvida com o projeto. Todos os pesquisadores de graduação e pós-graduação são vinculados à USP, e foram selecionados a partir de critérios como desempenho acadêmico, relação pessoal e profissional com as periferias, interesse por questões sociais e condição socioeconômica.

2. O censo animal é resultado da parceria com o projeto Saúde Única em Periferias, financiado pelo Programa Aprender na Comunidade da Pró-Reitoria Graduação da USP, e coordenado pelo Prof. Dr. Oswaldo Baquero, da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ).

O que resultou em uma equipe formada por estudantes de variados cursos e predominantemente de origem popular, negra e periférica, além dos consultores, que têm histórico de atuação em contextos populares.

A equipe contou, ainda, com a participação de moradores dos territórios recenseados no papel de articuladores locais, responsáveis por difundir os objetivos da pesquisa, agendar as entrevistas e intermediar o diálogo com outros moradores e instituições que atuam nas localidades pesquisadas. Professores de diferentes unidades da USP³ também se tornaram parceiros do projeto⁴, por meio da participação no processo seletivo dos pesquisadores, nas atividades de formação da equipe, na cessão de bolsas e na análise dos resultados do censo.

Os textos aqui reunidos são algumas das narrativas construídas em torno do DASP, elaboradas por aqueles que atuaram pelo menos seis meses no projeto e se sentiram

3. Em referência à Ana Estela Haddad, Cristiane da Silva Cabral, Dennis de Oliveira, Edemilson Antunes de Campos, Francisca Dantas Mendes, Gerardo Kuntschik, Lucia Maciel Barbosa de Oliveira, Maria de Lourdes Zuquim, Maria Helena Pereira Toledo Machado, Oswaldo Baquero e Rosenilton Silva de Oliveira. Mônica Sanches Yassuda e Ricardo Ricci Uvinhas, professores-diretores da EACH, são também apoiadores fundamentais do projeto.

4. A pós-doutoranda Liliana Sousa e Silva participou da seleção de pesquisadores e da análise de dados do censo. Além dela, diferentes profissionais ligados ao IEA-USP deram suporte à operacionalização do DASP, especialmente Rafael Borsanelli, Tizuko Terezinha Sakamoto, Aziz Salem e Fernanda Rezende.

motivados a participar deste livro. Escritos entre abril e setembro de 2020, são ensaios, depoimentos, relatos de experiência e até mesmo textos literários, que buscam retratar aspectos do cotidiano de pesquisa, relações pessoais, aprendizados e reflexões acumuladas pelos participantes sobre o levantamento de dados, o trabalho em contextos periféricos, a relação com a universidade ou com os territórios estudados. Textos produzidos por articuladores, consultores, pesquisadores e coordenadores das diferentes ações. Textos de quem buscou pensar a participação no projeto a partir daquilo que foi vivido, mas também construído, ressignificado e sentido.

Érica Peçanha

Pós-doutoranda do IEA-USP e supervisora geral do DASP

Prólogo

Vivências e trocas – de tudo fica um pouco...

“Se de tudo fica um pouco,
mas por que não ficaria
um pouco de mim?”

(Carlos Drummond de Andrade)

Sem dúvida, construímo-nos como seres humanos e cidadãos pressupondo-nos na alteridade. Sempre fica um pouco do outro em nós; sempre fica um pouco de nós no outro. E assim nos reinventamos e caminhamos. Minha inserção na USP não poderia ser diferente. Nosso encontro aconteceu em 2018 a partir do convite para que eu assumisse, pelo período de um ano, a Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência, dentro do Instituto de Estudos Avançados, o IEA. Uma experiência inusitada que aconteceu em um momento da minha vida em que estava me aposentando, após 30 anos atuando na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Essa vivência no espaço acadêmico me propiciou trabalhar uma perspectiva conceitual que preconiza como essencial a necessária aproximação da universidade com a sociedade, a partir de projetos de pesquisa, de ensino e de extensão. Nessa lógica, fechei esse ciclo profissional na função de diretora de um setor que foi criado dentro da Pró-Reitora de Extensão – PR-5 – denominada Divisão de Integração Universidade Comunidade (DIUC).

Mesmo reconhecendo o meu desejo de me dedicar, exclusivamente, à atuação na sociedade civil – na qual sempre estive também –, após essa fase dentro da academia, identifiquei na ida para o IEA uma oportunidade de alargar essa experiência que acabava de se deslocar para outras dimensões da minha vida. Era, ainda, uma possibilidade concreta de me aproximar de algumas favelas e periferias de São Paulo, o que me alegrava bastante.

Foi nessa perspectiva que busquei trazer para o espaço do IEA uma proposta de trabalho que, de forma coerente, pudesse aprofundar ainda mais a minha busca de aproximar o espaço acadêmico das pessoas e demandas de áreas como as favelas e periferias. Nesse quadro, a ideia-força que orientou meu plano de trabalho na Cátedra teve como base as seguintes reflexões: (i) há um grande distanciamento entre o que é produzido nas universidades e o que a sociedade, em geral, demanda, em particular a população dos territórios empobrecidos; (ii) o acesso e a aproximação às produções das periferias é fundamental para construir a necessária conexão entre os diferentes segmentos das universidades e a sociedade em sua diversidade; (iii) as periferias trazem na sua essência a capacidade de inventividade, superação e resiliência, enfim, algo que seria mais bem definido como “potência” (urge, portanto, ir além das representações tradicionais a respeito desses territórios, sempre centradas em suas carências mais visíveis); (iv) o direito pleno à cidade passa, necessariamente, pela aproximação das instituições tradicionais com as no-

vas formas de agência, organização e sociabilidade; e (iv) a ampliação dos vínculos entre a universidade e as populações periféricas exige a criação de espaços plurais no âmbito da academia para que novas formas de encontros, partilhas, permanência e convivência sejam estabelecidas.

Nesse entendimento, elaborei meu plano de trabalho na Cátedra ancorado em um projeto denominado “Democracia, Artes e Saberes Plurais” (DASP), que, de maneira complementar, desenvolveu as seguintes atividades de ensino, pesquisa, mas também de extensão:

- *Centralidades Periféricas*: consistiu na realização de diálogos entre integrantes do universo acadêmico – docentes, técnicos e estudantes – e artistas, intelectuais e ativistas das periferias brasileiras. Em torno da necessária interação entre os saberes e conhecimentos produzidos nas periferias e nas universidades, foram estimulados diálogos para aproximar esses dois campos, de modo a contribuir para que se reconheçam em suas produções e se ampliem os meios para a maior representação dos sujeitos subalternos e as experiências de territórios periféricos na USP.

- *Conexões USP-Periferia*: a ideia do projeto foi materializar em uma plataforma digital as ações e produções da USP no ensino, na pesquisa e na extensão com o tema das favelas e periferias no tempo. O intento é estimular a maior divulgação de ações promovidas pela universidade para ampliar a integração dos territórios e sujeitos das periferias, no sentido de expandir a maior democratização do acesso e a

permanência dos grupos sociais populares na USP. Esse espaço interativo ampliará os lugares de escuta institucionais, que se fazem tão importantes quanto os lugares de fala no atual contexto sociopolítico e cultural.

- *O Pontes e Vivências de Saberes ou Censo no Jardim São Remo, Sem-Terra (Vila Clô), Jardim Keralux e na Vila Guaraciaba*: consistiu em um diagnóstico sociocultural e econômico dessas comunidades localizadas ao lado das unidades da USP Butantã e EACH, com ênfase para o perfil geral das populações que ali residem, incluindo-se suas demandas, características e formas de relacionamento histórico com a USP. O objetivo principal do diagnóstico, portanto, foi construir uma visão global sobre a realidade dos moradores desses territórios periféricos em torno da USP, com indicadores sociais, educacionais, econômicos, culturais, ambientais e no campo da segurança pública. O pressuposto é de que possamos produzir conhecimentos e sistematizá-los para subsidiar, a partir da identificação de demandas sociais, a formulação de propostas que contribuam para a definição de prioridades, para que políticas públicas e, portanto, os direitos dessa população, possam ser efetivados.

Após o trabalho de um ano da Cátedra, 2018, as atividades de organização da plataforma e do censo precisavam de mais tempo para serem concluídas. Nesse sentido é que fui convidada a continuar atuando como professora visitante por mais 12 meses. Esse período de continuidade no IEA me

permitiu conhecer e vivenciar de forma singular o cotidiano do trabalho junto às comunidades onde a pesquisa do censo aconteceu, bem como a dinâmica do trabalho dentro da USP.

Esse período que tenho vivido na USP tem sido de muitos aprendizados. A possibilidade de conversar com a governança da universidade me propiciou entender o conjunto de questões históricas que envolvem a relação com a sociedade, especialmente as favelas localizadas próximas ao *campus* universitário. Foi importante poder contar com a abertura desses dirigentes, bem como o apoio e o engajamento nos projetos que conseguimos desenvolver a partir das iniciativas com que trabalhei na minha inserção na USP.

Importante enfatizar também, no trabalho realizado, a possibilidade de reunir estudantes de graduação e pós-graduação da USP, oriundos de favelas e periferias, em todos os projetos desenvolvidos na Cátedra. Tal dinâmica permitiu reconhecer nos estudantes o potencial, a força e a riqueza que foram geradas a partir desse encontro e também os desafios e a complexidade de vida que tais alunos carregam por fazerem parte da parcela da sociedade à qual direitos são negligenciados desde sempre.

É difícil dimensionar o quanto fomos nos transformando como seres humanos, nos aproximando nas trocas de cunho acadêmico e, ainda, de campos relacionados a subjetividades que se juntaram a partir do fomento e da construção

de outra relação da universidade com o seu entorno.

Sem dúvida, sinto-me privilegiada com o encontro de cada pessoa, a partir da experiência de vivenciar o dia a dia no IEA da USP. Deparei-me, mesmo que de forma superficial, com as singularidades que marcam a vida das periferias de São Paulo, onde os contornos diferem, em muitos pontos, apesar das aproximações possíveis, da periferia em que vivi no Rio de Janeiro.

Levarei comigo, nos meus pensamentos e no meu corpo, nossas vivências e trocas: “as coisas findas,/muito mais que lindas,/essas ficarão.¹”

Eliana Sousa Silva é doutora em Serviço Social e diretora fundadora da organização Redes de Desenvolvimento da Maré. Até 2017, foi diretora da Divisão de Integração Universidade Comunidade da UFRJ, onde também atuou como pesquisadora e coordenou o curso de pós-graduação em Segurança Pública, Cultura e Cidadania. Autora dos livros *Testemunhos da Maré* e *A ocupação da Maré pelo Exército Brasileiro*.

Referência

1. ANDRADE, Carlos Drummond de. Memória. In: **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978, p. 102.

CENSO NO JARDIM KERALUX E NA VILA GUARACIABA

Da Vila Guaraciaba para a USP, da USP para a Vila Guaraciaba

Nasci no distrito de Ermelino Matarazzo, bairro próximo de Vila Guaraciaba/Jardim Keralux. Apesar de ter passado a maior parte da minha infância em Ermelino, nunca estive fixo em um único território, circulei muito pela zona leste de São Paulo, meu histórico escolar corrobora isso, transitei no total por seis escolas durante meu ensino fundamental, isso com certeza prejudicou a minha socialização e o meu processo de aprendizagem, mas, quando se vive na periferia e de aluguel, o amanhã geralmente é incerto.

Em 2015, ao término do 9º ano, saí do Itaim Paulista com a minha mãe e fui morar na Rua das Palmeiras, no Jardim Keralux. Em um novo território, o desconhecido estava em tudo, até em mim mesmo. Havia iniciado a minha crise de identidade. Comecei meu ensino médio na escola estadual do bairro, Irmã Annete, e foi difícil, pois, ao comparar com as outras instituições por onde já havia passado, ali era onde ocorria uma falta frequente de professores. Não sabia se era por ser uma escola estadual, se era apenas aquela escola em específico ou talvez o impacto do ajuste fiscal na época.

Ao imaginar o que faria ao concluir o ensino médio, pensava em ingressar no mercado de trabalho e pagar uma faculdade. Ainda naquela época não sabia sobre universida-

des públicas, e nem que a USP, mesmo estando próxima de mim, era uma faculdade. Fui escolhido junto a outros cinco colegas para uma bolsa de pré-iniciação científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a partir daí, conheci a USP Leste, seus cursos e uma iniciativa que estava surgindo, chamada Cursinho Popular EACH-USP (CPE). Já morando na então Vila Guaraciaba, conheci outra iniciativa de cursinho, a Uneafro Brasil. Fui aluno deles e do CPE no meu último ano de escola e, em janeiro de 2018, tive uma das melhores notícias da minha vida, a visualização de um futuro possível. Consegui, com o apoio de muitos, saltar o grande vão que existia entre mim e a USP, sendo o primeiro da minha família a ingressar no ensino superior.

Finalmente, estava acontecendo minha consolidação em um território, minha mãe e eu entramos em consenso de que, ao menos até o final da graduação, iríamos permanecer na Vila Guaraciaba, pois, ainda que mudássemos, seria dentro do próprio bairro. Como estava dentro da universidade e vivendo na comunidade, eu tinha (e tenho) duas perspectivas. Durante meu primeiro ano de graduação, percebi que muitas vezes a comunidade era usada como laboratório por alguns alunos e disciplinas, me incomodava, assim como incomodava a outros moradores. Entre outras situações que observei, a travessia da estação de trem para o bairro não era permitida aos moradores. O que me

diferenciava de outros moradores era o porte de um cartão de plástico com meu nome e o logo da USP.

No início de 2019, ainda estava no período de férias da graduação. Uma mulher que fazia mestrado na USP Leste estava tentando entrar em contato comigo, mas sempre ocorria algum desencontro. Imaginei que seria apenas mais uma pesquisadora querendo informações sobre o bairro, para usá-las em sua dissertação e não nos retornar. No fim, conseguimos nos encontrar e fomos conversando, ela me explicou sobre o projeto e disse que já tinham feito algo parecido no Rio de Janeiro. Me interessei e topei ajudá-la, junto com ela e com uma bolsista do projeto, fui apresentando o que conhecia da comunidade e fomos convidando moradores para uma reunião sobre o censo. Isso foi algo que me impressionou e atraiu: a comunicação com a população.

Entrei para o projeto como articulador local, não poderia ser bolsista, pois tinha vínculo com um outro programa da USP. Minha função era difundir os objetivos da pesquisa, agendar entrevistas para os pesquisadores e fazer a intermediação entre os moradores e as instituições do bairro. Apesar de a USP Leste ser muito interdisciplinar, e de eu ter contato com as pessoas dos onze cursos de graduação desse *campus*, conhecia poucas pessoas de outras unidades da USP, e o projeto me proporcionou isso. Foi muito enriquecedor, já que a pluralidade de ideias era muito grande e

as discussões no horário de almoço no dia a dia do campo comprovavam isso.

Com o passar do tempo, fui percebendo que não conhecia realmente o local onde moro. O trabalho que fazíamos foi me dando a oportunidade de aprender com as histórias, tive contato com os moradores que iniciaram a ocupação do bairro, e que travaram uma luta grande para conseguir energia e água, por exemplo. Conheci partes da comunidade que não imaginava existir, e com isso pude perceber que ela não é homogênea, algumas partes são mais desiguais que outras. Isso foi importante para que eu pudesse aumentar o meu vínculo com o território, mas para que, também, eu pudesse visualizar a pesquisa concluída e entender que, na hora de pressionar por uma política pública, é preciso pensar em todas essas características.

Para encerrar esse relato, preciso contar brevemente sobre a viagem que fizemos em agosto de 2019 para o Rio de Janeiro, com o objetivo de conhecer o trabalho que a ONG Redes da Maré faz há muito tempo no Complexo de Favelas da Maré. Ali, pude vivenciar e ver que, apesar das periferias terem coisas em comum, elas são muito diferentes. O que a ONG tem feito por lá me inspirou em ideias para cá, claro que de acordo com a demanda e a especificidade do nosso território, mas já imaginando como podemos nos organizar e articular para que essa pesquisa seja utilizada para a cobrança por melhorias na comunidade, por produção de

políticas públicas. Sendo estudante de Gestão de Políticas Públicas e articulador local, a minha função não se encerra quando o projeto terminar: tenho a responsabilidade de cobrar e auxiliar no uso dos resultados da pesquisa.

Kaio Gabriel Gameleira da Silva Pinto, 21 anos, morador da Vila Guaraciaba, estudante de Gestão de Políticas Públicas na USP, articulador local no projeto e vice-presidente do Cursinho Popular EACH-USP.

Depoimento de Sebastião Gomes

Nasci no sertão do Ceará. Vim para São Paulo em 1975, atrás de ganhar dinheiro pra mó de ganhar a vida, né? Para São Paulo (viemos) apenas eu, o passageiro e o motorista. Antes eu morava em AE Carvalho (bairro vizinho). Fui parar em Keralux porque consegui comprar um terreno.

Estou no Keralux há 26 anos, sou o primeiro morador do bairro e muita coisa mudou. Tenho para mim algumas coisas que gostaria que ainda mudassem no bairro. Eu queria paz no Keralux, poderia acabar com aquela forrozada, aquele boteco cheio de caixa de som e o barulho de moto. Isso aí, para mim, se acabasse, seria a melhor coisa do mundo, mas parece que não tem ninguém que dê jeito nisso!

Eu iniciei no projeto com um convite e uma indicação do irmão da moça do sacolão, que falou com a supervisora do censo. Aí, passei a trabalhar com vocês. Para mim, foi bom o trabalho que fiz. Não sei se vocês gostaram, mas eu gostei e muito! O trabalho era feito da seguinte forma: pegava a bicicleta com o som alto e andava pelo bairro inteiro, de rua por rua, vareira por vareira, sem parar um segundo, parava apenas nos faróis, o restante era sempre pedalando.

O trabalho com o pessoal do censo foi muito bom e a convivência com os bolsistas também, já com os moradores, nunca disseram nada de mais. Nem por conta do rádio

com a caixa de som, nem por conta das mensagens que passavam em todas as ruas... Nunca disseram nada, apenas se admiravam e achavam engraçado que eu passava pelas ruas com a caixa de som na bicicleta.

Sebastião Gomes da Silva tem 70 anos e é pedreiro. Atuou como divulgador do censo, percorrendo as ruas do Jardim Keralux e da Vila Guaraciaba com a vinheta de propaganda da pesquisa.

Revisitando minha trajetória

Escrever sobre o Keralux é como escrever sobre intimidade, é como visitar a mim mesmo e mergulhar nas mais profundas memórias e lembranças, é como conhecer cada pedacinho de rua, é como ter a sensação de conhecer todas as pessoas, é como sentir sua própria raiz e sentir suas folhas a cada estação, é como acompanhar de perto cada mudança e enxergar esperança.

Tudo começou com a vontade de mudar, sair do Nordeste, da seca, da extrema pobreza e, na cidade grande, trabalhar. Vontade de ter casa, vontade de ter onde morar, sair do aluguel e um terreno “comprar”. A história dos meus pais é parecida com as diversas histórias de pessoas da comunidade que também mantiveram as esperanças e, com muita perseverança, compraram um lote, construíram seu castelo, sua fortaleza, em um lugar dado até hoje, depois de aproximadamente 24 anos, como “invadido”.

Há 22 anos vivo nesse lugar, é exatamente a mesma idade que eu tenho, é como se esse lugar e eu fôssemos amigos de infância. Quantas vezes, brincando de bola, elas caíam nos córregos e tínhamos que pegar, quantos aniversários meus tiveram que ser transportados para dentro do cômodo mais alto, ou onde não entrava água, por causa das enchentes. Quantas vezes minhas pernas pretas ficavam acinzentadas de brincar de pega-pega na rua, quantos chur-

rascos minha família e vizinhos fizeram para comemorar que “bateram” mais uma laje.

Sempre morei na Rua Arlindo Bettio, e até hoje não sei se essa rua pertence ao Jardim Keralux ou à Vila Guaraçiaba, como aparece na conta de luz e de água. Só sei que não era como aparecia na conta de telefone, pois aqui nunca foi Jardim Verônia, talvez esse bairro servisse como ponto de referência para nos localizarem no mapa, assim como outros pontos, como Vila Cisper, Jardim Piratininga, São Francisco, União de Vila Nova, Pantanal, Parque Ecológico do Tietê, Estação Comendador Ermelino e, um pouco mais recentemente, aqui passou a ser referenciado como bairro da USP Leste.

Acompanhei e acompanho a transformação e as evoluções desse local de camarote, procuro sempre as vistas mais privilegiadas para poder revisitar e mergulhar em paisagens antigas em constante crescente, visões essas de acompanhar da laje diversos moradores que vem e vão, atravessando a passarela, o pôr do sol com diversas pipas no céu, as saídas da escola, a minha ida e volta do Centro para Crianças e Adolescentes (CCA), a rua sem saída que sempre tem bola rolando, moto passando e criança brincando.

Estudei na escola do bairro, a Escola Estadual Irmã Annete, até o primeiro ano do ensino médio, onde, durante minha trajetória, a veia artística sempre foi presente e estimada mais ainda por atividades extraescolares, como as vi-

sitas a museus, apresentações artísticas, orquestras, projetos do “Escola da Família”, festas juninas. As batalhas de dança nos intervalos, os saraus, o show de talentos, os cinemas dentro da sala de aula, as atividades do “Recreio nas Férias” e o “Agita Galera”, promovido em parceria com a EACH, em que visitávamos a universidade para praticar principalmente atividades esportivas, de cultura, arte e lazer.

Frequentei o CCA mais ou menos dos meus 12 aos 15 anos. Ali, me sentia potencializado a criar, inspirado a fazer. Estabeleci vínculos afetivos fortes, presentes até hoje, e que me motivaram a dançar, cantar, atuar e acreditar na minha arte e na produção cultural da minha própria comunidade. Basicamente, nesse mesmo período, conheci o Grupo Teatral Espalhafatos, que ensaiava e se encontrava todos os sábados de manhã na EACH. Por um bom tempo, da minha adolescência até os meus 18 anos, fiz parte desse grupo. Meu corpo tem até hoje memórias do chão dos auditórios, minha voz sabe exatamente como reverberar em todas cadeiras.

Procurei me profissionalizar e, aos 16 anos, meus pais permitiram que eu pudesse escolher entre um “trampo” para ajudar em casa ou estudar. Foi quando entrei no curso técnico de artes dramáticas na Escola Técnica Estadual (ETEC) de Artes, onde me formei ator aos 17. Ali, comecei a ter experiências mais profundas com o corpo e comigo mesmo, que me instigaram a explorar novas possi-

bilidades. Paralelo a isso, meu avô materno, que morava no sertão do Ceará, havia sofrido um AVE isquêmico e estava se recuperando das sequelas em um tratamento fisioterapêutico em outra cidade. A partir do momento que passou a se movimentar, ele obteve melhora da saúde de maneira biopsicossocial, mas por infelicidade, além de um corte de recursos estaduais, a ambulância que levava e trazia meu avô da terapia foi cortada, impossibilitando a continuidade do atendimento. Aquilo me gerou diversas sensações, desde a admiração pela fisioterapia até a vontade de ajudar a melhorar a saúde de pessoas nessa situação de vulnerabilidade, de estudar e querer conhecer este corpo que se cura, mas também de revolta, por perceber a desvalorização e a falta de acesso de populações mais empobrecidas a tratamentos dignos de saúde. Foi quando, assim que me formei no ensino médio, com apoio dos meus pais, e de uma bolsa de 50% de desconto da mensalidade, ingressei no bacharelado em fisioterapia de uma faculdade particular, tornando-me o primeiro da minha família materna a entrar na universidade e a concluir uma graduação. Infelizmente, não tive o tempo de ajudar meu avô, mas ainda tenho muitos outros para ajudar.

No meu último ano de faculdade, em 2019, precisando de dinheiro para me manter no curso, arrumei um trabalho vendendo água na rua da universidade, ao lado do metrô. Foi quando senti mais fortemente a discriminação

por parte dos outros alunos da minha turma. Aquilo me cansou não só pelo serviço, mas sim pelas microviolências, que queriam me afastar para longe da graduação. Mesmo assim, não desanimei, existiam motivos maiores que me mantiveram firme.

Logo no início desse mesmo ano, recebi uma mensagem de um amigo de longa data e de muitos carnavais, Kaio Gameleira, estudante de Gestão de Políticas Públicas na EACH. Nessa mensagem, ele dizia que queria conversar comigo em relação a um projeto na nossa comunidade, logo fizemos uma ligação e ele me explicou mais a fundo do que tratava esse projeto. Agendamos uma entrevista na USP Leste. Eu me senti como se estivesse diante de uma das maiores oportunidades de minha vida: foi uma mistura de sensações, procurei no meu guarda-roupa improvisado uma camisa social que tivesse personalidade, a minha melhor calça jeans, um All Star limpo e fui até a entrevista no horário agendado.

Não podia deixar passar essa oportunidade, a minha sorte é que, para chegar lá, era só seguir até o fim da minha rua. Na portaria da universidade me identifiquei, o que para mim sempre foi estranho – ter que me identificar todas as vezes para adentrar a USP –, mesmo que desde criança eu frequente aquele local e, por quase cinco anos, todas as manhãs de sábado estivesse por lá. Mas logo enchi a boca ao me apresentar, falando: “Tenho uma entrevista

com Jacqueline Jaceguai, no prédio Titanic”. O guardinha não embaçou muito nesse dia, continuei meu caminho. Ao chegar na sala, no horário marcado, me recebeu na porta, com um largo sorriso estampado no rosto, ela, Menina Mulher da Pele Preta. Naquele momento, eu não tinha ideia da imensidão e da proporção que aquele primeiro contato iria reverberar na minha vida. Ser entrevistado por Jacqueline Jaceguai para integrar o projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais, do IEA da USP, como articulador local, na minha comunidade, foi um grande momento de representatividade. Naquela salinha trocamos ideias, já nos aconchegamos e compartilhamos nossas pequenas semelhanças. Não me pareceu em nenhum momento uma entrevista formal, o que me deixou mais à vontade para explicar por que queria fazer parte do projeto.

Seria não só um prazer imenso ter a oportunidade de conhecer de modo mais amplo a minha comunidade, como participar de um projeto com lideranças pretas, com uma equipe majoritariamente preta e de gente de periferia, em que a remuneração para mim seria bem maior que uma bolsa e, sim, poder me conectar com minhas raízes e devolver à minha comunidade de certa forma o que ela me ofereceu, seria enxergar esperança em algumas mudanças e gerar reflexão sobre nossas condições de vida e de moradia, além de querer participar de forma mais ativa das políticas públicas para minha gente. Saí da entrevista já vestindo a camise-

ta do time, me senti protegido pela primeira vez para andar pelas ruas e por todos os territórios, essa camiseta continha não somente os nomes do meu bairro, mas também os logotipos do IEA e da USP.

Percebi que aquilo era só o começo do que podia fazer por mim, pelos meus e pelo meu lar. Vi que era esse o lugar que eu deveria ocupar e que ele era meu por direito. Me senti não só articulador local, mas parte de um corpo que articula muito mais do que projetos, que articula sobrevivência, resistência.

Meus dias em campo na articulação começavam com um belo “bom dia” no grupo de Whatsapp, com a vinda da Jacqueline de Cotia em seu carro, sempre ouvindo clássicos da música preta e com uma mensagem motivacional logo às 6 horas da manhã. Muitas vezes, os cafés da manhã eram reforçados com bolos de milho da padaria no Keralux, o exercício matinal era garantido com as longas pedaladas pelo território e, por todas as ruas, recebíamos diversos cumprimentos dos moradores. Alguns eram mais presentes, como Nego Léo, Jonas, Hulk e, entre nossas agentes comunitárias de saúde, em especial, nossa companheira falecida em abril de 2020, a Janete Pereira.

Por muitos dias, receber os meus amigos de pesquisa em campo era como apresentar a eles todos os dias a minha realidade, como dividir as nossas particularidades dentro de contextos parecidos de nossas vivências. Agradeço por

cada contato, por cada conversa, por cada nova experiência de pesquisa discutida numa sala chamada de oval, como na “Casa Branca”, mas a sala não era oval, e sim a mesa que ficava na sala, na qual, ao menos nas quartas-feiras de manhã, a cor que predominava era preta. Ali, me senti ouvido, valorizado e pude perceber o quanto só tinha a acrescentar, a colocar, a pensar, a me posicionar. Senti que ganhei mais do que amigos de trabalho, ganhei mais apoiadores para o meu trabalho artístico, além de pessoas dispostas a me ouvir e a valorizar minhas falas.

Ao receber o convite de minha amiga Jacqueline para participar de um evento intitulado “Novembro Negro” na EACH-USP, enquanto artista, bixa preta, profissional da saúde e da cultura, e poder dividir esse espaço com outras personalidades, pesquisadores, professores, mestres pretas e, principalmente, ao lado da doutora antropóloga Érica Peçanha, naquele momento, não me senti sozinho, me senti representando todos os meus ancestrais, representando a comunidade em que nasci, a comunidade LGBTQIA+, os meus pais e até mesmo os meus futuros filhos.

Este é um breve relato da minha trajetória pessoal e de participação nesse projeto. Entendo que o projeto é apenas um ponto de partida para variadas iniciativas que surgirão com as histórias que se cruzaram e ainda estão por ser escritas. Entendo, também, que os resultados são quantitativos, mas não existem dados que quantifiquem

todo o impacto que isso terá na minha vida. Para a minha comunidade, espero que isso traga resultados palpáveis e que possamos obter mais resultados qualitativos e positivos. Espero continuar engajado e espero ter representado a minha comunidade com respeito e competência.

Agora que já estamos um pouco mais íntimos, prazer, sou **Rafael Pompeu da Silva**, Pompeu para a equipe, Peu Moraes no meio artístico. Articulador local, produtor cultural, multiartista, integrante e vocalista da banda e coletivo Chá da Tarde, do Jardim Keralux, integrante e filho da Casa de Mutatis e, com muito axé, ainda serei muito mais.

A visão de um estrangeiro no censo

Na minha família, todos nos sentimos unidos e agimos pensando também no interesse coletivo. É um tipo de compromisso tácito. Por isso, foi uma decisão de família vir para o Brasil. Nem todo mundo vem para o Brasil porque estava sofrendo no Haiti. Não fui forçado por meu pai a deixar o país, não deixei o meu país por ter uma vida ruim. Não! Eu não vivia na miséria. Eu vivia muito bem no meu país. Tive uma vida boa que me permitiu ter meu sonho de fazer faculdade, de ser professor de literatura e trabalhar por lá.

Quando vim para o Brasil, eu tinha 18 anos. Meu pai me falou que ia ser bom, que eu ia conhecer outra cultura, ia poder estudar, aprender outra língua, e sempre foi meu sonho aprender a falar várias línguas. Cada pessoa tem sua história e veio para cá por diferentes razões. Então, tentei rever as coisas: quais podem ser os meus sonhos no Brasil? Quais podem ser meus objetivos nesse novo país? Agora quero ser psicólogo, estou tentando ver as coisas de outro jeito.

Fui morar no Keralux desde que cheguei. Vi que existe uma grande diferença entre esse bairro e onde morava no Haiti. Quando cheguei, tive dificuldades de me adaptar, demorei muito tempo para me acostumar com o barulho, com o movimento...

Essa dinâmica de ser articulador me aproximou dos moradores no bairro e dos demais imigrantes. Fui entrevistado por uma pesquisadora, ela gostou da minha entrevista e me chamou para ajudar como intérprete das entrevistas com os estrangeiros. O trabalho no censo me ajudou bastante com a língua portuguesa, me fez evoluir. No censo, conheci a USP, o cursinho da EACH, alguns estudantes e as características dos seus cursos. Gostei muito da ideia de ser um intérprete, visto que isso me tornava mais fluente na língua portuguesa.

Ao longo do trabalho, me entendi como um bilíngue e como um articulador que ajudava os pesquisadores a se comunicarem mais facilmente com os estrangeiros em campo. Além disso, gostei de participar das reuniões no IEA-USP, pois me ajudaram a entender melhor como funciona um censo, qual a sua importância, o que significa o trabalho de campo e qual seria o meu papel nessa pesquisa. Gostaria de destacar, ainda, a viagem que fizemos ao Rio de Janeiro. Isso me fez entender muito bem o meu próprio país.

Amei essa experiência de trabalho, foi a melhor que tive!

Charleton Pierre, estudante, 20 anos, nascido em Porto Príncipe, no Haiti. Articulador local e intérprete das entrevistas com imigrantes haitianos no Jardim Keralux e na Vila Guaraciaba.

A quebrada resiste!

Organizo o meu tempo e a minha dedicação a algumas áreas da vida: a trajetória acadêmica, o ato de lecionar (atuo em escolas públicas desde 2004) e a maternidade – sou mãe solo do Kamal Jaceguai, de 8 anos. Em 2018, iniciei o curso de mestrado em Mudança Social e Participação Política na EACH da USP, no *campus* Leste. Durante a pós-graduação, decidi continuar com a pesquisa iniciada na faculdade em Ciências Sociais, onde pesquisava o processo de autoconstrução em favelas. Atualmente, resolvi expandir esse tema, inspirada pelo projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais. Dito isso, nas linhas a seguir vou compartilhar algumas considerações referentes à experiência vivida no projeto.

As relações sociais dentro da USP não diferem da realidade encontrada para além dos muros institucionais: a necessidade de reafirmação constante diante do racismo estrutural e a inferiorização/questionamento da minha produção acadêmica forçam-me a pensar estratégias de sobrevivência dentro de um espaço majoritariamente elitista e embranquecido.

Quando li o edital promovido pela Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência do IEA, sabia que aquela poderia ser uma oportunidade que almejei por muito tempo, quanto mais eu me aprofundava na leitura daquelas linhas,

imaginava como seria a atuação no projeto, realmente, estava diante do que sempre vislumbrei. Entendi que fazer parte do projeto traria satisfações, ao mesmo tempo, responsabilidades que transcendem os projetos padronizados que temos na universidade. Amigos e familiares comemoraram quando viram o meu nome na lista de aprovados para compor o projeto, sabiam que permanecer nesse espaço seria uma conquista importante para todas as pessoas que represento. Ciente disso, participei ativamente do processo de formação e incorporei os conceitos e métodos transmitidos ali. Além disso, trabalhar com as minhas referências teóricas ofereceu a mim segurança e facilitou minha presença em campo.

Pensar o propósito da pesquisa, suas implicações e sua pertinência social nos leva a buscar excelência no trabalho, para além do *status quo* ou méritos individuais. Penso que compromissos estabelecidos com o povo periférico são de certa forma voltar a atenção às potencialidades omitidas historicamente. O trabalho de campo nos possibilitou exercer a escuta, ofereceu um horizonte de expectativas e nos ensinou a importância da ocupação política de espaços antes tolhidos aos pretos e periféricos. Resistir, enfrentar, entender, ocupar e transcender são verbos que norteiam as práticas em nossa trajetória.

Tornei-me supervisora de equipe em Jardim Keralux e Vila Guaraciaba, formamos um grupo que consolidou sua identidade, ao passo que a pesquisa desenhou seus

caminhos. Durante a concretização da pesquisa, alguns fatos chamaram a minha atenção: fortes chuvas e enchentes devastaram áreas mais frágeis do bairro, mas a comoção e o acompanhamento atento da equipe diante dos percalços e enfrentamentos vividos pelos moradores despertaram em mim a consciência de que a estava diante de pessoas especiais, que trariam consigo a gana necessária para executar a pesquisa engajada e comprometida com o caráter público. Adquirimos experiência em campo, sabemos que ações paliativas superficiais não resolvem o problema, aliás pouco corroboram para o fortalecimento e potencialidade local. Entendi que a dignidade humana e o sentimento de pertencer são adquiridos ao mesmo tempo que os vínculos se fortalecem. Muitos moradores nos auxiliaram na execução do trabalho, em sinal de solidariedade nos esperavam estar em campo para dar um “bom dia”, ofereciam suporte local e muitos deles diziam que o vínculo não terminaria ali. De fato, as amizades foram estabelecidas e o mais nobre sentimento se deu.

Diferentemente dos conteúdos veiculados nos canais de informações, que sensacionalizam a pauperização das favelas, conhecemos outras faces das comunidades, as versões que destacam as interações sociais e potencialidades. Existem particularidades específicas naquele espaço, em cada rua uma música diferente, em cada beco e viela, novos cheiros e paladares. Obviamente que seria um devaneio

romantizar as comunidades, essa não é a intenção aqui...! Muitas vezes, durante a feitura do trabalho, ouvimos a favela ser embalada pelo samba, as famílias organizadas em torno da feijoada e até brincadeiras já esquecidas: pique-esconde, pipas, bambolês, pular corda, entre outras; contexto que se manteve ao longo do tempo. Já a solidariedade da vizinhança pode ser percebida em pequenas ações, repletas de sentidos e significados: a exemplo de pequenos produtores locais que, diante do caos, oferecem seus alimentos por um preço simbólico e ajudam a comunidade haitiana (bastante prejudicada nesse processo), além de dar suporte a outras famílias alojadas em regiões mais pobres do bairro.

Por falar em história, a ocupação do Jardim Keralux e da Vila Guaraciaba teve início por volta de 1926, em torno de pátios industriais, hoje desativados. Cortada por uma linha férrea, isolada por rodovias importantes, ainda assim, mostrou-se pouco atrativa aos interesses econômicos. Constata-se sérios índices de contaminação do solo com a instalação de fábricas que lançaram resíduos tóxicos e materiais danosos, contaminando toda a região. Se antes o Keralux e a Vila Guaraciaba foram incentivadas pela iniciativa fabril, hoje o bairro tornou-se basicamente residencial, com presença marcante da migração nordestina, de famílias haitianas, além da oferta de imóveis de baixo custo.

Os enfrentamentos existentes em Jardim Keralux e na Vila Guaraciaba não diferem, em grande medida, das

agruras vivenciadas no dia a dia de cada integrante do projeto. Nos reconhecemos em algumas tomadas de ação, ao passo que muitos moradores recorrem às instituições locais em busca de recursos e apoio, nós, bolsistas, recorreremos ao respaldo institucional para nos blindarmos e termos a garantia de nos mantermos vivos.

Já conseguimos ver alguns resultados frutos do nosso trabalho. Em conversa com algumas lideranças do bairro, acionamos os dados obtidos através do censo para viabilizar o cadastro e a distribuição de alimentos em uma situação emergencial, também fortalecemos as redes comunitárias e participamos de grupos de WhatsApp a fim de nos atualizarmos sobre acontecimentos e novas emergências.

Vi o empenho e a construção de alguns artifícios e estratégias voltadas à manutenção da vida. De certa forma, a equipe de que faço parte incorporou esse espírito, aprendemos pensar a própria realidade a partir da dinâmica em campo. Vivi situações dialógicas que impulsionaram e marcaram minha vida acadêmica e profissional. Para além disso, o projeto transformou meu olhar diante dos fenômenos sociais, conquistei grandes amigos e certamente minha família ficou maior!

Agradeço todas as conversas que transcenderam o sentido acadêmico e possibilitaram perspectivas.

Jacqueline Jaceguai Chagas Nunes dos Santos é bacharel em Ciências Sociais e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política, sob a orientação de Marcos Bernardino de Carvalho. Idealizadora e organizadora do “Novembro Negro” (EACH-USP, 2019). Pesquisadora e supervisora de campo no projeto Democracia, Arte e Saberes Plurais.

Uma quase lembrança do Kera

A senhora por mim entrevistada notou meu resfriado, interrompia a todo momento as perguntas que tinha que fazer a ela, e me disse algo como: “Sabe o que é bom para a gripe? Chá de folha de pitanga”. Falou com orgulho da dica que me dava e da surpresa que me causava. Me surpreendi com a receita, não a conhecia. Agradei, encerrei a entrevista e segui pela Rua Arlindo Bettio. Do bar, um homem me chamou e me perguntou: “Me diz uma coisa, você sabe quantas pessoas moram aqui no Keralux?”. Tive de responder que ainda não tinha os números definitivos, porque a pesquisa não havia chegado ao fim. Enquanto eu o respondia, outro homem apareceu. Este, diferentemente do primeiro, disse: “Olha, quer saber quantos moradores tem aqui? Te dou o número exato, eu sei”.

Fiquei curioso ouvindo aquilo. Segundo ele, o bairro tem quinze mil quatrocentos e noventa e três moradores. Disse que já fizeram uma pesquisa e por isso ele sabia. Veio uma mulher que bebia com os dois homens e o contrariou, dizendo que o número é bem maior: “Basta olhar as casas crescendo, cê não vê? Basta olhar as casas crescendo e outras sendo construídas que a gente sabe que tem criança nascendo e gente chegando para morar”, ela disse muito certa do que dizia. O primeiro homem ia falando para contrariar a moça... Só interrompi para perguntar os nomes de

cada um, naquela altura da conversa, eu precisava saber seus nomes. Esse primeiro é Negão – “me chamo Antônio, mas o pessoal me chama mesmo é de Negão”. O segundo, Seu Madruga – “me chamo mesmo é Alberto, mas, como me acham parecido com o Seu Madruga, me chamam assim”. E a mulher, um pouco mais séria, disse se chamar Maria Dolores – “muito prazer”.

Como eu ia dizendo, o Negão contrariou a moça dizendo que as casas estavam aumentando porque os moradores foram ganhando mais dinheiro e por isso foram construindo cômodos para as suas casas. Seu Madruga não aceitou a tese do Negão. Eu, calado, assistia à uma discussão acadêmica no bar do Keralux: tínhamos teses, antíteses, opiniões e discussões, só não tínhamos como justificar nada daquilo, e eu não tinha muitas informações a dar. Seu Madruga insistiu que o motivo era gente nascendo e chegando para morar, tal como a Maria tinha dito. Para confirmar o que ele dizia, me pediu que interferisse na discussão. Tive de responder que não tinha dados suficientes para provar nada até então.

Ele pensou rápido e logo propôs uma aposta aos amigos. Se os dados do censo provarem que está errado, ele e a amiga vão pagar todas as brejas do mês do amigo. Este, por sua vez, deveria fazer o mesmo: caso estivesse errado, deveria pagar aos dois amigos todas as brejas do mês. Para minha surpresa, Maria e Negão aceitaram a proposta. Saí e

os três ficaram no bar ansiosos pela resposta, isto é, pelo fim do censo, ou melhor, pelas brejas.

Enquanto caminhava pela Arlindo Bettio, ia pensando em quanto aprendo com essa vizinhança, em quanto os acadêmicos têm a aprender com esses moradores. Fiquei me perguntando se alguma pesquisa me diria para tomar chá de folha de pitanga, se discutiria tão bem o número de moradores ou, ainda, me mostraria como surgem apostas. Creio que não.

Caio Gabriel da Silva, 20 anos, graduando em Letras na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, idealizador e organizador do Sarau Marginália e poeta. Acredita na educação e na cultura como instrumentos de (de)formações e construções na e pela periferia.

Impressões de um estudante de gestão de políticas públicas a partir do censo

O campo torna-se um local da experiência, da experimentação, da vivência e do relacionamento com as diversas e inexoráveis realidades que cruzam a própria dimensão do tempo que o pesquisador imagina ter. O olhar do pesquisador não julga, mas observa, interage e reflete permeado pela bagagem individual com a bagagem do entrevistado – contexto importa, o olhar importa, o modo de estabelecer o primeiro contato e a conversa que flui importam, e são determinantes para o desenvolvimento e finalização de uma boa entrevista.

Observa-se nas entrevistas que cada personagem leva uma história singular e, ao longo das interjeições, elas se cruzam: seja a do morador migrante em busca de melhores condições na capital paulista, seja a do morador que estabeleceu ali suas virtudes e seus defeitos. E por que não as histórias daqueles que estão de passagem, na expectativa de outros lugares, outros momentos, movimentos? O campo em sua confluência nos obriga a pensar nos desdobramentos dessas relações, sobretudo quando confrontados diretamente com elas.

O cotidiano do campo revela imensas similaridades com a vida do pesquisador, do estudante, do libertário, do

revolucionário, do futuro gestor de políticas públicas, essas, aliás, que são o amálgama de qualquer possibilidade que se pretenda efetiva na mudança social em territórios periféricos. Sabe aquela história de que cada pessoa é única, que reserva suas peculiaridades, suas diferenças culturais, sociais, políticas, ideológicas? Então. É algo surpreendentemente real: você aprende com cada detalhe, cada erro, cada acerto, com a possibilidade de fazer diferente. É possível se reinventar.

É um fato que a realidade impõe: a mudança no quadro das violências, das vulnerabilidades, da ausência de educação formal, do acesso qualitativo à saúde, da valorização das artes e proposições culturais advindas das periferias perpassam por políticas públicas nacionais, mas também regionais e locais. Daí porque o campo nos sugere que a influência e a efetividade das políticas públicas podem ser quantitativa e qualitativamente melhores quando alicerçadas no reconhecimento dos saberes que surgem nos contextos em que serão aplicadas.

Pensar política pública no território, participando no cotidiano das complexas e multifatoriais questões que afligem, que interrogam, que desafiam e, inclusive, inspiram, constitui uma oportunidade indissociável à formação de quem pretende realizar fagulhas de transformação nos contextos em que estiver inserido, seja como articulador de projetos, tomador de decisão ou no campo estratégico de

governos – constata-se, em campo, que não há política pública efetiva sem que a população diretamente interessada seja amplamente ouvida.

Não vejo que seja possível que o estudante de políticas públicas conclua um projeto dessa magnitude sem se transformar, sem abandonar a arrogância própria que nos incutem na vida, sem pensar nas potencialidades atinentes a todo e qualquer agrupamento social, sem deixar-se abranger por todas as ideologias e as motivações das pessoas – quanto mais daqueles que, insistentemente, têm se fortalecido e desenvolvido suas potencialidades, muitas vezes, à margem das ações do Estado.

Douglas Henrique Santos da Silva, graduando em Gestão de Políticas Públicas na EACH-USP e em Direito na Universidade São Judas Tadeu.

Algumas reflexões que o Keralux me proporcionou

Estar na USP ocupando o lugar de aluna de graduação às vezes me deixa frustrada. As questões de permanência que se colocam contra mim frequentemente me fazem questionar se realmente pertencço àquele lugar. Isso apenas me faz lembrar quão distante eu estava de ter acesso ao ensino superior público, talvez pelo fato da minha família não ter condições de pagar uma escola particular, considerando que desde que vim para o Brasil passei por três escolas públicas diferentes, que me permitiram perceber o grande abandono dos alunos na maioria das instituições da rede pública. Concluída essa etapa, meu sonho de me tornar cientista e professora bateram de frente com as dificuldades impostas pelas universidades públicas no chamado vestibular. Percebi que a minha época na escola não tinha me preparado para o que viria depois, nem a mim, nem ao resto dos alunos e, desde então, foi um longo caminho até a USP.

Com essas e outras ideias na cabeça, começava mais um dia de campo, vestia a camiseta do projeto e pensava “eu acredito nisso aqui”. Enquanto andava pelas ruas do Keralux e olhava as casas que já tinha visitado, lembrava das pessoas que já tinham conversado comigo. Às vezes, era um pai de família preocupado com a educação dos filhos, ou alguma senhora que dependia da aposentadoria para sobre-

viver, uma mãe de família desempregada e com três filhos para sustentar. Olhando fixamente nos olhos das pessoas enquanto ouvia esses relatos, percebia o sofrimento que o descaso com os que mais precisam pode provocar.

A experiência de conversar com os moradores permitiu com que tivesse clareza muito maior do quão próxima à minha realidade é aquela vivida por tais pessoas. Que existia uma vulnerabilidade que fazia com que estivéssemos socialmente próximos. É a insegurança de não saber se haverá alimento amanhã, se o nosso currículo não tem inglês básico, se a doença chega e dependemos de um sistema de saúde precário.

Enquanto ouvia essas reclamações, podia sentir a angústia e a impotência tomando conta de mim ao querer possuir poder suficiente para mudar essas realidades. Mesmo assim, a cada entrevista finalizada, sentia a certeza de estar fazendo parte de algo que acredito ser o começo de várias mudanças; acreditar no trabalho que estava fazendo me enchia de esperança de que a vida das pessoas pode ser melhor, assim como a minha. A cada dia reafirmava a ideia de que é preciso ter clareza da nossa condição e do papel social que desempenhamos, para assim poder lutar pelas nossas causas com toda a força necessária.

Acredito firmemente que todo esse trabalho feito com a ajuda da comunidade irá trazer muitas mudanças e muitos avanços. Espero poder voltar sempre para visitar as

peças para melhor podem acontecer de alguma forma.

Diana Enriquez Cueva nasceu no Peru e mora no Brasil há nove anos com sua família. Tem 22 anos e é estudante de Ciências Biológicas.

Nossas favelas: sentimento de pertencimento através da transformação

Nasci e morei até os quatro anos de idade numa favela chamada Vila Praia, extinta por resultado da desapropriação em massa, que obrigou a minha e centenas de outras famílias a abandonarem suas casas sem nenhum tipo de subsídio. Era localizada na região do Morumbi, zona sul da cidade de São Paulo, bem próximo ao bairro de minha posterior residência: Paraisópolis. Esta que hoje é definida como a segunda maior favela do Estado de São Paulo.

Tendo conhecimento sobre o sucateamento do ensino público em favelas, minha mãe sempre optou por me matricular em escolas localizadas nos bairros que ela julgava “melhores”. Entretanto, por conta de sua potência populacional, econômica, e sua força comunitária, Paraisópolis sempre mostrou ter diversidade de programas e projetos internos voltados ao estudo, trabalho, esporte, arte e cultura, como reforço escolar, oficinas de artesanato, cursos profissionalizantes, futebol, desenho, entre tantos outros. E tal como correr sobre suas ruas e becos, os programas também me transmitiram sentimento de pertencimento àquele local, pois me apresentaram outras pessoas com carências materiais e familiares iguais às minhas ou, por muitas vezes, piores.

Atualmente, sou discente no curso Lazer e Turismo, no *campus* leste da USP. Andando pelos corredores da universidade, me deparei com um folheto anunciando o processo seletivo para bolsas de pesquisa censitária em favelas, especificamente no Jardim Keralux e na Vila Guariacaba (ao lado do *campus* leste), São Remo e Sem-Terra (Vila Clô) (ao lado do *campus* Butantã). Me interessei de imediato, pois ainda não havia presenciado nenhum projeto que contemplasse uma proposta mais profunda, além das meras pesquisas experimentais continuamente realizadas por alunos da USP, mas sim dados com resultados dos quais os moradores pudessem usufruir. Visualizei uma oportunidade de ser um agente transformador dentro da favela, tal como fui transformado durante minha vida. No primeiro contato presencial com os demais concorrentes às bolsas de pesquisa, me encantei. Em sua maioria, os relatos coincidiam em um aspecto: as raízes. Discentes e docentes da USP oriundos da favela, expondo resumidamente seus caminhos até aquele momento, felizes por poder compartilhar suas histórias e serem, de fato, compreendidos.

Após um mês de capacitação metodológica, iniciei a pesquisa de campo no Jardim Keralux. A segunda entrevista que realizei foi com a dona Tereza, senhora com pouco mais de 40 anos de idade, deficiente visual de maneira parcial, dizia enxergar, no máximo, um palmo de distância. Desempregada e sem renda fixa, é responsável por seu neto adoles-

cente, que reside com ela. Dona Tereza me recebeu com o máximo de hospitalidade que podia oferecer, contou-me de sua chegada ao bairro, sobre sua família e suas dificuldades, e por diversas vezes se emocionou e derrubou lágrimas. Finalizei a entrevista e saí de sua casa com um nó na garganta e um tanto confuso sobre o que havia ocorrido. Com o passar do tempo, fui me habituando ao local, ouvindo mais histórias e decorando os nomes dos moradores, pois se sentiam bem ao notar que eu não havia me esquecido deles. Foi então que percebi a sensação de pertencimento, tal como sinto em Paraisópolis.

Este projeto também nos possibilitou conhecer o complexo de favelas da Maré, no Rio de Janeiro, onde tivemos a incrível oportunidade de não apenas ouvir, mas de presenciar os resultados de um lindo trabalho realizado pela Redes da Maré, proporcionando um mar de possibilidades a partir de um censo demográfico. Grande parte da minha família é residente do Rio de Janeiro, em suma, moradores da favela do Acari, localizada na zona norte da capital carioca. Ao mesmo tempo que me senti em casa, por observar características familiares as do Acari, visitar a Maré também permitiu desconstruir paradigmas e ampliar possibilidades, foi visualizar de perto e de modo comparativo a proporção da educação em meio à demagogia política do Estado, foi também ressaltar a importância da luta diária da favela por melhores condições de vida, que foram historicamente tiradas dessa população.

Atualmente, o mundo vem sofrendo com a pandemia de Covid-19, vírus que vem dizimando muitas vidas humanas, e as favelas estão extremamente vulneráveis, pois somam outros problemas, como a fome, a falta de saneamento básico e segurança na manutenção de seus trabalhos, a inacessibilidade à saúde pública e informação, entre tantas outras dificuldades. Em meio à essa avalanche de problemas, o censo já demonstra suas imensas funcionalidades, podendo mapear domicílios com idosos (mais sensíveis ao vírus), pessoas com situação socioeconomicamente vulnerável ou inacessibilidade a saneamento básico, que são aspectos importantes para a prevenção do vírus.

Por fim, é importante enfatizar a força da coletividade neste projeto, ressaltada através do esforço individual de cada componente, seja da coordenação, plataforma, supervisão, articulação ou facilitação. São fascinantes a riqueza de conhecimentos, os aprendizados e as experiências que essa equipe pode proporcionar, com uma proximidade que também possibilita a união em meio a um trabalho tão sensível e importante.

Fagner de Souza Gonçalves, estudante de Lazer e Turismo, homem preto e periférico, cativado pela potência de transformação individual e coletiva da favela.

Visão periférica: uma outra abordagem para dados censitários

O Censo Pontes Vivências e Saberes foi apresentado para mim como um projeto complementar à minha trajetória de envolvimento com a população preta e periférica na zona leste de São Paulo. Criada em São Mateus e engajada no movimento *hip hop*, disponibilizar ferramentas para as periferias e fomentar políticas públicas transversais para as pessoas pretas são temas que desde a adolescência ocupam grande espaço tanto no meu imaginário, quanto nas ações que me norteiam. Dessa forma, a participação no recenseamento foi uma peça-chave para essa formação que já estava em andamento, representando uma intervenção social em larga escala, técnica, política e de utilidade estatal e societal.

Ganhei ciência do projeto a partir do chamamento da minha atual supervisora de campo, Jacqueline Jaceguai, ao Coletivo Denegrir (grupo de negras e negros na EACH da USP), informando sobre oferta de bolsas para estudantes moradores de periferias para um projeto nas favelas vizinhas às USPs Leste e Cidade Universitária. Nada mais significativo, portanto, do que tomar conhecimento de uma ação que visa, além de gerar dados sobre os objetos de estudo, ao estreitamento das relações da universidade com as comunidades do entorno através do coletivo negro que resiste dentro da escola

com maior número de estudantes negros e de escolas públicas da USP.

Em adição a esses fatores que já são responsáveis por boa parte do meu interesse pessoal e emocional pelo censo, como estudante de gestão de políticas públicas, essa foi uma forma de participar diretamente da construção de uma ferramenta fundamental para a elaboração das *policies*: os indicadores. Apesar de gestores comumente terem acesso a dados prontos que estão sujeitos a disputas de narrativas e análises, participar da coleta acrescenta outro olhar ao processo. Com isso, quero explicitar que os dados censitários por si só não expressam a sensação de andar pelas ruas de terra do Jardim Keralux (área de campo em que atuei), da travessia do córrego que passa pela Rua Independência através de pontes improvisadas com concreto e partes de madeira, do som do trem da Linha 12 Safira e nem do calor e amizade proporcionados pelos moradores do bairro, que iniciam abrindo suas casas para responder às entrevistas e terminam oferecendo um bolo e um café recém-passado enquanto compartilham as memórias mais preciosas de suas famílias, provocadas pelas perguntas. Também não conseguem quantificar as memórias afetivas criadas pela equipe na realização de uma pequena pausa em dias quentes para tomar um gelinho de um real na vendinha da dona Val, por exemplo. Ou de uma aula rápida de francês com uma entrevistada haitiana, que era professora em seu país

de origem e não consegue emprego no Brasil pela barreira linguística. Essas experiências têm uma carga valorativa de suma importância e riqueza, cuja relevância e consideração fazem parte do processo de aprendizagem e assimilação dos bolsistas. Para além, contribuem para o engajamento dos pesquisadores nas comunidades em que atuam.

É importante ressaltar que o projeto criou pontes entre indivíduos e grupos que até então não tinham contato uns com os outros e que provavelmente estabelecerão uma relação de longo prazo. Falando especificamente do recorte da equipe atuante no Jardim Keralux, composta, majoritariamente, por não brancos, as próprias pessoas que trabalharam no censo são um bom exemplo. Por conta de a USP ser um ambiente extremamente elitizado e branco, que vem sendo pressionado para a diversificação da sua comunidade e lentamente buscar por essa mudança, alunos negros de baixa renda nem sempre estão conectados para viabilizar a criação de uma rede de fortalecimento. Dessa forma, o perfil dos bolsistas contribuiu para que essa e outras ligações fossem feitas e desencadeou ações e projetos paralelos à pesquisa. Assim, tive um contato maior com a Batalha do Kera, a Ocupação Cultural Mateus Santos e com o Cursinho Popular EACH-USP, composto por Kaio Gameleira (articulador local). Conheci e me tornei fã da Banda Chá da Tarde, que tem Peu Moraes (articulador local) como um dos vocalistas, fui poeta convidada do Sarau Marginália, organizado por Caio da Silva

(pesquisador bolsista) e pude contribuir para a organização do evento “Novembro Negro” na EACH, que caminha para sua segunda edição, juntamente com os pesquisadores bolsistas Fagner Gonçalves, Rafaela Campos, Carla Maria e Caio da Silva, com os articuladores locais Kaio Gameleira, Pompeu Moraes e Laís Rodrigues, com a supervisora de campo Jacqueline Jaceguai, funcionários negros da EACH-USP e outros alunos de graduação e pós-graduação da universidade. Somam-se a isso, evidentemente, amizades e laços afetivos muito importantes que fazem com que sejamos além de uma equipe de trabalho, um grupo de amigos.

Por fim, entendo que o Censo Pontes Vivências e Saberes será materializado em dados que servirão de grande auxílio para que as lideranças dessas comunidades possam embasar suas narrativas e através delas disputarem imagens de políticas públicas. Também espero que sirva de exemplo para outras iniciativas de recenseamentos em favelas e periferias brasileiras, assim como serviu a experiência no Complexo da Maré. Ademais, fico muito feliz em fazer parte desta realização e desejo que esse relato seja uma maneira de manter parte das ligações e experiências vividas documentadas.

Isadora Nunes Ferreira, 19 anos, graduanda em Gestão de Políticas Públicas, poeta marginal e integrante do Coletivo Denegrir (EACH-USP).

Local

Vivi minha vida inteira em Itapevi. Indo para a escola e voltando, indo para o trabalho e voltando, indo para a igreja e voltando. Sem olhar para os lados, sem parar para conversar, sem sentar na calçada durante uma tarde inteira e cumprimentar todos que passassem, colocando o papo sobre o cotidiano em dia. Sem conhecer, sem criar laços, sem fincar raízes para onde eu pudesse voltar quando sentisse saudades de casa.

Engraçado que hoje sinto isso em relação ao Kerala. Não nasci e nem cresci lá, mas me sinto parte. Lembro como é não ter a rua asfaltada e ficar com vergonha de chegar na escola com o pé todo sujo de barro em dias de chuva. Me pego pensando no meio da aula ou do trabalho se a pessoa que entrevistei na semana passada, e me ofereceu bolo e café, está melhor em relação às dores que sente.

Quando estou iniciando um novo dia de entrevistas, no caminho, cumprimento todos que já entrevistei como se fôssemos velhos amigos. Talvez eu seja apenas um pesquisador que aplicou um questionário para eles, mas, para mim, são pessoas que abriram as portas das suas casas, que me ofereceram um lugar para sentar e abriram suas vidas. Mergulho na realidade deles e vejo questões que remetem à minha própria família.

Quantas vezes senti vontade de chorar ao ouvir mães falando sobre seus filhos e lembrar que estou longe da

minha, e que ela deve sentir aquelas mesmas preocupações em relação ao filho que saiu de casa para poder ter acesso à educação. Às vezes, conheço mais de algumas famílias do que da minha própria, sei mais sobre o Keralux do que sobre o lugar onde cresci, sei mais sobre os outros do que sobre mim.

Quero tanto que suas necessidades hoje sejam supridas, eu mesmo gostaria de ser capaz de asfaltar as ruas, canalizar o córrego e possibilitar que toda comunidade tenha acesso ao enorme acervo cultural e educacional da USP. O Keralux agora também faz parte de mim e me sinto como um local. Obrigado por me deixarem entrar!

Como gestor de políticas públicas, ser um dos pesquisadores do censo foi uma das melhores experiências que eu poderia ter. Cresci academicamente, profissionalmente e de modo pessoal. Durante todo o curso somos ensinados que devemos buscar diminuir a desigualdade e que é necessário ouvir a população, mas nem todos buscam caminhos que possibilitem esse contato. Mesmo tendo uma origem muito parecida e próxima à realidade do Keralux, adquirir bagagem como pesquisador de um censo e não apenas baseado na minha vida ou em minhas experiências pessoais foi muito rico.

Em muitas das minhas visitas, acabei desenvolvendo conversas e relações para além do questionário. Não é

possível ficarmos alheios a algumas situações e forçarmos um distanciamento em prol de qualquer pesquisa. Acredito que o envolvimento com a comunidade seja essencial para que um trabalho seja bem feito. Às vezes, algo tão simples quanto uma conversa pode mudar a vida de alguém. Através de ações simples é possível obter impactos tão grandes quanto o de ideias inovadoras e complexas, basta sabermos como aplicar.

Durante todas as conversas que estabeleci, sempre que houve brechas, busquei desmistificar algumas ideias, como a de que a USP cobra mensalidade de seus estudantes, por exemplo, sempre incentivando que essa informação fosse difundida para que mais jovens do Keralux se sentissem motivados a prestar o vestibular de uma universidade de ponta, e tão próxima do local de moradia deles. Debati sobre a importância de políticas públicas com base em dados e de como é essencial que ocupemos todos os espaços que nos foram negados, inclusive, e principalmente, o político.

O censo do Keralux não apenas se desenvolveu de modo que seus resultados possam ter impacto na realidade das comunidades envolvidas, como também possibilitou uma capacitação única e carregada de conhecimento para todos os pesquisadores do projeto, no qual adquirimos experiências acadêmicas únicas em nosso campo de pesquisa. Com cursos e realidades diferentes, e aplicando questionários individuais, nos tornamos únicos mesmo entre nós que

fazíamos parte da mesma equipe. Elaboramos o questionário de maneira conjunta e isso também é algo que nos diferencia de outros projetos de pesquisa similares. Entendíamos o objetivo de cada uma das perguntas e contribuimos de modo que todos ficássemos confortáveis em fazê-las.

Uma das principais motivações para que eu quisesse desenvolver atividades de pesquisa foi, antes de tudo, conseguir ocupar espaços que as pessoas menos favorecidas não conseguem. Acredito que represento uma parcela bem grande da população, que simplesmente não é ouvida e nem sequer consegue estudar e mudar a própria realidade. Quando um jovem pobre e negro, como eu, ocupa um espaço em uma universidade como a USP, e tem a oportunidade de se tornar um pesquisador, não há mais a chance de não querer seguir este caminho, porque ele nos foi negado por tempo demais e sinto o dever de possibilitar que outros como eu adentrem esses espaços. Represento uma juventude que deve se envolver e renovar o que há de velho. Represento uma pessoa preparada que estuda para propor políticas públicas que mudem de modo efetivo a vida da população. Represento uma realidade pobre, preta e periférica que é a que mais sofre neste país. Tudo isso me motivou a mudar a nossa realidade e a abrir caminho para que outros também possam fazer o mesmo.

Jhonatan Ferreira Alencar, bacharelando em Gestão de Políticas Públicas.

O céu é pra todas, menina!

Dona Zefa é uma senhora da Vila. Muito natural vê-la andando pra lá e pra cá perto da Viela 2. Passando a primeira, a segunda e na terceira rua à esquerda, logo depois da tábua de madeira tapa-buraco, sabia-se muito bem que lá estaria a sua casinha rosa, com dois cômodos e porta e janelas abertas, espremidinha, bem organizada e exibida pela viela. Dona Zefa é orgulhosa e caprichosa por seu lugar, e da janela sempre oferecia o que estava comendo.

Todos da Vila sabem quem é Josefina, uma das primeiras moradoras, menos Katita, que era muito nova por ali, mas sempre via a velha ao passar pela Viela 2.

- Bom dia, dona – disse Katita, gentil, como sempre, ao passar ali.

- Bom dia. Cê qué? – Zefa respondia já oferecendo com a mão qualquer coisa que estivesse comendo.

- Ah não, obrigada, cabei de almoçar. Mas, qual o nome da senhora? Sempre a vejo por aqui.

- Hum, hum. Dona Josefina respondeu com olhar sereno e orgulhoso, já sentando em sua cadeira, porque tinha mais o que fazer do que ficar papeando. E, cruzando os braços, tranquilamente, passou a contemplar o céu.

Era um dia de grandes afazeres, aquele em que o salgado cheiro da comida e o barulho de alho frito com cebola refogada avisam o pico de tarde, mas o sol do meio-dia cansou demais Katita.

- Posso me sentar aqui com a senhora, dona Josefina?

- Pode sim, menina, mas me chame de Zefa, hum!

Katita estava desanimada, ouvir o sim sereno da senhora foi acalentador.

- Mas no chão não, né, menina?! Ora, vou pegar uma cadeira pra você, onde já se viu?

- Obrigada, dona Zefa – respondeu Katita já sentando na cadeira de ferro, não sabia se era merecido aquele um minuto de calma, mas era bom – pensando, tirou algo da bolsa.

- Eu tomo remédio, desde menina pequena, tenho uma doença na cabeça, uma tal de epilepsia – disse de subido a velha senhora.

- Não sabia, dona Zefa, sinto muito.

- Sentir pelo quê, menina? Não vivi menos por causa disso não, sempre fui muito esperta da cabeça e boa nas mãos. Uma vez, curei a dor no peito de papai, que também sofria da cabeça. É coisa de geração, né?

Katita sequer conseguia responder à pergunta que veio mais como resposta, já que as palavras saíam rápidas, mesmo com a respiração pesada da mulher.

- Lembro como hoje: papai era assim ó, da minha cor. Que cor é? Cês têm um nome certo, não têm? – orgulhosa, mostra o braço esquerdo para Katita.

- Bem, não sei, dona Zefa, cor preta, eu acho?

- Isso, isso! Bem moreninho ele, muito trabalhador apesar da doença, era baiano, sabe? Morreu sobre uma

cama, tadinho. Disse logo olhando para o céu, buscando acalanto, buscando a memória entre nuvens que abraçavam umas às outras.

- Sinto muito, dona Zefa.

- Hum, hum, parece que só sabe falar isso, menina. Foi num dia que eu era pequena, papai pediu pra eu fazer chá na panela de ferro de mamãe e uma reza no coração dele que doía, e ele me disse que tenho mãos boas, e devo ter mesmo, porque fiz e ele ficou bom!

- Tenho certeza de que sim! A senhora nasceu na Bahia, então?

- Sim, nasci no sítio do papai, lá tinha tanto porco, uma delícia. Um dia ainda visito papai, só não vô por causa das minhas panelas. Vim pra São Paulo bem pequena com dois irmãos, uma irmã e mamãe que logo achou trabalho, mas Zequinha não aguentou a cidade grande e voltou pro sítio.

- Nossa, então faz tempo que a senhora mora aqui na Vila?

- Aqui? – novamente aquela pergunta-resposta indicando não só a vila, mas também o espaço em que estavam sentadas, aquela extensão da sua casa em que o teto não cobria o céu e ela podia voar, podia ver sempre o que buscava entre as nuvens.

- Eu moro desde que casei, mas, quando moleca, ficamos na Favela Buraco Quente, lá perto da Praça Onze, sabe?

- Ah, sei sim. Katita mentiu.

- Eu deveria era ter ficado lá, pois lá conheci Francisco. Seus os olhos ganhando a cor do céu, ela continuava.

- Francisco me amava de verdade, ele queria me mostrar as coisas bonitas e me levar em lugares com o helicóptero do trabalho dele, era policial, sabe? Queria casar comigo! Amanhã vou passar na casa do irmão dele na favela Buraco Quente e ver onde está Francisco.

- Fa-falando e-e-em Fra-francisco de-de novo, mulher? Que-queru tirá um co-cochilo! – a voz gaga do marido dentro da casa não abalou dona Zefa, mas a fez voltar ao chão, deixar de buscar o helicóptero no céu.

- Ele acha que me engana, dois dias fora de casa. Acredita que um dia veio com mulher pra casa? Será que ele tá me traindo? – sussurrou em cumplicidade, sem olhar o marido.

- Eu não sei, dona Zefa – Katita respondeu quase em pânico.

- Hum, hum – dona Zefa volta insatisfeita o olhar para a rua principal, o nariz enrugado e a boca com um biquinho de nervoso, queria mesmo era respostas e não só perguntas de Katita.

Se injuria, entra na casa, dona Zefa grita, libertando-se.

- É um imprestável, a única coisa de bom que me deu foi Júlio César. Eu comprei tudo aqui, menina, essa geladeira em vinte e uma vezes, ainda tô pagando, o fogão de cinco bocas, o armário de cozinha e o filtro de barro tam-

bém. José? O homi não dá dinheiro em casa, nem pra comê! Ele não gosta de dar. Apontando com o dedo o homem já roncando no sofá.

- Mas, realmente, são uma beleza sua geladeira e suas panelas de inox, dona Zefa – disse Katita da porta, em uma última tentativa de controlar a situação, vendo a senhora pegar um comprimido do armário e tomar.

- Mamãe tinha as mais lindas que eu já vi, mas vendemos pra vim pra cá. Quero mesmo é ir pra Bahia, ver o sítio, talvez ficar lá ou não, não sei. Tenho medo, porque minhas panelas podem ir embora também, Júlio já vendeu duas delas pra ganhar dinheiro.

- Júlio César é seu único filho? Deve morar aqui com senhora – Katita volta a perguntar, sentando novamente na cadeira com Dona Zefa ao seu lado, a calmaria voltou.

- Júlio é meu filho, muito inteligente da cabeça e trabalhador também. Já chega do trabalho com fome e já sai pra dançar. E não é que é mesmo? Nossa menina, você me lembrou. Tenho que fazer arroz!

- Tudo bem, dona Zefa, terminei por aqui! Obrigada mesmo por me deixar sentar e olhar o céu com a senhora.

- Que isso, menina, o céu tá aí pra todas, só não vê quem não quer, ele mata minha saudade de Francisco quando escuto seu licóptero, mostra papai já no paraíso falando que tenho mãos boas e avisa quando Júlio vai chegar pra comer porque é hora de fazer a janta.

- Sei que sim, dona Zefa, vi tudo isso hoje com seus olhos.

- Menina, só me responde uma coisa que tô intrigada de tanta pergunta que cê me fez. Quem é você? Não é alguém que vai me tirar da minha casa não, é?

- Não, dona Zefa! Não mesmo. Me chamo Katia, mas pode me chamar de Katita. Estou fazendo uma pesquisa pelo bairro, entrevistando as moradoras pra saber das condições de vida na Vila.

- Hum Hum...

A senhora se levanta da cadeira, lembrando que tinha mesmo mais o que fazer mesmo do que aquele papo furado todo, logo Júlio estaria ali. Por segundos, perdendo a visão do último licóptero passar.

Katita devolveu o *tablet* na mochila e nos cinco passos para sair da Viela 2 ficou feliz em ver lá no céu o licóptero de Francisco, ouvir no zunido dele a voz estrondosa e calma de dona Zefa, dona da casa, dona da vida, dona da História.

Carla Maria é filha da Maria José, estudante de História, responsável por realizar as entrevistas na Vila Guaraciaba. Nasceu e cresceu no Jardim Guaraú (zona oeste de São Paulo). É uma menina mulher da pele preta, aprendendo sua potencialidade em falar e escrever.

Vivências e pertencimentos

Andando pelas ruas do Jardim Keralux, percepções distintas relacionadas ao bairro são encontradas a cada aceite de entrevista. O que um dia foi uma área nova da cidade para mim, expondo um lado que ainda não havia tido a oportunidade de conhecer, se tornou um espaço acolhedor e hostil ao mesmo tempo. Acolhedor com as conversas descontraídas, as risadas e os convites para tomar um café; hostil com a rejeição, os alagamentos e o preconceito racial. Há alguns momentos específicos que ficam carimbados na memória, voltando cada vez que você passa na frente daquele domicílio durante a semana.

São aqueles em que os moradores em questão podem sequer conhecer, mas seus discursos se entrelaçam e formam uma história antes desconhecida. O fato, antes sem personagens definidos, ganha lados e supostos vilões e mocinhos. Em um dia, atrás do muro alto e do portão trancado, uma moradora reclama sobre as casas construídas na beira do córrego e o impacto que teve na presença de insetos e roedores na sua casa, já tendo denunciado a ocupação à Polícia Militar. Na mesma semana, uma pessoa que mora na face oposta às margens comenta sobre sua participação na ocupação em frente à casa, dizendo, com orgulho, que tirou dezenas de pessoas do aluguel.

Os dias que a desafiam como pesquisadora, que carrega consigo o nome da universidade, e a atenção redobrada quanto ao seu posicionamento. É o perguntar se o filho da moradora é transgênero, ouvi-la reclamar sobre “ideologia de gênero” e lhe exigir uma opinião. A dúvida do morador em relação à sua própria identidade racial ao ser perguntado se se enxerga como negro, ou quem você, fora da posição de recenseador, diria que é preto, porém, se classifica como “moreno claro” ou branco.

As situações que servem praticamente como um alívio cômico, dando leveza para entrevistas longas ou que começaram com relutância. O cansaço instantâneo em saber que serão quinze formulários de animais para responder, mas que é inevitável rir com a necessidade de a dona pegar um caderno com o nome de todos para não se esquecer de nenhum. Todas as vezes que a transição do questionário de pessoas para o de animais talvez não tenha sido feita de forma clara o suficiente, com a pessoa falando que seu cachorro tem mais de 60 anos. E, claro, os almoços em equipe comentando sobre os erros e as situações absurdas que acontecem durante as entrevistas.

Foi encontrando outros paranaenses que escolheram a capital paulista como seu novo lar, baianos que vieram de cidades vizinhas às de minha avó, reconhecendo as brincadeiras de sábado de manhã das crianças que me transmitiram uma sensação de casa, mesmo estando a mais

de 900 km de distância de onde nasci. Vejo muito forte em São Paulo a ideia de pertencimento ao bairro ou distrito onde mora, e como isso impacta as suas ações fora dele. Depois de oito meses coletando dados e ouvindo relatos, pude ver de perto pessoas que carregam o Keralux consigo, e que, comigo, tornaram conceitos antes abstratos em ruas, rostos e experiências.

Rafaela Campos, 19 anos, é graduanda de Geografia. Aluna oriunda de escola pública, onde encontrou na temática ambiental uma área para se engajar.

O campo e o setor 43

No dia 5 de outubro de 2019, meus pés pisavam o chão do subdistrito de Bento Rodrigues em Mariana (Minas Gerais), o mesmo chão onde passou uma grande quantidade de rejeitos de mineração oriundos do rompimento da Barragem de Fundão da mineradora Samarco. Naquele instante, enquanto meus olhos marejados viam apenas os fragmentos de modos de vida marcados pela lama, meu nariz captava o odor gerado pelo rejeito seco e meus ouvidos escutavam o som da sirene que não tocou, o meu cérebro já iniciava a reconstrução de tudo o que li e estudei de forma teórica sobre o trabalho/pesquisa de campo, a sua importância e as suas inter-relações com a Gestão Ambiental e outros campos do conhecimento tradicionais e científicos.

Em meio ao anseio de vivenciar e me inserir de modo prático em projetos com pesquisa de campo, iniciei a minha procura por editais com essa premissa em sua proposta. Então, após ler o e-mail de divulgação do edital Democracia, Artes e Saberes Plurais, notei que mais três colegas me mandaram o mesmo, no intuito de estimular a minha inscrição, visto que o edital convergia muito com os meus interesses. Só pude concordar. Após todos os trâmites, fui contemplada nesse projeto que mudou e ressignificou as minhas perspectivas sobre tudo o que eu achava saber sobre mim, sobre a comunidade em que nasci e cresci, o trabalho

de campo em sua forma mais prática e aplicada e sobre o local vizinho à universidade, o Jardim Keralux.

A trajetória inicial foi movida por muita força de vontade e estímulo, mas também era permeada por receios, dúvidas e apreensão. Neste texto, que pincela algumas das minhas impressões, não poderia deixar de citar a importância da supervisora responsável pelo grupo do Jardim Keralux, Jacqueline, e a equipe como um todo, pois a conexão e o entrosamento, intensificados a cada dia, propiciaram uma dinâmica leve no campo, que dissolveu gradativamente a insegurança e as incertezas.

Cada ida ao campo fortaleceu a importância do projeto e cada entrevista era mais que um código, era uma história de vida contada e, algumas vezes, acompanhada por um cafezinho quente. O setor 43 representou mais que um determinado número de ordens, faces e quarteirões, mas em uma tentativa de inter-relacionar minhas vivências à metodologia utilizada em campo, poderia dizer que na face 3 do quarteirão 1 era onde eu fazia uma pausa e tomava um café pequeno acompanhado de um pedaço de bolo de milho, que somavam R\$ 3,00. Na face 3 do quarteirão 3, tomei alguns açais nos dias quentes. Já a face 3 do quarteirão 2 era o ponto de encontro do grupo aos sábados de manhã.

Os meses se passaram e a minha bolsa de pesquisa chegou ao fim. Ela se encerrou da melhor forma: com uma viagem para o Rio de Janeiro para conhecer o pro-

jeto Redes da Maré. Durante a formação e o treinamento no IEA-USP, pensei que seria essencial conhecer a Maré antes mesmo de iniciar o censo, mas, quando fomos ao Rio com aproximadamente oito meses após o início do projeto, percebi ali que os pesquisadores e pesquisadoras que participaram do treinamento em janeiro não eram os mesmos que estavam conhecendo o Complexo da Maré em agosto. Acredito que todos os encontros ao longo do projeto, como os treinamentos, as formações, as reuniões, a confecção dos questionários, a mensuração de resultados parciais, as discussões com os moradores dos bairros e o trabalho de campo resultaram em um processo de ensino-aprendizagem e experiência que inexistem dentro das salas de aulas dos cursos de graduação e foram essenciais para enxergar e sentir o Rio de Janeiro.

Hoje, faz aproximadamente oito meses que a minha bolsa se encerrou e a atual conjuntura de crise epidemiológica escancarou e intensificou as inúmeras desigualdades e reforça a importância da Democracia, das Artes e Saberes Plurais, das Pontes e Vivências de Saberes e das Conexões com as Periferias. Encerro aqui o meu relato e declaro a minha admiração e consideração por esse projeto que já contribuiu e tem muito a contribuir para fortalecer as potencialidades e reduzir as vulnerabilidades do Jardim Keralux, da Vila Guaraciaba e do Jardim São Remo.

Sou **Victoria Caroline de Souza Alves**. Nasci e cresci no Heliópolis, mas precisei participar do recenseamento de outra comunidade na zona leste para ter outras percepções do lugar de onde vim. Atravesso a cidade há quatro anos para obter o diploma de Bacharelado em Gestão Ambiental, no intuito de participar ativamente no processo de transformação da realidade sob as óticas da Educação Ambiental Crítica, de elementos artísticos e da Redução de Risco de Desastres.

Relatos de uma pesquisadora

Sou Raquel Pereira Ires, tenho 24 anos, sou moradora de periferia e moro no bairro Jardim Piratinga, próximo ao Keralux, com realidade parecida. Estudei a vida inteira em escola pública e, tal como para muitos jovens moradores do Keralux, a USP era um sonho distante para mim. No entanto, através do cursinho comunitário da FEA-USP, percebi que era possível conquistar o meu espaço em uma universidade pública. Com muito esforço, ajuda de professores e colegas, consegui entrar no curso de Geologia. O que foi uma grande vitória, e por isso um dos meus maiores desejos era mostrar para outros jovens de periferia que é possível conquistarmos uma vaga em universidades públicas. Porém, ao entrar na Universidade me deparei com outras dificuldades, como o tempo gasto em transporte público, a carga horária excessiva, as provas, os trabalhos, e a falta de tempo e por isso tive de abrir mão de outros projetos para conseguir permanecer no curso. Depois um tempo me deparei com o Censo Pontes e Vivências de Saberes. Logo tive interesse pela possibilidade de estar em contato com realidades parecidas com a minha.

Ao entrar no projeto tive contato com outros pesquisadores e pude conhecer suas histórias e perspectivas de vida, o que também me ajudou a mudar alguns pensamentos e acrescentou no meu aprendizado como ser humano. Além

disso, tive a oportunidade de ter um maior contato com o bairro de Keralux, pois, apesar de morar próximo, não tinha o costume de frequentá-lo. Assim, conheci melhor seus habitantes, sua infraestrutura e relação com a universidade próxima ao bairro. Descobri que a maioria nunca entrou na EACH e nenhuma das famílias que entrevistei tinha algum parente que estudasse lá. Também foram relatados para mim vários problemas frequentes do bairro, como por exemplo, a proibição do acesso ao metrô por dentro da universidade, o que facilitaria a vida de muitos moradores. Outro problema relacionado à vizinhança com a USP é a falta de projetos que aproximem a Universidade da comunidade, permitindo que pessoas de todas as faixas etárias possam ter acesso a esse ambiente. Além de outros problemas do bairro, como falta de asfalto, enchentes, segurança e oferecimento de Educação de Jovens Adultos (EJA) em lugar próximo para aqueles que desejam concluir o ensino médio. Essas foram alguma das insatisfações citadas por moradores durante as entrevistas. Porém, muitos moradores também declaram que a presença da USP trouxe maior valorização e crescimento para o bairro.

Com certeza, essa foi uma das melhores experiências durante minha trajetória na universidade, pois pude trabalhar melhor minha comunicação com as pessoas, a maneira certa de abordá-las, como interagir, saber escutar, argumentar e lidar com diversos tipos de situações, coisas que geralmente não aprendemos na prática das disciplinas universitárias.

Ser pesquisadora para mim não foi apenas ter um método a seguir, ligar o *tablet* e aplicar um questionário, tive que estar com a mente e o coração preparados para tudo que iria ver e escutar. Achei incrível como muitas dessas pessoas abriram a porta de suas casas, abraçaram e defenderam o projeto, muitas delas ainda compartilharam comigo suas histórias de vida, medos e opiniões. Me deparei com muitas histórias tristes que me fizeram refletir sobre questões da vida, por outro lado, também me deparei com histórias de luta, conquistas e felicidade que me fizeram ter mais esperança sobre o mundo.

Apesar de muitas pessoas contribuírem, também tive que lidar com desafios, como pessoas que não quiseram colaborar com a pesquisa, problemas climáticos, dificuldade de encontrar os moradores, pois muitos trabalham de segunda a domingo. Além disso, o bairro possui muitos locais que têm aglomerações de casas, e muitas delas são casas de aluguel, onde há grande rotatividade de inquilinos.

Independentemente dos problemas, foi muito gratificante ver a união da equipe de Keralux para lidar como todos eles, sendo que o comprometimento e os laços criados só potencializaram ainda mais o trabalho e o tornaram prazeroso. Além disso, todo cuidado, atenção e reuniões de toda a equipe do projeto fizeram com que essa experiência se tornasse uma das melhores da minha trajetória acadêmica.

Raquel Pereira Ires, graduanda em Geologia. Moradora da periferia, advinda de escola pública e cursinho popular, e alguém que acredita que a educação pode transformar vidas.

Minha participação no Censo Pontes e Vivências de Saberes

O Censo Pontes e Vivências de Saberes é um projeto da Cátedra Olavo Setubal que tem o objetivo de levantar dados socioeconômicos, culturais entre outras informações que evidenciem a realidade vivida pelas comunidades vizinhas à Cidade Universitária e à EACH. A primeira etapa do estudo consiste em fazer um censo demográfico nessas áreas periféricas situadas nas zonas Oeste e Leste da cidade de São Paulo. Embora essas regiões tenham características urbanas diferentes, é preciso entender as relações que estão inseridas nesses espaços de maior vulnerabilidade social.

A existência dessas comunidades vizinhas já caracteriza a importância de um censo demográfico. Além disso, o projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais foi inspirado pelo censo da Maré que aconteceu no Complexo de Favelas da Maré, localizado no Rio de Janeiro. Na obra *A ocupação da Maré pelo exército brasileiro: percepção de moradores sobre a ocupação das Forças Armadas*, escrita por Eliana Sousa Silva, que também é diretora da Redes da Maré, a autora apresenta os dados levantados a partir do censo demográfico realizado na Maré e imprime diferentes olhares de como a população percebe a ocupação das forças armadas, tal como no trecho:

O fato demonstra que ainda há um longo caminho a ser percorrido no campo dos direitos humanos no País para se garantir que qualquer pessoa, independente de onde resida, da cor da sua pele, sua condição de gênero, sexo ou faixa etária possa se sentir cidadão plena. Diante da falta de reconhecimento do direito à segurança pública no seu dia a dia, os moradores das favelas e periferias, da mesma forma que fizeram para garantir serviços e equipamentos urbanos, desenvolveram arranjos locais próprios, para ter acesso a ele, para definir as regras de uso do espaço público e lidar com eventuais práticas criminosas que ocorressem no território local¹.

Como podemos observar nas palavras da autora, enfrentamos muitas violações dos direitos humanos em nosso país, ainda mais nas nossas periferias. Outro ponto importante levantado por Eliana são as ações autônomas que os moradores adotam diante das adversidades enfrentadas em seus espaços. Mesmo que o exemplo da obra seja o contexto do Rio de Janeiro, os estudos nos apontam diversas semelhanças nas problemáticas dos locais periféricos, como o próprio contexto de formação das periferias urbanas.

EACH, Jardim Keralux e Vila Guaraciaba

As comunidades de Jardim Keralux e Vila Guaraciaba ficam localizadas na zona leste da cidade de São Paulo e fazem parte da vizinhança da EACH, inaugurada em 27 de fevereiro de 2005. Localizada no distrito de Ermelino Matrazzo, próxima ao parque Ecológico do Tietê e às margens da Rodovia Ayrton Senna, esse *campus* universitário existe há 15 anos, porém, as comunidades já existiam e ocupavam esse espaço antes da sua inauguração.

O tempo de inauguração da EACH até o período de existência desse território tem forte relação com a expansão de Jardim Keralux e Vila Guaraciaba, fato que pode ser constatado através do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado em nosso país a cada 10 anos. O Censo Pontes e Vivências de Saberes adota a mesma metodologia aplicada pelo IBGE para recensear os moradores.

O recenseamento desses territórios começou em 2019 e estendeu o prazo de término da pesquisa para 2020. Os resultados prévios de números de entrevistados e a quantidade de domicílios recenseados no período de um ano demonstram a expansão territorial e o fluxo de pessoas concentradas nesses espaços. A partir dos resultados gerados pela pesquisa, podemos compreender a formação dos territórios vizinhos e as relações que existem entre o espaço acadêmico e o espaço periférico.

Experiência em campo

Sou responsável pelo recenseamento dos setores 32 e 59, localizados no Jardim Keralux. Os dois territórios dividem a rua asfaltada chamada Bispo Martins, e cada setor apresenta ruas sem asfalto e outras asfaltadas. Essa característica da comunidade é um fator que causa insatisfações aos moradores. Outro problema que o bairro enfrenta é o córrego a céu aberto localizado na rua Independência, no setor 59. Além de ser um exemplo de falta de saneamento básico nessa região, também é um fator de risco para os moradores que vivem às margens do córrego.

Entrevistei duas moradoras que vivem às margens do córrego e a sensação de desilusão era nítida em seus rostos cansados: ambas têm filhos e netos pequenos que crescem e brincam ao lado das águas poluídas. O sonho de ambas é ver esse córrego canalizado e a rua asfaltada. Como pesquisadora, não posso levar qualquer tipo de solução ou promessa para essas famílias, o que posso oferecer são as palavras de consolo e a esperança de que essa realidade mude.

A experiência que o projeto nos proporciona vai além dos métodos científicos, é sentir, ouvir, tomar um café e abraçar as famílias que carecem da nossa capacidade de se colocar no lugar do outro. No final do questionário perguntamos se o entrevistado gostou da entrevista e, mesmo com

a curta disponibilidade, os rostos sorridentes nos respondem com “sim”.

Nos últimos anos, o incentivo à pesquisa brasileira tem sofrido cortes e ataques que geraram abandonos de milhares de pesquisas, pois, basicamente, é impossível manter uma pesquisa e uma colocação no mercado de trabalho ao mesmo tempo. Em tempos de pandemia de Covid-19, é necessário pensar o que alimenta a nossa capacidade de manter as nossas pesquisas e acredito que o sentimento de esperança é o que move a sofrida pesquisa brasileira.

Amanda Escobar, moradora da zona leste da cidade de São Paulo, 26 anos, cursa o quarto ano de graduação em História. Foi estudante de escola pública a vida toda e teve dificuldades para ingressar na tão sonhada universidade pública, mas teve a sorte de encontrar pessoas que a incentivaram e também a ajudaram.

Referência

1. SOUSA SILVA, Eliana. **A ocupação da Maré pelo exército brasileiro: percepção de moradores sobre a ocupação das Forças Armadas na Maré**. Rio de Janeiro: Mórula, 2015, p. 24-25.

Caminhos e sentimentos

No final de 2018, fiquei sabendo de um processo seletivo do IEA da USP que escolheria pesquisadores para atuarem em um projeto amplo e interessante de mapeamento das relações entre a universidade e a periferia, incluindo um recenseamento em bairros próximos aos *campus* universitários da capital: Jardim Keralux e Jardim São Remo. Na época estava precisando de um trabalho, pois pagava aluguel e a minha última bolsa havia acabado alguns meses antes, me deixando em uma situação financeira difícil.

O projeto incluía três frentes: Centralidades Periféricas, Conexões USP-Periferias e Pontes e Vivências de Saberes. Estava mais empolgado com as duas primeiras, nas quais haveria menos contato interpessoal, mas acabei sendo selecionado para a participação no terceiro, que era a realização do censo nos bairros próximos aos *campus*. Na oportunidade escolhi como local de trabalho o Jardim Keralux, por ser próximo à faculdade onde cursava Lazer e Turismo e também por sentir um carinho especial por ele, pois tinha contato com o bairro desde 2013.

Apesar de o censo não ter sido meu desejo inicial, encarei a escolha como uma oportunidade de conhecer melhor o bairro e seus moradores, além da região onde estava acostumado a frequentar, e tive sucesso nisso. Conheci dezenas de pessoas, ouvi várias histórias e passei a conhecer um lado do

bairro que não imaginava. O acolhimento foi fantástico e faltam palavras para descrever a gratidão que sinto pela forma como essas pessoas receberam toda a equipe.

Hoje me sinto praticamente em casa quando estou no Keralux, como se estivesse no meu próprio bairro. A experiência, de certa forma, me fez lembrar do bairro onde cresci, no interior de São Paulo, até porque nos quatro locais onde morei na capital do estado (Itaquera, República, Tatuapé, Belém) não tive nem um pouco da familiaridade e do acolhimento que tive no Kera, como chamamos, carinhosamente, o bairro. Muitas pessoas que conheci através desse trabalho me cumprimentam até hoje, mesmo depois de meses da entrevista, quando me encontram no próprio bairro, no transporte público ou em outro ponto da cidade, como já ocorreu.

O trabalho no Keralux foi muito importante para o meu crescimento pessoal, mais do que qualquer disciplina universitária que já cursei. Foi uma experiência marcante, cujos percursos cotidianos me levaram a escrever um poema:

Linha Doze Safira
Dois Cinco Noventa
Dois Cinco Cinco Um
Dois Cinco Oito Dois
O caminho primeiro
O objetivo depois

Vários sentimentos
Que surgem sorrateiros
De alegria a entusiasmo
A ansiedade e lamentos
A visão de um forasteiro
Que se sente em casa, pleno
Mas por diversos motivos
Se sente perdido, disperso
Quer ser livre mas certo
Segue pela Assis Ribeiro
Mas a cabeça não ajuda
E o corpo entra em desespero

Agora o caminho é outro

Dois Dois Noventa
Setecentos e Dois U
Sete Quatro Onze
Setecentos e Dois C
Eventualmente ela de novo
Dois Cinco Oito Dois
O caminho primeiro
O objetivo depois
Poucos sentimentos
Sempre positivos
Alegria e entusiasmo

A ansiedade não tem pico
O que há de diferente?
O que muda no sentido?
Introspecção?
Contato pessoal?
Liberdade?
Condição espacial?

Volta ao objetivo
Aquele inicial
Sensação de entusiasmo
No período matinal
Assim como fora
No começo anterior
Sentimentos variados
Realização e amor
Ao final do período
Mesmo com cansaço e dor

Richard Melo da Silva, estudante de Lazer e Turismo, técnico em informática para internet e apaixonado por estudar as dinâmicas das cidades.

Existe, sim, amor em SP

Sou um desses cariocas que gostam do Rio de Janeiro e amam São Paulo. Quando chegou o convite para trabalhar nessa cidade, em favela, revivendo um censo, aceitei com o maior prazer. Lembro ainda o primeiro contato feito pelo Dalcio, nosso Coordenador Executivo.

Nessa empreitada em terras paulistas, tive o privilégio de ser coordenador de campo e, por esse motivo, circular bastante pelos territórios e narrativas em diálogo. A experiência de circular por espaços ampliados, além dos turísticos, foi ao mesmo tempo enriquecedora e dinâmica. Conhecer São Remo, Jardim Keralux e Vila Guaraciaba me apresentou novas paisagens. Como amante da capital paulistana e de suas possibilidades de trocas, estava lá, sempre que tinha uma desculpa, ainda que fosse a mais esfarrapada possível. Mas nunca em favela.

Com o censo, tive acesso a três mundos singulares cravados na cidade que foram se descortinando ao longo do trabalho e nos contatos travados com os moradores e pesquisadores. Essas três favelas compõem um mosaico de peças que se encaixam e se complementam de maneiras muito complexas, de tal modo que mesmo Keralux e Vila Guaraciaba, muito próximas uma da outra, se constituem com dinâmicas variadas. O que só reforçou a necessidade de realização ideia do censo, por meio do qual sejam extraídos

instrumentos que nos permitam conhecer mais profundamente cada lugar e suas particularidades.

Imbuído desse compromisso, aos poucos fui conhecendo os territórios, nos quais fui sempre muito bem recebido. Uma ilustração dessa recepção amigável se materializa nos mapas que ganhei de uma moradora que acabara de me conhecer e que me ajudaram bastante no trânsito por aqueles espaços e posteriormente nas orientações que transmitia aos bolsistas. Além disso, importa observar ainda outro ganho desse projeto: algumas das lideranças locais, inicialmente, pontes que facilitariam nossa entrada nesses territórios, depois se tornaram nossos parceiros de trabalho, como Ericsson e Rosângela.

Na esteira do levantamento de aspectos positivos, destaco ainda que foi ótimo estar nas primeiras reuniões com moradores e instituições locais para explicar o que faríamos. Perceber que aos poucos fomos ganhando a confiança deles e ao mesmo tempo levá-los à compreensão de que eles eram fundamentais para o sucesso da nossa empreitada e, mesmo no pós-pesquisa, me deixou particularmente feliz de fazer parte disso. Entre outras razões, porque a apropriação dos dados que produzimos pela população local é um dos objetivos centrais desse trabalho, que quer ser acessível e prática, mais do que uma pesquisa esquecida em um arquivo da universidade, sem viabilidade. Nesse recorte, não há como esquecer a reunião de Keralux e Vila

Guaraciaba, realizada em uma escola, na qual uma moradora, de forma muito espontânea, espantou qualquer possibilidade de uso do nosso trabalho para fins políticos partidários. Assistir aquela discussão foi impagável e inesquecível, porque também essa oportunidade apontava para o fato de que estávamos no caminho certo.

Depois vieram os bolsistas e a capacitação, com a construção dos instrumentos de coleta, processo rico e bonito de acompanhar, de perceber a apropriação do trabalho e o quanto essa juventude tem a contribuir e, finalmente, o campo. Os articuladores e facilitadores merecem menção particular. Em especial Rafael Pompeu, carinhosamente chamado Peu, e Camila, essas pessoas, além de estarem como os outros trabalhando incansavelmente para tornar o projeto mais próximo aos moradores, também, de maneira incrivelmente gentil, abriram seus lares para que toda a equipe almoçasse, lanchasse, fizesse confraternizações de aniversários e tudo o mais que a gente precisasse. A vocês dois, pela generosidade, não poderia esquecer de agradecer por afirmarem esse espírito de coletividade e afeto que a favela tem.

Por fim, quero sublinhar que foi e tem sido linda a troca com toda a equipe de bolsistas, pessoal do IEA, além de Eliana e Dalcio, que conheço de outro censo e carnavais. Aos moradores, articuladores e à Érica, ensinei um pouco dos conceitos e metodologias de cobertura de campo e em troca aprendi tanto sobre a vida, em seu aspecto mais amplo,

com todos, que só tenho a agradecer por essa oportunidade.

Quando recém-ingressado no curso de Geografia, aceitei trabalhar no Censo Maré, mas nem nos meus melhores pensamentos poderia me imaginar trabalhando em outro censo em favelas de São Paulo, com a USP, dentro do IEA e vivenciando tudo isso. Todo esse caminho revela que a vida é muito imprevisível e o que será desses dados também, mas espero que sejam muito usados e que muitas políticas e boas ações possam se desenvolver a partir deles. Parece bobagem, mas é sensacional ver algo sobre a cidade e pensar: “Isso fica perto de São Remo e Keralux, vai afetá-los de algum modo?”

Minha relação com São Paulo mudou muito com esse trabalho. Como geógrafo, perceber em campo, vendo na prática aspectos espaciais da maior metrópole do país, tem valor inestimável para o profissional e para o cidadão que sou. Meu coração agora também ama SP.

Everton Pereira da Silva, pai do Edgar, geógrafo e tecedor da Redes da Maré. Carioca, apaixonado por São Paulo, mas de origem familiar do maior fluxo migratório do Brasil.

**CENSO NO JARDIM SÃO REMO E
NO SEM-TERRA (VILA CLÔ)**

Depoimento de Rosangela Ferreira

Moro na São Remo há aproximadamente 40 anos. Tenho um carinho muito grande e recordações belíssimas de mudanças que ocorreram por aqui no decorrer do tempo: posto de saúde, canalização de água e esgoto, asfalto, construções de alvenaria, espaço destinado ao lazer e esporte, iluminação pública e cursos profissionalizantes.

Mas, certamente, se houvesse um comprometimento maior das instituições públicas, focaríamos em outras demandas. Os trabalhos realizados pelo poder público, embora sejam benéficos, não são duradouros. É como se tivessem data de validade e acabam tendo que ser refeitos porque apresentam algum problema. É como se o trabalho não fosse bem executado ou o serviço fosse oferecido de qualquer jeito para a população.

Minha história de engajamento social começou em 2010. Eu fazia parte grupo de pessoas que utilizava a quadra da comunidade, bem precária, para a prática de vôlei. Em 2012, a quadra passou a ser utilizada como garagem e, por vezes, não conseguíamos utilizá-la por falta de espaço. Nessa época, já tinha uma filha, então pensei: “Nossa, se permitimos a continuidade desse avanço não teremos lugar para jogar e as crianças não terão lugar para brincar”. Foi então que, naquele mesmo ano, criamos a Associação Poliesportiva São Remo, a fim de garantir que o espaço de fato

fosse destinado à população, pois somente com a instituição constituída poderíamos buscar parcerias e fazer melhorias no espaço. Também a convite das instituições fiz parte do Projeto Alavanca e da Associação de Moradores. Mas me identifico mais com a área esportiva.

Sobre a relação entre a São Remo e a USP, posso dizer que sempre existiu uma barreira entre universidade e comunidade. Sempre fomos colocados do lado de cá dos muros. Só que acredito que a universidade tem todas as condições para melhorar a vida da população, muitos projetos poderiam ser realizados de acordo com as demandas que existem na São Remo. Poderiam nos ajudar a escrever projetos para que pudéssemos buscar parceiros para a realização. De certo, muitos estudantes com seus diplomas utilizaram a comunidade para alguns trabalhos, teses, etc., e poderiam se preocupar em nos devolver parte desse conhecimento.

Quanto ao censo, abracei a causa desde quando a gente teve a reunião e entendeu qual a importância do censo aqui na comunidade. Eu falo do censo tanto como moradora, quanto como representante de uma comunidade. A gente entende que é importantíssimo ter esses dados porque são dados que a gente não tem. Por exemplo, a gente quer ter um projeto de vôlei na comunidade, legal, mas quantas crianças tem aqui? Qual a faixa etária quero atingir? Qual a faixa etária mais vulnerável?

Então, entendo isso de duas formas: eu entendo que isso é importantíssimo para nós e entendo que cada entidade aqui dentro, se souber trabalhar com esses dados, vai conseguir fazer muita coisa aqui na comunidade. Cada um no seu foco: se apropriar desses dados e usá-los do modo como eles têm que ser usados, de maneira responsável, acredito que muita coisa vai melhorar. Esta é minha expectativa não só como articuladora, como moradora, mas também como representante de uma comunidade. É assim que eu entendo a importância deste projeto.

Rosangela do Nascimento Ferreira nasceu em São Paulo, tem 43 anos, ensino técnico incompleto e duas filhas. Articuladora local no Jardim São Remo e no Sem-Terra (Vila Clô).

Depoimento de Eraldo da Silva

Sou o Eraldo, moro na comunidade há 40 anos, vim para cá eu tinha um ano de idade, antes morava na Cohab. Quando cheguei aqui era barraco de madeira, era comunidade mesmo, tinha poucos barracos, não é que nem hoje em dia, que a comunidade cresceu cinco vezes mais. Antes não tinha casa com laje, era barraquinho de madeira, até os que tinham dois andares eram de madeira também, porque não tinha alvenaria, apenas três casas naquela época. Eu tinha uns 7 anos e fui tendo uma noção melhor das coisas. Hoje em dia, você entra numa casa e ela se transforma em várias casas. Então, a comunidade aumentou umas cinco vezes mais, com certeza...

Para mim, está sendo muito importante trabalhar no censo, conhecer pessoas novas, fazer amizades, é muito legal. É um trabalho muito importante para nós da comunidade, pelo que entendi. Então, a gente está dando todo apoio possível, principalmente para os estudantes que fazem um trabalho, a gente está fazendo um trabalho para eles se sentirem em casa, à vontade para fazer as entrevistas. Estou fazendo toda a comunicação para eles fazerem o trabalho deles, principalmente com a rapaziada, o pessoal já está todo ciente do trabalho. E o mais importante é o respeito, a gente pede para o pessoal respeitar o trabalho deles e eles respeitarem o pessoal.

Eraldo da Silva é trabalhador autônomo, casado com Camila Santos. Articulador local no Jardim São Remo e no Sem-Terra (Vila Clô).

Depoimento de Camila Santos

Morar na São Remo é bom. Moro aqui desde quando nasci, há 35 anos. Meus pais chegaram quando aqui era asfalto. Asfalto, não, quando era barro... só barro! Mato para todo lado. Aí, cada um foi construindo a sua casinha de madeira. Lembro que meu pai tinha um bar no campo e esse bar era feito com madeira e lona, e era muito legal. Ele tinha um bode que era o divertimento da criançada, porque o pessoal ia lá para o campo jogar bola e aí a gente ficava lá brincando com o bode.

Era uma época que as pessoas respeitavam mais as outras e a gente se sentia mais feliz. Pela simplicidade de morar, pelas músicas, porque era só baile de samba-rock e lambada. Até hoje, você conversa com o pessoal, e o pessoal fala: “A São Remo não é como era antes”. Muita coisa mudou...

No momento, tem coisas que estão sendo muito ruins, porque tem muita dificuldade, as pessoas sofrem muito porque tem muita gente que paga aluguel aqui. O que mudou para melhor foi a construção das casas, de estabelecimentos... aqui tem de tudo, tem um hospital do nosso lado, tem farmácia, tem comércio. Mas a forma de convivência, antigamente, era melhor do que a de hoje, porque também você podia deixar a porta de casa aberta. É isso... moro aqui desde quando nasci e eu gosto de morar aqui, mas acho que a forma de antigamente era melhor do que a de hoje.

Eu me imagino fora daqui só se for para ir para Ibiúna⁵, porque lá é muito sossegado. Se for para ir para outro lugar, não vou, porque é na São Remo que me sinto segura, independentemente das coisas que acontecem por aqui, me sinto segura. E tenho prazer de morar na minha comunidade.

Sobre a USP, vou dizer que é como se a USP fosse uma mãe para mim, e por quê? Porque eu tive meu filho no HU, o Hospital Universitário. E, graças a Deus, sempre que precisei, quando meu filho ficou doente, porque meu filho tem bronquite, cheguei lá e o meu filho foi atendido. Quando eu quero tirar um lazer é para lá que vou, me sinto bem, ando tudo aquilo lá com o meu marido... E acho que se for para você pegar os seus filhos, andar de bicicleta, acho que a USP te favorece bem. Mas, a USP é fechada, a gente não pode tirar um lazer legal porque toda hora a polícia passa e tem alguns locais fechados para a gente. A gente entende que a USP é daquele lado, e a São Remo deste. Só que, para quem sabe aproveitar, acho que a USP é como se fosse uma mãe.

No censo, sou líder dos estudantes, acompanho a rotina deles, eles acompanham a minha também, todos os dias. Cada dia, eu aprendo com eles. Acompanho eles em tudo, não largo deles, não deixo eles sozinhos, procuro que se sintam o mais à vontade aqui dentro. E, a cada dia que passa, as pessoas estão acolhendo mais os estudantes. Às vezes, eles passam, ganham um beijinho, mesmo quando não

5. Município do estado de São Paulo.

estão em dia de entrevista, estão só passando...

A gente também está no censo pela amizade de todos, porque a gente gosta de todos. Para mim, essa experiência de trabalho foi muito prazerosa, sabe por quê? Porque aprendi muita coisa com os estudantes, com o Danilo que é o supervisor, uma pessoa que tem muita paciência, ele tem uma paciência de gigante. Aprendi a lidar com as pessoas, a trabalhar com o público... tudo bem que sempre trabalhei com público, mas o censo me trouxe mais.

O censo trouxe um outro jeito de a gente olhar para a São Remo, porque trouxe um incentivo: “Nossa, vou fazer o censo e tal... será que vai mudar? Será que vai ser igual à Maré?” Porque a gente conheceu tantas instituições lá, ações para LGBT, para o pessoal de rua, para as mulheres. Então, adoro fazer o censo, só espero que o censo traga muitas coisas boas para a gente também, como na Maré, porque a gente aprendeu muita coisa boa lá.

A comunidade fala assim: “Que bom que você está trabalhando nisso!” E espero que, mais para a frente, a gente colha o fruto que a gente está plantando, que esse censo tenha algum resultado. Espero que o censo traga coisas boas para a gente e mostre também para a USP que a São Remo não é uma simples favela, um lugar que só tem vagabundo. Não! A São Remo é um lugar de moradores, pessoas do bem, que trabalham, acordam cedo, vão à luta.

Camila Mendes Ferreira dos Santos é dona de casa, casada com Eraldo da Silva, mãe de William e Bia. Articuladora local no Jardim São Remo e no Sem-Terra (Vila Clô).

Depoimento de Ericsson Magnavita

Dos 35 anos que tenho, 35 são de moradia na São Remo. Meu avô foi um dos primeiros comerciantes da São Remo. Minha família mora aqui há muitos anos, há mais de 40, com certeza. Fui gerado na São Remo, nasci no HU, fui morar na São Remo. Minha mulher fala que eu enterrei o umbigo na São Remo e não quero sair nunca. Mas não é que eu não quero sair, é que eu ainda acredito que aqui vai acontecer uma mudança. Sou esperançoso e até por isso eu tento fazer uma diferença, eu estou indo para cima. É uma favela boa, só precisa dar uma direção.

Como morador da São Remo, sou suspeito para falar, porque, na verdade, defendo muito a São Remo dentro daquilo que eu acredito. Porque eu sou cria daqui e passei por muitas situações que foram surreais. Tive algumas frustrações, tive algumas coisas desagradáveis também, perdi amigos, perdi parentes, mas minha formação como pessoa foi dentro da São Remo e em alguns projetos sociais.

Não tenho o que falar de ruim. Tem criminalidade? Tem. Tem drogas? Tem. Tem opressão da molecada que se acha mais que os moradores, que coloca som alto. Tem a opressão da polícia, que invade a nossa casa. Tem um pessoal com dificuldade grande, porque dentro da favela tem essas coisas mesmo. Essas coisas existem, estão no meu cotidiano, convivo com isso.

Mas também vi a São Remo se reinventar. Hoje em dia não existe mais barraco, se tiver, é uma minoria no desenho da favela. A favela se moldou em um formato que tem gente de fora vindo trabalhar dentro dela, tem seus comércios aqui dentro. Hoje, ela é autossuficiente, sustenta famílias de fora que vêm aqui, montam seu negócio e conseguem se manter. Acho que, até pela localização, a gente pode considerar que ela é uma favela rica na zona oeste. Saneamento, hoje em dia, é um saneamento básico legal, não tem esgoto a céu aberto... só ali perto do riacho e em algumas vielas que têm esgoto um pouco mais aberto. A gente tem as ruas asfaltadas, tinha o Circo Escola, que tem que pontuar que foi importante para todo mundo.

A São Remo cresceu muito e muito para o bem mesmo, só coisas boas aconteceram de estrutura. Uma coisa que eu quero apontar são as pessoas, que são bem humanas mesmo. As pessoas foram se apropriando uns dos outros. Os moradores mais antigos se dão bem com todo mundo. As lideranças que passaram por aqui também foram lideranças ótimas. As pessoas são o melhor daqui.

Quando a gente pensa nos direitos e nas condições de vida, a gente tem que entender, também, que algumas pessoas não têm o entendimento de quais são os seus direitos. Elas imaginam, mesmo que estejam numa situação precária, que aquilo está bom para elas. O mínimo para elas é o ótimo. Se eu for pensar pelos outros, teria que indicar

um monte de coisas para melhorar, mas eu não sei se é o sistema que faz a pessoa se acomodar com o mínimo que tem. Só que, pensando nos direitos da comunidade mesmo, acho que poderia ter mais acesso a tudo: à educação de qualidade, uma área de lazer legal para as nossas crianças...

Comecei em um projeto social na USP, na capoeira. Era um projeto do Mestre Graúna e do Mestre Assanhaço, e por lá passou muita molecada, moleques muito bons. Nesse projeto tinha uma parte educacional, não era só a capoeira, eles faziam uma cobrança, tinha uma coisa de dar uma estrutura mesmo, conversando... Tinha um suporte que a gente não tinha dos pais, vamos colocar assim. E muito cara que, na época, era envolvido no crime, acabou saindo, ou acabou não entrando.

De lá para cá, sempre fui engajado em fazer alguma coisinha... Fiquei trabalhando no shopping um bom tempo, a carga horária era puxada e eu trabalhava por comissão, então, muitas vezes, eu não vivenciava muitas coisas na São Remo. Quando fui para uma loja mais acessível, comecei a ver mais as coisas dentro da São Remo e percebi que dava para me apropriar um pouco mais. Na verdade, de engajamento mesmo, de estar fazendo as coisas, eu estou há uns dois anos. Mas, desde a época do meu pai, ele me arrastava. O meu pai era uma pessoa bem ativa na São Remo, coisa de muitos anos atrás. Ele ajudava muita gente aqui dentro, com água, com calçada, com tudo o que precisasse. Então, esse

pouquinho dele eu acabei pegando também, nessa coisa de acompanhá-lo, acabei puxando para esse lado social.

Quando me chamaram para uma reunião sobre o censo, ali já fui vendo a diferença que é você poder estar acompanhando a situação de perto, vi algumas dificuldades que existem na São Remo. Aí fui me apropriando mais ainda: mexendo na questão do lixo, de fazer limpeza de espaço, de conscientização para o pessoal fazer o descarte correto do óleo. E vi que eu me empenhava bem mesmo, nesse curto espaço de tempo eu consegui fazer muita coisa para a melhoria da São Remo. Hoje em dia, mesmo tendo as associações, mesmo tendo outras lideranças, o pessoal fica me rotulando de “presidente da comunidade”. Fui eleito sem ser... E eu não estou só na São Remo, estou começando a encostar em outras quebradas, a fazer um movimento fora, a entender o movimento fora. Porque descobri que a São Remo não é tão precária como outras comunidades vizinhas.

Na pandemia, surgiu a ideia do coletivo de instituições e moradores da São Remo. A gente foi se organizando com reuniões, conversando, começamos a montar estratégias de campo. Porque, quando começou a pandemia, era tudo muito atípico e as pessoas ficaram assustadas de pegar covid, de ficar doente, e a gente deu as caras. Porque o primeiro impacto da pandemia na periferia foi esse susto, as pessoas se resguardaram mesmo. A gente ia de porta à porta, perguntava como a família estava, fazia uma triagem

também, porque tinha a necessidade de achar as pessoas que estavam em situação de risco, que estavam um pouco mais carentes, que tinham uma necessidade maior. Essa primeira etapa do coletivo foi maravilhosa, porque a gente conseguiu alcançar um público legal, com a certeza de que essas pessoas precisavam. Mas o que a gente entendeu foi que essas pessoas que precisavam, não precisavam somente a partir da pandemia, eram pessoas que já estavam em situação de necessidade antes da pandemia.

A gente fez entrega de máscara. A gente elaborou panfletos e colou nos bares para a conscientização, para a informação. Teve uma força-tarefa bacana. E a gente conseguiu atender também algumas comunidades vizinhas, entregando máscara e sabonete. Muitos moradores falaram que nunca viram uma ação como essa na São Remo, e sem precisar de político, porque a gente não teve nenhum envolvimento com político. Foi só a própria favela com as lideranças, com as parcerias, com empresários, com outras favelas ajudando. E não foi em todas as favelas que aconteceu isso.

Sempre associei a USP à parte administrativa, que, no meu ponto de vista, é a que acaba deixando a gente de lado em inúmeras questões, até mesmo na questão do acesso dos moradores da São Remo à USP, com argumentos que, para mim, são chulos, não têm sentido. Mas acho que, com a USP, está tudo em construção. Só que eu vim a amadure-

cer essa ideia agora, a partir do censo, para falar a verdade. Amadureci a ideia da diferença que é: a USP não é uma só, a USP é um mundo, ela abrange muita gente. Eu acabava pontuando a USP como uma coisa só, mas a USP é uma universidade, é estudo, é pesquisa.

Acho interessante as pessoas virem fazer uma pesquisa, se apropriarem, deixarem um material e tentarem montar mecanismos que consigam atender as pessoas aqui dentro, porque isso vai para a comunidade vizinha também. O que pode ser implantando aqui pode ser implantado em outras comunidades: isso fui aprendendo, principalmente, dentro do censo, porque foi aí que eu tive uma aproximação com a ideia de projeto, de estudo. É do estudo que vai sair alguma coisa, a partir daí que a gente vai conseguir ir atrás de melhorias, porque a gente vai ter um material para apresentar. Vi a importância de fazer parceria com esses projetos e vi que, entre os professores, a grande maioria está querendo fazer projetos que deixem alguma coisa para a São Remo, de verdade. Só que, antigamente, vinha muita gente para conseguir uma nota e não deixava nada para a comunidade, saía com material, absorvia o que tinha que absorver e não tinha retorno.

Aprendi esses dias que, as minhas vivências, eu não posso colocá-las na balança com a dos outros. Mas os outros, quando olham para mim, não têm a dimensão de qual é a minha vivência. Não têm a dimensão que eu limpava

vidro de carro na saída da USP, que eu cuidava de carro na USP. Quando falo que eu era esse moleque da USP é porque eu era mesmo. Eu era o moleque que estava nas festas de vez em quando, que estava pegando latinha para fazer um dinheiro, que nadava na raia, eu só não era aquele que estava roubando. Eu era o moleque que estava procurando uma válvula de escape e a USP foi minha válvula de escape. Muita coisa da minha personalidade foi formada dentro da USP, vivenciando e aprendendo ali. Eu fui o moleque da quebrada que estava fazendo minha correria dentro da USP.

A USP é história demais. Se for parar para ver, eu fui esse moleque da USP mesmo. E, se eu tivesse tido uma bagagem de conhecimento, de aprendizagem de escola, se tivesse tido a paciência de alguém que me ensinasse de verdade, que buscasse ver onde eu tinha bloqueio de aprender alguma coisa, acho que eu poderia até ser aquele que está estudando na USP. Se eu tivesse tido uma atenção maior, eu não seria só o moleque que estava dentro da USP, eu poderia ser o moleque que estudou na USP, entende?

Ericsson Michel Silva Magnavita é trabalhador autônomo e atua como articulador local no Jardim São Remo e no Sem-Terra (Vila Clô). Tem 35 anos, três filhos e é casado.

Com quantas pessoas (e dias) se faz um censo?

Quando soube do edital do IEA, do projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais, imediatamente fiquei intrigado e quis me engajar. Apesar de não achar que me enquadrava bem no perfil que o edital pedia, achei que poderia ser útil por conta da minha experiência com geoprocessamento e elaboração de mapas.

Passado o treinamento, as primeiras visitas às instituições, lideranças e aos grupos atuantes na comunidade, começamos a nossa pesquisa com as entrevistas domiciliares para conhecer a realidade das comunidades vizinhas aos *campus* da USP Leste e da Cidade Universitária. No início, não tinha noção de qual seria o tamanho do censo, quantas pessoas se envolveriam como pesquisadoras e entrevistados, e quantos dias de campos teríamos pela frente.

Na minha vida acadêmica já tinha participado de várias pesquisas, desde as mais individuais até as coletivas, contudo, foi a primeira vez que estive em um projeto muito grande e tive a oportunidade de supervisionar uma equipe de campo. No final, vi mais de 90 pessoas se envolverem em alguma atividade do censo, das mais diversas áreas das humanidades, exatas e biológicas.

Como tinha estudado na EACH e conhecia um pouco do Keralux, me senti à vontade para ser um dos supervi-

sores nos territórios do Keralux e da Vila Guaraciaba. Nos primeiros seis meses, o Keralux, a Vila Guaraciaba e a equipe de campo se tornaram parte da minha rotina. Enquanto a EACH voltaria a ser praticamente um hábito diário, o que não acontecia desde a graduação.

Diferentemente de outras pesquisas e trabalhos de campo de que já tinha participado, vivi a intensidade do contato com os moradores e das atividades de um censo. Desde o tempo da graduação nas disciplinas de primeiro ano e de Resoluções de Problemas, meus primeiros professores ressaltavam a importância de sermos éticos e respeitosos na pesquisa e, entre os exemplos, costumavam citar o Keralux.

O trabalho em campo, com o apoio das instituições e dos articuladores, começou um pouco devagar, mas logo nos tornaríamos uma vista comum no bairro. Algumas pessoas começaram receosas, mas a maioria se mostrou aberta e gentil com a equipe. Várias vezes os moradores abriram suas casas, ofereceram água, café, bolo, docinhos, almoço e janta. Além da cumplicidade de algumas crianças que ajudavam a achar os moradores para serem entrevistados. Por outro lado, houve vários dias também em que moradores sequer abriam a porta para nos atender ou respondiam por trás dos portões.

Cada dia foi um desafio a ser pensado em grupo ou individualmente, como ruas alagadas pela chuva, pesquisadores que saíram ou não puderam continuar no projeto, conciliação de demandas universitárias com a pesquisa, tradução de entrevistas para imigrantes etc.

Em julho, surgiu um novo desafio para mim. Foi necessário que eu assumisse a supervisão dos territórios da zona oeste. No primeiro momento me senti inseguro, mas, rapidamente, isso mudaria. Assim que fui para São Remo e Sem-Terra, essa preocupação se mostrou infundada, seja pelo apoio da coordenação, de consultores, articuladores, equipe e pela recepção da comunidade.

Se antes era incomum ver os moradores do Keralux e da Vila Guaraciaba terem alguma relação com a USP, e muito possivelmente porque a EACH é recente, na São Remo e Vila Clô essa relação era muito mais antiga. E, diferentemente das outras comunidades, existe uma descrença e as expectativas são menos otimistas.

Eu já tinha ajudado as antigas supervisoras de São Remo em campo, mas estar à frente das decisões e estabelecer relações com as instituições foi um novo começo. A quantidade de entidades, coletivos e grupos na São Remo já se mostrou bem distinta. O padrão de ocupação, a organização espacial e as incursões da polícia (várias delas violentas) compuseram uma nova realidade.

Com uma equipe maior e muito comprometida, seguimos com o trabalho de campo. Agora, São Remo e Sem-Terra seriam o hábito diário. Me chamou a atenção que, no início, era muito mais frequente do que em Keralux/Guaraciaba me perguntarem quem eu era e por que estava na comunidade, mas à medida que o tempo passou,

e com o apoio dos articuladores, minha presença deixou de ser estranha.

Trabalhamos em dias de sol, de chuva, de manhã, de tarde, de noite, aos sábados, domingos e feriados. Foi necessário lidar com as operações policiais, as inseguranças da equipe, com a descrença em melhorias, a desconfiança com a USP etc. Desafios que superamos coletivamente. Também pudemos contar com o apoio das instituições, do projeto Saúde Única nas Periferias, do Jornal da São Remo, de moradores que ajudavam espontaneamente, de ex-bolsistas etc.

No fim, revejo que, após um ano de projeto, quase 220 dias de campo, diversas reuniões, inúmeras conversas com moradores e a equipe, treinamentos, estratégias de campo pensadas coletivamente, verificações de dados, ações de divulgação, aulas dadas na graduação e em cursos, palestras, relatórios, participação em congressos, apoio às instituições, tudo isso fez do censo um processo muito enriquecedor como pesquisador e como pessoa.

Essa experiência me faz pensar em tudo o que há por trás de um censo e o quanto devemos dar valor para uma pesquisa desse gênero, que mobiliza tanto a vida dos pesquisadores, articuladores e moradores.

Danilo Pereira Sato é graduado em Gestão Ambiental pela EACH, mestre e doutorando no Programa de Geografia Humana, sob a orientação de Neli Aparecida de Mello-Théry.

Como é ser uma pessoa trans e bolsista do IEA?

Falar sobre meu processo como supervisora do censo na Favela São Remo, como bolsista e pesquisadora do projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais, sob a coordenação da catedrática Eliana Sousa Silva, é falar também de um importante momento de minha transição de gênero.

Sou a Manfrin, aluna de mestrado da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da USP, com a pesquisa de título *Práxis queer da cena: análise do percurso artístico dos corpos travestigêneres e não binários nas Artes Cênicas do Brasil no século XXI*. Sou artista, performer, arte educadora e curiosa. Passo por um processo de transição/consciência de gênero há cerca de quatro anos. Sendo assim, me entendo uma pessoa trans não binária. Foi no ano de 2019, no meio de uma turbulenta chegada em São Paulo para ingresso na USP – um local cisgênero e branco que desde a sua recepção até hoje nunca foi convidativo à minha presença, com exceção do IEA – que me inscrevi para um processo seletivo para um até então desconhecido “censo da USP em favelas”. A princípio, já reconheci nomes como o da professora Eliana Sousa Silva, diretora da ONG Redes da Maré, do Rio de Janeiro, referência na pesquisa acadêmica e política sobre favelas no Brasil. Mas, realmente, fora isso, sabia pouco do que me esperava.

Para o processo de seleção, *a priori*, foi solicitada uma carta de intenção e, em seguida, fui chamada para uma entrevista. E é nesse exato momento que entro no IEA pela primeira vez. O que me espantou, desde o princípio, foi a qualidade do tratamento que recebi durante a entrevista. Não foi me questionado nada a respeito das minhas escolhas de gênero, vestimentas ou pronome escolhido. Sei o quanto isso parece básico – e é –, mas, certamente, se você pensa que essa questão é óbvia, sem dúvidas você não é uma pessoa trans. Lutamos diariamente pelo direito de expressar nosso gênero de acordo com nossas crenças e normas. Passei por situações extremamente transfóbicas com funcionários da USP que se recusaram a me chamar no feminino enquanto isso não estivesse no sistema, por exemplo. Mas essa consciência, felizmente, já está presente dentro do IEA. E isso, para mim, foi notório nesse dia da seleção e também posteriormente, quando, de fato, me tornei uma bolsista trans de um projeto do IEA!

Quando iniciamos os encontros, ainda bem no começo do ano, fomos recebidos com a proposta de uma formação teórico-prática. Tal informação me foi muito confortante, pois, apesar de já ter trabalhado com dados quantitativos em outras pesquisas, nunca tinha participado de uma equipe dedicada a desenvolver um censo. Uma outra “obviedade” que eu já sabia, mas percebi com maior nitidez durante a formação: ter nascido e morado em uma

favela não me fazia ter consciência, conhecimento, reflexão e dados suficientes para falar sobre ela. O fato de sempre pertencer àquele nicho não me capacitava, por si só, para reconhecê-lo ou analisá-lo.

Durante os encontros formativos, conhecemos toda a equipe gestora do projeto, todo o material que seria utilizado para a realização do censo e toda a metodologia aplicada para a captação legítima dos dados. Esse foi, talvez, um dos momentos mais pedagógicos e rico de aprendizados, pois, além de todos os encontros sobre metodologia, tivemos um longo período para nós, bolsistas, debatermos cada pergunta do questionário que seria apresentado aos moradores das favelas vizinhas à USP. Esse momento foi importantíssimo, pois, além de nos conhecermos como equipe, pudemos conhecer, corrigir e elaborar com propriedade todo o questionário que seria apresentado aos moradores. Destaco a grande importância que foi ter uma pessoa trans na elaboração do questionário, porque, a partir dessa experiência, foi possível elaborar um questionário antitransfóbico e que pudesse também dialogar com essa comunidade que, sem dúvidas, ocupa as duas favelas pesquisadas. Digo importante porque, muitas vezes, a forma de catalogação dos dados pertencentes às pessoas trans e travestis é feita de uma forma que não colabora, e dependendo, até prejudica certas lutas de nossa comunidade. Destaco sempre a presença de uma binariedade de gênero em censos, como o do IBGE, ou uma confusão entre os conceitos

de identidade de gênero, expressão de gênero e orientação sexual. Em nosso curso formativo, as perguntas relacionadas a identidades e religião foram aquelas às quais mais dedicamos tempo de debate.

No final da formação, me foi informado que os alunos de pós-graduação seriam os supervisores da equipe. Poderia discorrer a respeito da difícil experiência e oportunidade como supervisora de uma equipe de graduandos, mas buscarei ser breve e me restringir a falar apenas sobre a relação com os moradores da favela São Remo. Atualmente, moro na favela 1010, localizada muito próxima à USP e à outra favela bem maior e mais conhecida, que é a favela São Remo, à qual fui designada para ser supervisora. Portanto, sempre me senti em casa na São Remo, local por onde eu já circulava mesmo antes do censo, mas, adentrar aquele território com o uniforme do projeto, foi uma experiência singular.

A priori, os moradores estavam muito receosos e queixosos conosco, “pesquisadores da USP”, devido ao triste histórico de ser campo de pesquisa de muitos professores da universidade que não retornam com os resultados para a própria comunidade, e também pelo histórico conflituoso com a própria prefeitura da USP, pois o terreno no qual a favela está localizada é considerado “pertencente à USP”. No entanto, com o passar de nossa presença dentro da favela, as inúmeras campanhas de divulgação do projeto e os encon-

tros comunitários com os moradores, com toda a gestão do projeto presente explicando o censo e tirando possíveis dúvidas, os moradores começaram a aceitar a pesquisa e entender a importância de ter um censo direcionado para aquela região, que, em sua maioria, são grandes manchas cinzas ou marrom nos mapas oficiais. Essa abertura e compreensão dos moradores é mérito também dos líderes comunitários, moradores daquela favela e que foram contratados para nos acompanhar de perto. É discorrendo sobre minha relação com esses moradores e participantes do projeto que gostaria de encerrar esse texto.

Camila, Eraldo, Rosangela e Ericsson são moradores singulares entre si, mas todos têm em comum o amor pela favela em que moram. Esses colaboradores nos acompanhavam e nos apresentaram com seriedade e confiança cada viela e beco da favela. Pouco a pouco esses colaboradores passaram a ser amigos. Em especial, no meu caso, agradeço por ter conhecido a Camila, mulher inteligentíssima e risonha que animava minhas manhãs frias. Camila não só cumpriu seu trabalho exemplarmente, tomando pouco a pouco um espaço de importância no projeto (ela que, a princípio, era apenas a esposa do articulador Eraldo), como também se tornou uma amiga. Camila abriu a porta da sua casa e sempre nos recebia no intervalo das entrevistas com um café, um almoço ou um lanche. Camila me ajudou para que eu pudesse expressar meu gênero trans dentro da favela sem nenhuma violência.

Camila me acalmou quando, no pico de uma hormonização, me via perdida e incapaz, e ela provou minha importância no projeto. Camila foi, sim, uma líder!

Estive no IEA durante oito meses de profundo aprendizado e evolução profissional. Tive contato com pessoas que jamais teria, fui respeitada e ouvida por corpos tão legitimados no universo acadêmico de uma forma que nunca imaginei um dia chegar a ser. Fiz amizades, entrevistas, encontros, relatórios, registros, desenhos, rabiscos, números, viagens e acumulei (his)estórias. No IEA, eu transicionei. Para mulher, para adulta, para pesquisadora e para um ser humano capaz de aceitar que toda experiência de trabalho pode ser um rico aprendizado.

Manfrin, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da ECA-USP. Artista, performer e arte educadora.

Gente!

Subindo a Rua Aquianés em direção ao Circo Escola, vou para mais um dia de entrevistas. Olho ao redor e me deparo com o grande campo de futebol da São Remo. No placar fixado a um muro se vislumbra de longe “Casa 4 x 1 Visitante”. Não entendo muito de futebol, mas sei, a favela venceu! Por trás do muro, uma linda vegetação verde e a maior universidade da América Latina.

Pego água no Circo e desço a Baltazar Rabelo rumo ao lado do Sem-Terra em busca de entrevistas, sempre com aquele placar em mente. O censo é um passo para vencer, ou ao menos para que se jogue com mais dignidade. Do meu primeiro dia em campo até aquela tarde, entendo isso bem melhor, pois também já faço parte daquele contexto, já sou um corpo que ocupa aquele espaço, ao menos algumas horas por semana. Conheço caminhos, conheço pessoas, sei onde ir para saborear o melhor bolo que já comi em São Paulo, onde posso pedir um copo d’água, onde posso sentar e recuperar o fôlego em meio a um dia cheio de entrevistas, onde puxar conversa e esperar o tempo passar em um dia não tão produtivo. Sei que ali há pessoas trabalhadoras e esquecidas pela universidade onde estudo.

Algumas ruas ainda estão aguadas tanto pela chuva que caiu mais cedo, quanto pela falta de saneamento. O céu está nublado e a tarde fria. Entro esperançoso em um beco

da Avenida Sebastião e o frio fica maiúsculo. Há sempre um desejo coletivo de encontrar alguma família disposta a responder o questionário, porque quanto mais entrevistas, mais próximo se torna o fim do processo do censo e, assim se espera, o colhimento dos seus frutos; mas também um desejo pessoal, pois o trabalho de campo é mais prazeroso quando se tem pessoas para dialogar. Ufa, uma criança abre a porta para mim! Me apresento, digo para que estou ali e ela chama sua mãe, que, depois de uma breve explicação sobre o projeto, topa responder minhas perguntas. Aí, começa o real diálogo. Idade, procedência, cor/raça, preferências, emprego, religião, saúde, cultura e até time de futebol. São muitas perguntas, têm-se infinitas respostas e são elas que me possibilitam, como pesquisador, ter uma visão daquela casa, daquela família de um ou vários indivíduos e, por fim, daquele território. Mas, sobretudo, permitem me reconhecer e distanciar. A partir do momento em que se pesquisa determinado espaço, especialmente com a proposta viabilizadora que o Censo Pontes e Vivências de Saberes carrega, tendo contato tão direto com moradores e moradoras, cria-se um laço de intimidade e também de responsabilidade. Tem-se acesso a momentos e escutas particulares e dificilmente transmissíveis a quem não está imerso nessa experiência, e que também nos fazem recuperar o sentido de uma conversa em um momento político em que as palavras já não dão conta de dizer, já não geram mudanças.

No decorrer da entrevista, a mãe responde por todos os demais integrantes do domicílio, enquanto a criança escuta atenta a todas as perguntas, ajudando a responder quando pode. Vou seguindo o questionário de Pessoa, primeiramente com as perguntas indicadas à mãe, e lanço “qual a sua cor ou raça?”. A menina, com seus seis anos de idade, responde rapidamente pela matriarca: “Cor de gente, ué”. Aquilo me surpreende. Relembro do que quer dizer “cor”, lembro do que quer dizer “gente”. A favela venceu! Caímos na risada e a senhora começa uma explicação para a filha de que existem pessoas de várias cores neste mundo. Quem dera pudéssemos ficar com a resposta da criança... Cor é um dos aspectos mais relevantes na entrevista, porque influencia em tantas outras perguntas: influencia, direta e indiretamente, no acesso que se fará para depois daquele muro em que o placar está fixado. Influencia nas oportunidades de entrar para a elite acadêmica da USP. Universidade esta que abriu ações afirmativas em seu processo de vestibular tardiamente em 2016 e que não tem nenhum estudante de graduação e apenas um de pós-graduação morador ou moradora de domicílios em que me foram concedidas entrevistas. Moradores que residem ali, literalmente ao lado. Mas as palavras já não dizem muito.

Gente. Gente que tem cor e que dribla diariamente portões fechados, saúde negada de um hospital que fica a poucos passos de distância, e diversas precariedades interli-

gadas a instituições e governos que insistem em marginalizar espaços como a São Remo. Mas as palavras não chocam mais, tampouco as ações segregacionistas da elite paulistana. É difícil se fazer ouvir a quem não tem toque de recolher, tiros na madrugada, não percorre becos frios ou tem água potável todas as horas do dia. Sendo assim, para vencer a favela, tem que entrar em campo sozinha, com dignidade e muito suor, gritando: “Sou gente, existo!”

Saio da São Remo, onde há espaço para a esperança e nenhum para romantizações, e sigo pela Avenida Corifeu rumo à república em que moro, sentindo que o censo pode sim devolver o significado ao que já se perdeu, pois não só falamos, como agimos. Não depende só de nós, mas, a cada conversa, a cada café e porta aberta, sinto acolhimento e segurança, um nível de sociabilidade profundo naquele espaço que nenhuma pobreza provocada consegue tirar. O jogo pode virar, a favela vencerá! Não é utopia. É trabalho, estratégia e justiça.

Pedro Miranda é piauiense, ator em construção e graduando do bacharelado e da licenciatura em Letras.

Este é ou não um texto sobre sonhos?

Recebi o chamado para esse projeto em dezembro de 2018 e me inscrevi. Acostumada a não me encaixar na maioria dos editais, fiquei fascinada pela descrição do que seria o projeto e mais ainda quando vi que um dos requisitos era ter vivência na periferia. Enfim, meus 10 anos de Capão Redondo pesariam no meu currículo.

Lembro do dia da minha entrevista, eu estava nervosa e não lembrava de coisas básicas sobre a minha vida, não sabia responder perguntas sobre o cursinho onde fui aluna e depois professora por mais de três anos. Fui entrevistada pelo Martin e pelo Dalcio e, quando me desculpei pelo nervosismo, disseram que era normal, já que eu estava sendo entrevistada por dois homens brancos em uma sala fechada. Esse comentário me acalmou um pouco, mas não o bastante, saí do IEA com o sentimento de que mais uma porta acabara de ser fechada. Por isso, foi com grande alegria que recebi o e-mail com minha aprovação.

Durante o mês de janeiro de 2019, participei de reuniões para formação. Nesses encontros, houve uma melhor apresentação do projeto, dos pesquisadores e supervisores, dos termos técnicos e da metodologia que seria usada para a coleta de dados para a elaboração do censo. Fiquei ansiosa pelo trabalho de campo, e descobri que minha empolgação era como um pressentimento de como seria bom o que aconteceria comigo.

A experiência de entrar em casas, onde a realidade era, em vários aspectos, muito parecida com a minha, foi, no mínimo, mágica. Uma das entrevistas que me marcou de uma forma louca foi na casa de uma menina que tinha a mesma idade que eu, era mãe de três crianças e cuidava sozinha dos pequenos. Uso a palavra “menina”, pois é assim que me vejo e sinto, uma criança que tem o mundo e uma imensidão de sonhos para realizar, mas estava ali aquela menina/mulher fazendo um milagre em uma casa de apenas um cômodo e sem janela. Além da questão de nossa idade ser a mesma, não pude não me lembrar da minha mãe, que, com os mesmos 25 anos, tinha também três filhos, grávida do quarto, e fazia milagres em um cômodo. Em casa, fiquei pensando no que aconteceu para que minha história seguisse um caminho diferente do de minha mãe e da moça que entrevistei no Jardim São Remo. Ainda não encontrei uma resposta.

Falando em minha mãe, não consigo deixar de lado meu berço, o Jequitinhonha (Minas Gerais). Nasci e cresci em um lugar em que as pessoas gostam de contar causos e estórias, e você escuta enquanto toma um café e come uma quitanda ou o almoço que acabou de sair do fogo. Negar um aperitivo é sinal de desfeita, algo que dificilmente será perdoado. As minhas comilanças durante as entrevistas do censo ficaram famosas, mas me atrevo a dizer que é algo da minha criação.

Durante o trabalho de campo, identifiquei que as pessoas, principalmente mulheres com mais idade, gosta-

vam de conversar e contar um pouco da sua vida, e ouvir suas histórias enquanto tomava um café era como voltar para o meu ninho.

Com o passar do tempo e do acúmulo de histórias, percebi que elas se repetiam. Uma das perguntas do censo é “sabe ler e escrever?” e, como resposta, eu nunca ouvia só “não”, esse “não” vinha acompanhado de uma história que justificava a ausência desse conhecimento. Entre as justificativas estavam: “trabalhar na roça”, “cuidar dos irmãos”, “o pai achava que a escola era lugar para namorar”. E, no fim, elas acabavam se casando cedo e precisavam cuidar dos filhos. Essas respostas, em geral, eram dadas por mulheres negras e nordestinas, existindo evidentemente algumas poucas exceções. Penso que é importante ressaltar que essas mulheres que conheci na São Remo são analfabetas, mas possuem enorme controle das palavras, conseguem narrar suas histórias de forma a prender a atenção e despertar interesse. Pretendo registrar essas histórias e, através da fala de mulheres velhas, conhecer as meninas que elas foram e qual a relação que tiveram com a escola, quais os motivos do abandono escolar e quais os sentimentos guardam desse momento.

Participar do censo me proporcionou vivências únicas. Em uma delas, no mês de maio de 2019, atuei na formação dos novos bolsistas e comecei a ficar metida quando concedi, junto com as coordenadoras e algumas outras bolsistas, uma entrevista para um aluno da USP do curso de jornalismo sobre a experiência no projeto.

Mas as aventuras estavam longe de chegar ao fim. Em agosto de 2019, a equipe recebeu o convite para conhecer o Complexo de Favelas da Maré. De malas na mão, eu esperava o ônibus para mais uma viagem de campo. Lembrei de meu vizinho, que sempre me dizia: “Quebrada é quebrada em qualquer lugar”. Como moradora de periferia, e que já conhecia o Rio de Janeiro, não esperava me surpreender com o que veria na Maré.

O que a Maré fez foi mais que me surpreender, me deixou sem ar a cada marca de bala nas paredes, a cada moleque armado, a cada moto (e eram muitas!) pilotada por mulheres sem capacete, com aquele ar de quem sabe o que está fazendo. O impacto maior veio com os depoimentos das mães que tiveram seus filhos mortos pela polícia. Na minha frente, três mães contavam sua história. Foi impossível não relacionar àquilo tudo com o conto de Conceição Evaristo, *Os guris de Dolores Feliciano*, no qual Dolores perde os três filhos, mortos por tiros. Lembrei do conto e não controlei as lágrimas. Precisei discordar do meu vizinho, porque aquela quebrada não se parecia em nada com a minha. Pensei se conseguiria morar ali, sobre a grande ameaça de morrer a qualquer momento vítima de bala perdida e de ter minha vida desrespeitada pelo Estado.

Porém, uma coisa é certa no nosso povo: a resistência. Ali ela se realizava através das atividades organizadas pela organização Redes da Maré. A sensação de impotência

que havia se instalado em mim se dissipou a cada projeto apresentado. Foi um bálsamo ver mulheres, na sua maioria negras, tomarem o controle daquelas ações que modificam a vida de toda a comunidade. Agradeço ao IEA e a Redes da Maré por essa experiência, que modificou totalmente a minha visão sobre existir só um modelo de periferia e que também reforçou a importância de projetos sociais no combate à violência.

O censo é um lugar de fortalecimento político, no qual pude criar uma rede de afeto e cuidado. A algumas pautas eu já tinha acesso por ser uma mulher pobre, negra e bissexual, no entanto, durante esses meses fui levada a olhar para questões pelas quais não sou atingida. Nesse movimento, além de um sentimento de empatia, criei o de pertencimento.

Sou **Eduarda Ribeiro Rodrigues**, estudante de Letras. Apaixonada pela licenciatura, realizo parte do meu sonho sendo professora de história no Cursinho Popular Florestan Fernandes. Cheguei em São Paulo em 2009 com apenas uma mala, sozinha e com vários sonhos. Espero retornar em breve para o Jequitinhonha, levando meu diploma de professora.

Reflexões e aprendizados

Sendo uma estudante periférica da cidade de São Paulo, fazer parte do censo me trouxe várias reflexões ao longo do projeto, não somente por conta da vivência com os moradores da São Remo trazida à tona nas entrevistas, mas também pela forma com que os moradores se relacionam entre si, o papel que a USP possui diretamente no cotidiano desses moradores, as interações que nós pesquisadores tínhamos como equipe e a possibilidade de pensar as semelhanças e diferenças entre nós e os demais estudantes da universidade.

Ao entrar nas casas dos moradores para realizar as entrevistas, não somente os dados eram ricos, mas, mais do que isso, eram as histórias compartilhadas, as conversas que tinham ligação com as nossas próprias origens, dificuldades e alegrias. Um exemplo foi a minha primeira entrevista, estava com medo de não fazer o trabalho corretamente, de não dar conta de conversar e de não ser bem recebida. A primeira casa foi de uma senhora que me recebeu com um sorriso e me convidou para entrar, estava assistindo televisão e respondeu às perguntas feliz, lembrou que nasceu no Nordeste, que sentia falta de lá e, ao lembrar dos pais já falecidos há bastante tempo, segurou as lágrimas comentando que sentia falta demais deles. Na parte do questionário sobre animais, essa senhora ficou superfeliz ao saber que os

seus gatinhos entrariam na pesquisa e contou sobre a personalidade de cada um. Ao terminar a entrevista, a sensação foi de que tudo passou muito rápido por causa do aconchego de receber as histórias e de ter sido confiada ao compartilhamento de vida e tempo.

Mas, para além das histórias compartilhadas, os receios de alguns moradores em receber os pesquisadores mostram outras percepções sobre a pesquisa e a universidade, tal como os moradores que veem a USP como um lugar distante, com o qual não têm vínculo nenhum, sendo, no máximo, uma possibilidade de trabalho. A relação que a grande maioria dos moradores da São Remo tem com a USP é como trabalhadores, os demais não sabem que podem desfrutar da universidade, ou mesmo, essa participação é dificultada pela própria universidade, com seus muros e portões, que mostram que a relação que a USP tem com essa comunidade é diferente da que se estabeleceu com os demais bairros mais “nobres”. Isso gera um distanciamento e um desconhecimento de que a USP é uma universidade pública e que eles também podem acessá-la, seja como espaço de lazer, seja como instituição de ensino, que, por mais que seja difícil de entrar e principalmente de se manter, é uma possibilidade mesmo para quem é de periferia e vem de escola pública.

Carrego comigo as vivências e conversas que tive com meus colegas, com os moradores, supervisores e as ins-

pirações geradas ao longo do processo de pesquisa do censo. Dificuldades deparadas, prazos e resistências de alguns moradores, cansaço. Mas, ao voltar para sala de aula e ver que participo de algo com que me identifico, com vivências mais próximas à realidade brasileira, sinto que, ao menos um pouco, contribuo como universitária para a comunidade. E, para mim, um dos principais papéis da universidade pública é devolver o conhecimento produzido para a sociedade, principalmente em um momento de desmonte da educação e em que se vê a ciência sendo desacreditada pela política e por crenças ideológicas sem fundamento.

Dayane Pereira de Souza é estudante de Engenharia Elétrica da Escola Politécnica da USP e ex-aluna de Relações Internacionais pela Universidade de Brasília (UnB). Mulher preta e periférica que estudou em escola pública e cursinho popular, integrante da Poli Negra e Poligen, alguém que acredita que a educação é poderosa.

Um breve relato de experiências, vivências e saberes compartilhados

Olá, caro leitor!

Eu me chamo Arlindo, tenho 37 anos, sou casado, tenho dois filhos, sou o terceiro de quatro irmãos. E também o segundo da minha família a fazer faculdade, o primeiro de toda minha família a entrar numa universidade pública.

Estou na USP há mais de três anos e vejo que é notória a importância da USP em produzir conhecimentos para toda a sociedade. A quantidade de conhecimento disseminado dentro da USP e para além da universidade é tamanha e tão diversa que não temos nem como contar.

Tendo em vista o título acima, trago à baila deste texto autobiográfico minha experiência neste projeto, que me garantiu muitos subsídios e inúmeros saberes. Assim, o que poderia ser um breve relato, pode se tornar várias páginas escritas. Vamos começar...

Meu interesse pelo projeto se deu como muitas coisas na minha vida, a partir da “intuição”. Como já havia mencionado, é grande a relevância da USP para a sociedade no tocante à produção de conhecimentos, mesmo assim, por incrível que pareça, não sou adepto de olhar muito meu e-mail institucional e os editais que lá são compartilhados.

Contudo, o edital proposto pelo IEA me chamou a atenção de uma forma muito surreal. Havia acabado de

sair de outro projeto que me fez crescer e aprender muito: ministrar curso de horticultura orgânica para presos em regime semiaberto da Penitenciária de Franco da Rocha. A experiência vivida ali, o novo olhar que ganhei, o quanto as muitas realidades ali presenciadas me impactaram profundamente também contribuíram para chegar à minha “intuição” dita acima. Refletindo, em uma certa manhã, sobre a vida e as minhas perspectivas futuras, abri meus e-mails para ver minhas pendências do semestre, pois o projeto recém-terminado havia me ocupado e mudado muito minha rotina e estudos.

Quando, como uma luz, vi o edital do IEA, “Democracia, Artes e Saberes Plurais”, e algo me impulsionou a ler e pesquisar mais a fundo o edital. Acredito que a então recente experiência dentro da cadeia me fez perceber que algo ali era meu, que me pertencia, não só um pertence como uma coisa ou objeto, o edital falava de mim e de tantos outros como eu, e também daqueles com quem convivi por alguns dias e que ficaram no cárcere. Sei que são muitas as situações que levam uma pessoa a parar naquele lugar, por isso, eu procurava, além de dar a eles um curso teórico e prático em cada manhã, falar sobre o que não tinham acesso, como sonhar e ter esperança de um futuro melhor... Voltando para o edital, tudo parecia se ligar de maneira tão orgânica como nunca havia imaginado ser possível: minha vida, minha história, assim como minhas

experiências, inclusive as vividas no presídio. E aí, pensei: “Preciso fazer parte disso, sou isso...”. Este foi o ponto de interesse total no projeto.

Outra ponte que gostaria de fazer é com o meu passado antes de entrar na USP, pois se hoje lhes escrevo é por conta das pontes construídas através das vivências e dos saberes adquiridos em diferentes lugares, exatamente como no título deste relato autobiográfico...

Pois, antes de pensar ou saber o que era faculdade, vestibular, USP, trabalhava com café, era barista. As incontáveis preparações de café expresso ocasionaram muitas histórias e experiências entre xícaras, conversas de balcão e de salão do café onde trabalhei. Foram memoráveis nove anos, longos anos que me fizeram aprender muito com todas as pessoas que passaram pela minha vida. Aliás, há que se ressaltar que nunca “passaram”, pois as guardo na memória com carinho, pois foram essas memórias e experiências de que me lembrei bem quando estava fazendo a Fundação Universitária para o Vestibular (Fuvest).

Esses saberes, essas pontes e vivências são comuns na periferia. A grande questão é abrir o olhar e enxergar na periferia milhares de pessoas com esse potencial. Todas têm suas memórias e experiências, e isso tem um valor enorme. O que para alguns não tem tanta relevância, mesmo quando por vezes essas mesmas pessoas estão em suas empresas, escritórios, lares etc. Por meu acesso à USP, vi como possi-

bilidade mudar essa triste realidade. Muitos não acreditam em si mesmos, e isso é grave, porque isso lhes tira o direito e a liberdade até de sonhar.

Sinto que tenho o papel de contrapor essa falta de perspectiva, e é como uma missão levar a mensagem de que é possível sim sonhar, é possível sim alcançar, e que por vezes nos é imposto de forma opressora, de que cada um tem o seu lugar, como se todos fossem predestinados a um determinado papel na sociedade. Isso para mim é balela, cada ser escolha onde quer estar, basta sonhar, projetar, planejar, transpirar e lutar. A conquista começa no “acreditar” e o processo faz parte dessa conquista. É como subir uma escada: para chegar no topo é preciso dar passos nos degraus da vida.

Para mim foi uma conquista fazer parte deste projeto. Está sendo um processo ter um compromisso com todas as pessoas envolvidas neste grande trabalho e um compromisso comigo mesmo, porque me sinto pertencente a todas as histórias compartilhadas na comunidade de São Remo, também tenho um compromisso com o Jardim Keralux e a Vila Guaraciaba, pois, estando a um muro dessas comunidades, meu papel como universitário da USP Leste é fazer desaparecer esse muro. Sem querer parafrasear o clichê: “é preciso derrubar os muros e construir pontes”.

E, de fato, isso é real, o acesso à uma universidade como a USP, por vezes, sem exagero, parece ser algo impossível para os moradores dos territórios pesquisados.

Acredito que nosso papel como universitários advindos da periferia é mostrar que sim, é possível. Basta mostrarmos nossos rostos, nossas histórias e saberes, que têm tantas semelhanças com as deles.

Para encerrar este texto autobiográfico, conto-lhes uma das melhores experiências que tive, entre tantas que poderia descrever e que considero uma das melhores respostas que ouvi de um morador na comunidade São Remo.

Estava fazendo meu trabalho de campo em meu setor, em uma das vielas, entre tantas que há na comunidade, quando me deparei com um jovem, possivelmente envolvido com o tráfico. Ele se assustou, pois a viela era sem saída e ele estava portando uma sacola que parecia estar cheia de drogas...

Ele me indagou: “Opa, a quebrada tá suave, cê sabe?”

Eu respondi: “Sim, está tranquilo, tudo em paz”.

Então, ele falou: “Vou cheirar aqui mesmo!”.

E começou a fazer uso de cocaína na minha frente. Fiquei impactado com aquela cena... Continuei a fazer meu trabalho com aquela triste realidade a pouco mais de um metro de mim. Começou a passar um filme na minha cabeça: pensava comigo sobre minha infância, minhas experiências ruins, as boas, o quanto poderia ter abreviado minha vida se não tivesse recebido apoio e feito as escolhas corretas.

Mas não demorou muito, o jovem, novamente, me perguntou: “Mas o que você tá fazendo aí mesmo?”. Foi quando comecei a fazer algumas perguntas a seu respeito.

Ele me relatou que havia abandonado a escola no ensino médio, falei também para ele qual era a proposta do projeto, além de dar meu testemunho de como havia sido minha formação de ensino básico, de como havia concluído o ensino médio através da EJA, minha história e experiências de paternidade, trabalhos, enfim, como havia chegado à USP e àquela comunidade.

Após falar com ele por volta de uns trinta minutos ou mais, ele concluiu, com um olhar que eu não consigo esquecer: “Vou voltar a estudar”.

Senti uma sensação de realização e dever cumprido. Como agradei a Deus por estar naquela viela e naquela manhã com aquele jovem. Não sei se, de fato, ele voltou para a escola, mas tenho a firme confiança e a esperança de que um muro acabava de ser desconstruído e uma ponte acabava de ser construída através da troca de saberes e vivências ali comungadas.

Arlindo Alves Jr. é graduando do último ano do bacharelado em Educação Física e Saúde. Ama café e esportes, assim como gosta de praticá-los. Gosta de lidar com pessoas e fazer amizades, e seu maior sonho é tornar o mundo melhor, para que todos possam sonhar, lutar e alcançar seus objetivos.

As pessoas são muito mais permeáveis que os governos

Rigorosamente, às 10h da manhã, estávamos reunidos no Circo Escola, localizado em umas das entradas do Jardim São Remo, sábado após sábado. Íamos preparados para ir ao campo, com o *tablet* nas mãos e a obstinação na mente. Persistência, cansaço e esperança são palavras que podem descrever parte do universo que envolve o trabalho de campo, onde somos impelidos a sair das nossas bolhas acadêmicas e pessoais e nos comunicar cordialmente com as pessoas mais importantes para esse trabalho. A minha primeira entrevista foi intrincada, cheia de insegurança, e imagino que tenha demorado um tempo desnecessariamente longo. Posso me lembrar do nervosismo em ler com precisão todas as perguntas e me preocupar em não sair do “molde” por um segundo. A verdade é que as pessoas são muito mais pacientes do que imaginamos. Se a aproximação acontece de forma natural e educada, elas se mostram muito interessadas no propósito da própria pesquisa e até mesmo sobre o bem-estar de quem segura o *tablet*, aquele que em um primeiro momento pode parecer ocupar posição de superioridade em relação ao simples morador de comunidade. Essa posição de superioridade some se o meu comportamento é humilde em explicar os porquês das perguntas, do censo e as perspectivas positivas futuras que buscamos com tudo isso.

Com o tempo, nós, bolsistas, acabamos adotando um sistema bastante pessoal quando percebíamos uma disponibilidade maior, e talvez um brilho no olhar, para elucidar e cativar o nosso entrevistado. No meu caso, mencionar o Complexo da Maré e como lá o papel do censo populacional foi de quase um pontapé inicial na construção de todos os projetos da ONG Redes da Maré serve como ilustração dos potenciais do censo e de um cenário de realizações dentro da própria comunidade.

Uma das minhas primeiras memórias do projeto ressoa do primeiro dia de treinamento conjunto dos futuros pesquisadores de campo, no mês de maio de 2019. Eu me lembro vividamente das palavras do Dalcio: “É necessário falar das vulnerabilidades desses territórios, mas quais? Vamos identificá-las”. Essas palavras ficaram na minha cabeça por um tempo, pois é muito comum, mesmo para aqueles que vieram de favelas, dizer que “falta de tudo”. Existe a falta de cultura, de saúde, de saneamento básico, de água, de segurança, e a lista se torna infinita... Esse vício de pensamento e de discurso nos distancia da solução dos problemas, ou até mesmo do ímpeto que nos faz levantar da cadeira e fazer algo de substancial.

Esse discurso é muito repetitivo e comum em muitos ambientes da nossa sociedade, mas tenho a convicção de que é mais letal em duas atmosferas: a política e a acadêmica. Começando pela esfera política, raramente pode-

mos ver um plano de ação real e concreto que tenha passos, modo de operacionalização e resultados palpáveis. Muitas vezes, a raiz desse problema é a representatividade, visto que existem muitos obstáculos para que uma pessoa consiga sair de uma comunidade e se colocar como porta-voz e elaboradora das mudanças efetivas, pois aqueles que realmente ocupam esses espaços hegemonicamente não vieram das favelas. Outro problema (que não é secundário) é a falta de dados concretos sobre esses territórios, visto que não há incentivo para a produção desses dados, sendo essas áreas consideradas de menor importância. Nesse sentido entra o censo populacional como uma ferramenta que supre um vácuo da simples “falta de dados” que dá corpo ao discurso preguiçoso da maioria dos nossos governantes atuais.

A atmosfera acadêmica muitas vezes coloca-se isenta de seu papel em democratizar e ampliar a produção de dados e de conhecimento empírico sobre as favelas e as reais condições das pessoas que lá vivem. Essa isenção ou esse descaso podem ser vistos com nitidez na forma como os próprios moradores descrevem sua relação com a USP: “Ah, a USP não liga para a gente não, aposto que se pudessem trancar de vez os portões daqui, trancariam...”

Sob esse cenário desmotivador, está posicionada a equipe do censo São Remo, Jardim Keralux/Vila Guaraciaba. Agora, não mais somente aos sábados vamos ao campo, motivados em somar na mudança e melhoria (mínima,

que seja) dos moradores que tivemos o prazer de conhecer e compartilhar todos esses meses, em uma troca rica e inesquecível de vivências.

Isamara Oliveira Guimarães, graduanda em História. Estudante advinda de escola pública e cursinho popular, que acredita no poder transformador da educação democrática.

Sobre o mais vivo

Parte I

A paz reside na comunidade. A paz comunitária. A paz viva. O que é?

A favela, calada. A favela viva?

Restrição. A paz. Como há paz, meu amor? Mesmo havendo tanta cor e coragem...

Coragem e esforço. Coragem e esboço.

Paz. Há paz. Há vida. Vocês e eu. E nós. Um.

Vivo é aquele que se unifica. Vivos somos nós. Mortos são os que matam.

E servem àquele. E esse se instala como uma muralha. Em pé. Morto.

Vivo. Vivo está. Vivo cala, e padece. O daqui.

O pão quente, o café frio, o cigarro aceso. O portão abriu.

O trabalho sórdido, incessante e alienante. Favela desenvolvendo. Gritando.

É o trabalhador que corre atrás do pão. Vivo.

Ocupa. Consciente de que está vivo.

Sonho. Se o pensamento nasce livre.

Levantando o punho cerrado, ele. O Vivo. O que segura.

Aquele que é apagado. Ignorado.

Sai. Levanta. Ao avesso.

Corre. Cai. Levanta. E lá vai mais um vivo.

Sangue vivo. Cai. Rua x se isola. Se entristece.
E morre junto.
Mas o sol se espreguiça e nasce de novo. Mais um dia.
O cultural para os outros é isso. É o normal. O pobre.
Preso. Morto.
É cultural. Cultura genocida. Da farda. Do chinelo. Do
Correr. Das Balas.

Parte II

Estatística. O Vivo é estatística. É matemática.
Nasce assim? Se torna isso? Se coisifica para o Morto?
Nasce mais uma vez e levanta. Sorri para nós.
Para nós que somos eles, mas estamos lá.
Coisificação. A arquitetura é do vivo. A teoria não
interessa.
Samba. Cerveja. A música. O que é do Vivo? Vivo é o todo.
O Vivo tem voz? O Vivo é hostilizado.
E lá se vai mais um muro construído. Mais um caminho
amputado.
O sorriso.
Sua munição coisifica?
Sabotagem.
Norte. Nordeste. Maranhão. Amazonas. Não.
São Paulo. Oportunidade.
Ser feliz em um sistema congelado. Possibilidade.

Esperança.
Sonho. Se o pensamento nasce livre.
Conquistas.
O Vivo nasce coisificado por eles?
Violência. O trabalho ocupa todo o seu tempo.
Hora extra é necessária pro alimento. Estratificado.
Periferia de Vivos.
A lei dos Vivos. A lei da ajuda. A lei da importância. A lei da “descoisificação”.

Parte III

O sol, o sol nasce para o vivo. A pipa.
Meninice periférica. O futebol. O amor.
O samba. A cerveja. O samba.
Seu Jorge. Seu João.
É a pedra. Apesar de muitos não serem pedreiros.
Mais um vivo na calçada. Na cassada. Na incessante cassada que o sistema tem para oferecer.
E é o melhor que eles têm a oferecer? Não.

O alto-falante ressoa na periferia.
Alvorço. Alvorada, e mais um dia vem junto com ela.
Vai. Vai. Vem. Vem. Vai. Vivo vem. E vai.
Não vem mais. Não fui. Não vou. Fui. Choro.

O amor reside. O amor e o sonho. Pois quem sonha
está Vivo.
E Vivo somos nós. Nós desse espaço.
Seu cabelo. Nosso cabelo. Nossa cor. Nossa religião. Sua
religião.
Nossas cores. Nosso eu nosso. Nosso sorriso. Nossa
história.
Sorrir.
Nossa união. Sempre. Nosso apoio. Nossa comunidade.
Viva ao Vivo! Que se mantém aqui em pé! Viva ao Vivo
que resiste.
Questionamento.
Reivindicação.
Oportunidade.
Educação.

Natália Galvão, 19 anos, graduanda em Filosofia. Antieli-
tismo acadêmico. Acredita que a mudança vem a partir da
educação e da arte.

Sobre como me encontrei e criei laços

Ao me inscrever para participar do DASP, jamais imaginei a importância que ele teria pra mim. Poderia até imaginar que seria relevante no âmbito acadêmico e profissional, mas não pensava na diferença que faria em minha vida pessoal. Nunca havia passado pela minha cabeça que seria em um bairro, vizinho ao que atualmente moro em São Paulo, que encontraria semelhanças e me remetesse a tantas lembranças do bairro em que cresci na Bahia. E que, além disso, me trouxesse laços.

Antes de fazer minha inscrição para o projeto, já tinha bastante curiosidade a respeito desse bairro ao lado de casa, onde nunca havia colocado os pés. Não foram poucas as vezes que minha mãe me falou para procurar apartamento ou algum lugarzinho para morar lá, por ser ao lado da faculdade, e mais barato. E eu, com certo receio, sempre recusei. Dizia que era um lugar perigoso. Até que um dia cheguei a realizar um trabalho da matéria de Geografia Urbana sobre a São Remo, onde fiz uma breve visita. Depois de começar o campo com o censo, descobri que, na verdade, havia visitado outro local com inúmeras características diferentes da São Remo, o Sem-Terra/Vila Clô (não me sinto confortável em escolher um desses nomes apenas, uma vez que não há nome oficial. Apesar disso, durante o campo, podemos notar maior familiarização por parte dos moradores com “Sem-Terra”). Nesse trabalho,

fiz uma comparação entre meu bairro e a São Remo. Relatei sentir mais medo ao andar em meu próprio bairro do que lá, um lugar desconhecido, porém, movimentado, cheio de gente e animais nas ruas, música, bares e comércios, crianças brincando e adultos papeando. Então, minha curiosidade e interesse se revelaram ainda maior e, ao ver a oportunidade de trabalhar como pesquisadora lá, não pude resistir.

Cheguei com o projeto já iniciado e, durante o processo de formação, fui tomando maior conhecimento de como seria, do que iríamos realizar. Pareceu que não seria tarefa tranquila, mas hoje enxergo as verdadeiras dificuldades. De fato, não é nada fácil chegar com um crachá dizendo que somos da USP e estamos realizando uma pesquisa num bairro onde inúmeros moradores somente têm ligação com a USP para dar sua força de trabalho em funções de faxina ou segurança. Alguns até usam o espaço para lazer, mas também são reprimidos, tanto com o fechamento dos portões, como por “enquadros” dos policiais, como se dissessem que lá não é o lugar deles. Há muitas vezes um olhar de desconfiança dos moradores para conosco, alunos e pesquisadores da USP. Algo justificável, uma vez que nós sabemos de outras vezes em que ocorreu um uso da São Remo como laboratório de pesquisa, sem retorno algum para os moradores.

Apesar das dificuldades em campo, de estar em um lugar até então desconhecido, de muitas vezes tentar entrevista e ouvir um “não” ou até mesmo um xingamento, de ouvir histórias tristes e desesperançosas, foram os laços

criados que me fortaleceram. Os laços com os moradores, pesquisadores, articuladores, com o pessoal da coordenação do projeto e, principalmente, com a São Remo como território. Logo no início, em quase duas semanas de campo, já não era desconfortável estar lá, não era mais um lugar estranho. As pessoas me cumprimentavam e me faziam sentir como se eu fosse uma antiga moradora, e a conversa com os articuladores e pesquisadores era algo que cada vez mais se aproximava de uma amizade. E acabou se tornando.

Aquele lugar me cativou de tal maneira que andar pelo campo batendo de porta em porta e realizar entrevistas deixou de ser um trabalho, passou a ser uma ótima experiência de vida. Experiência enriquecedora, repleta de aprendizados, erros e acertos. Cheia de carinho, respeito, apoio, companheirismo, afeto; cheia de abraços e conversas. Às vezes, em dias em que éramos impossibilitados de trabalhar por conta de chuva muito forte (quando era fraquinha, fazíamos o esforço de manter o campo), íamos comer um doce, tomar uma cerveja, jogar Uno... Essa parte, com certeza, também entra para as ótimas experiências. O convívio com os pesquisadores, as conversas em que dividíamos nossos anseios sobre o caminhar do projeto, a simples companhia deles me faz sentir acolhida e perceber uma forte união, apesar das diferenças de cada um de nós.

Não posso deixar de relatar, também, o quanto trabalhar no censo em uma favela acrescentou em minha carreira profissional como geógrafa. Além do trabalho de

campo, as reuniões e os grupos de formação me trouxeram grande aprendizado. Hoje em dia, tenho um olhar mais realista e menos romantizado sobre a vida nas periferias e favelas, compreendo melhor suas nuances e singularidades.

Foi nas semelhanças do território que um dia me peguei pensando no bairro em que cresci em Porto Seguro, na Bahia. Bairro periférico, pobre, chão de terra, com fama de perigoso, lembrado pelo governo apenas em época eleitoral. Algumas poucas (mas específicas) correspondências com a São Remo me trouxeram lembranças da infância e me ajudaram a entender melhor quem eu sou e de onde eu vim. Talvez sejam essas semelhanças que façam com que me sinta tão acolhida no meu local de trabalho. Que fazem com que tenha vontade de continuar indo lá, para atuar em outras ações, para rever amigos que fiz, para comprar aquele bolo num precinho especial que sei que só lá tem, para receber o sorriso e o “boa tarde” das pessoas ao passar na rua. Ou talvez, apenas para sentir essa sensação de estar em casa.

Agradeço ao IEA pela oportunidade de participar deste projeto incrível que, com certeza, mudou a minha vida. Agradeço aos meus colegas de trabalho e amigos, a São Remo.

De coração, muito obrigada!

Nayara Klinger Castilho Santos, graduanda em Geografia na FLCH- USP.

Relação com a cidade

Nasci e cresci em Belo Horizonte (BH). Sempre morei no mesmo bairro, o bairro da Serra, na região centro-sul da cidade, onde toda minha família também mora, avós, tios, tias, primos. Estudei em escolas na região centro-sul até o 8º ano, logo, meus amigos também eram moradores dessa região. Assim, a cidade, para mim, se resumia ao centro-sul. Família, escola, amigos, lazer, todas as atividades essenciais eu realizava ali. No 9º ano, frequentei uma escola na região leste da cidade. A partir dali, comecei a ver uma Belo Horizonte que eu não conhecia, e minha relação com a cidade mudou completamente. No ensino médio, expandi mais ainda, mudei para uma escola na região norte. Atravessava a cidade todos os dias para ir à escola. E meus amigos já não eram mais moradores do centro-sul. Meu lazer não era mais no centro-sul. A cidade se expandiu para mim. Minha relação com Belo Horizonte sempre foi de muito carinho. Cresci em BH, assim, os lugares da cidade, para mim, não são apenas concreto e cimento. Neles moram lembranças e memórias. Neles, construíram-se afetos.

Aos 17 anos mudei para São Paulo, para fazer a graduação. Existe um estigma de que São Paulo é uma cidade com pessoas ocupadas, produtivas, frias, distantes, individualistas. E, para mim, tudo isso se confirmou quando me mudei. A cidade não era acolhedora. As pessoas, no trans-

porte público, estavam com os ânimos à flor da pele, irritados e estressados. Por isso, até comecei a andar os 3,5 km a pé para a faculdade. Não fiz amizade com nenhuma pessoa de São Paulo, todos meus amigos tinham vindo de outras cidades. Todos os paulistanos que conheci eram distantes, não comunicativos e não acolhedores. Assim, logo concluí, precipitadamente, que era algo de São Paulo. Pensava que, talvez, realmente as pessoas daquela cidade eram distantes. Talvez todos aqueles estigmas estavam certos.

Eu não tinha nenhum afeto pela cidade. Mas, sabia que isso só podia ser construído com tempo e com dedicação. Sempre tentei explorar os espaços e conhecer lugares novos. Achava que, conhecendo mais, teria mais carinho pela cidade. Mas nem nas pessoas de São Paulo eu via um carinho por esse próprio lugar onde nasceram e cresceram. Em BH, sempre vi um senso de pertencimento muito grande à cidade. Eu sempre vi as pessoas apaixonadas por BH. Em São Paulo eu via sim um certo orgulho da cidade, mas que chegava quase a um ufanismo. Bandeiras do estado espalhadas pela cidade inteira. Times de futebol com a bandeira do estado. O formato da calçada, a placa de “proibido fumar”, o símbolo da polícia, todos no formato do estado de SP. Apesar da exaltação à cidade, eu não identificava nas pessoas um pertencimento à cidade. Pensava que São Paulo era tão diversa e tinha tantas identidades que acabava se perdendo e ficando sem identidade nenhuma, e assim, as pessoas não conseguiam se sentir pertencentes à ela.

No meio desse processo de tentar entender e ao mesmo tempo construir minha relação com a cidade, comecei a participar do projeto do IEA. Na São Remo, vi uma São Paulo que eu não conhecia até então. Porque lá eu vi um senso de pertencimento. Talvez, não um pertencimento à São Paulo, mas um pertencimento à São Remo. Lá vi pessoas que conhecem seus vizinhos, que cultivam amizades entre si. Vi entidades que cuidam e lutam pelo bairro, pelo coletivo. Pela natureza do que eu fazia no projeto, que consistia em realizar entrevistas, pude conversar com inúmeras pessoas que não confirmavam nenhum daqueles estigmas iniciais. Pessoas que abriram a porta para mim, que era uma desconhecida até então, me deixaram entrar na casa delas, e confiaram em mim para contar diversas situações sobre suas vidas pessoais. Criei laços e afetos pelo bairro. Porque lá, eu conhecia várias ruas, vários comerciantes, eu havia conversado com muitos moradores.

Há um morador, em especial, que guardo no meu coração com muito carinho. Vou contar brevemente minha história com ele. Eu o entrevistei no início do meu trabalho em campo, e foi em um dia que eu estava muito cansada após ter sido rejeitada em várias casas. Cheguei na casa dele, e foi totalmente diferente, ele me convidou para entrar, sentamos na sala de estar da casa. Ao longo de toda entrevista, ele contou diversas histórias sobre a sua vida pessoal e também da São Remo. Por ser um senhor de idade e morador do bairro há muito tempo, havia muitas histórias para me contar. Ele

me ofereceu bombons e café. Me mostrou fotos das filhas, dos amigos, do sítio que gosta de ir. No final da entrevista, quando há uma pergunta sobre querer deixar algum comentário, ele disse que queria elogiar a entrevistadora e desejar saúde à toda equipe. Foi uma entrevista muito marcante para mim. Depois disso, toda vez que ele me via, me dava alguma coisa, seja um chiclete, uma mexerica ou um pirulito.

As conversas que tive com várias pessoas durante as entrevistas ultrapassavam as perguntas do formulário. Relações eram criadas. Porque, pela natureza do projeto, é necessário que se crie uma primeira relação: a de confiança. Assim, a São Remo foi e é um lugar muito importante para mim dentro de São Paulo, onde modifiquei completamente minha relação com a cidade e com as pessoas da cidade.

Sair da minha cidade é ficar em um vai e vem, entre idas e vindas, sem saber direito de onde sou, para onde vou, onde está minha vida. Disso tudo, hoje penso que a cidade é só um lugar. Um lugar de pedra, concreto, cimento, asfalto e vidro. E essas coisas mortas só fazem sentido porque quem as fez foi gente, e quem as ocupa é gente. Gente que faz diferença. E eu, aos poucos, estou encontrando minha gente em SP. E a São Remo é um lugar muito especial dentro disso tudo.

Maria Luiza Rocha, dezoito, quase dezenove anos, belo-horizontina de nascimento e coração, estudante de matemática, entusiasta do ensino e da educação.

O outro lado do muro

Estudos apontam que nosso cérebro é capaz de julgar se gosta ou não de alguém numa fração de segundo, permito-me dizer que é assim para lugares e ideias também. Assim que entrei em contato com o projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais, sabia que era algo de que eu gostaria de fazer parte. Saber que como estudante de uma das melhores universidades brasileiras, a USP, eu poderia usar minha experiência e vontade de aprender para conhecer e auxiliar uma comunidade me fez acreditar no conhecimento, de fato, para além dos muros da universidade.

Entre no projeto com ele já iniciado, mas, assim que cheguei fui, muito bem recebida e auxiliada pela equipe. Após uma intensa semana de treinamento, o meu primeiro contato com a São Remo, comunidade escolhida por mim para desenvolver o projeto, foi no reconhecimento do território que realizei com um dos coordenadores do projeto. Quando de fato o meu contato intenso com a São Remo se iniciou, nos primeiros meses de 2019, realizei minha primeira entrevista acompanhada pela Rosangela, uma das articuladoras locais participantes do projeto. Foi um dia muito inspirador e proveitoso de trabalho de campo, me senti muito bem acolhida pelas pessoas.

No decorrer do tempo, a minha identificação e o meu bem-estar com as pessoas da comunidade e a equipe do pro-

jeto só cresceram. Em cada bom dia, sorriso ou aceno, eu me sentia bem em realizar o projeto e confiante ao falar com as pessoas da comunidade. Assim como todo trabalho, havia dias cansativos ou dias em que o trabalho era dificultado, como nos dias em que chovia, porém, sempre contávamos com a motivação do Danilo para seguirmos ou resolvíamos aproveitar a comunidade comendo um doce ou um salgado enquanto conversávamos sobre nossas experiências.

Poucas foram as situações em que moradores se recusaram a falar comigo e me receber em suas casas, a maioria me chamava para entrar, me oferecia uma água. Os que se recusaram acabaram aceitando participar mais tarde por ver nosso empenho de equipe, de estar sempre presente e esclarecer todas as possíveis dúvidas e inseguranças que surgiam em relação à presença da USP na comunidade, visto que esse relacionamento entre comunidade e universidade muitas vezes se mostra hostil por parte da segunda. E o contato da comunidade com o espaço da USP é cada vez mais distante. Se dá através da utilização do espaço como lugar de lazer, ação que tem sido dificultada pela decisão da universidade de fechar um dos portões que dá acesso a seu território, e na oferta de mão de obra, em funções como serviços gerais, jardinagem, construção e segurança.

Na comunidade São Remo, encontrei ainda algumas dificuldades e problemas que parecem absurdos, dada sua proximidade com uma universidade cheia de tanta tecno-

logia e tanto conhecimento. As políticas públicas realmente são ausentes. São pessoas que ainda enfrentam falta de água, falta de luz, de saneamento básico, de iluminação nas ruas, de escola, de atendimento médico – visto que a unidade básica de saúde não atende emergências e o hospital universitário tem restringido seu atendimento. Problemas que podem ser solucionados se tratados com a atenção que merecem. Apesar disso, a comunidade guarda em si um potencial humano enorme, pessoas que fazem o pouco virar muito e que possuem muita força de vontade de fazer acontecer.

O contato constante com as mais diversas pessoas me fez perceber que, muitas vezes, elas só querem e precisam ser ouvidas e receber uma palavra amiga de volta. Acredito que a contribuição mais direta que pude dar para as pessoas com quem tive contato, até agora, foi a possibilidade de ouvi-las da forma mais sincera possível. Muitas se descobriam ao realizar o questionário e a conversa acabava se estendendo para lembranças, medos, alegrias que muitas vezes elas não tinham com quem compartilhar, ou só não havia surgido a oportunidade. Entendo, hoje, que a contribuição que recebi de volta por parte da comunidade foi, justamente, o que acredito ter proporcionado para ela, a possibilidade de ser percebida e recebida com tanto carinho e atenção, sabendo que aquele contato, por mais curto que tenha sido, com as mais diversas pessoas, proporcionou de modo recíproco uma satisfação em partilhar

experiências, vivências, insatisfações e alegrias comuns e também diferentes.

Não poderia deixar de mencionar a gratidão que sinto por todos os meus amigos de equipe, com quem criei um vínculo de confiança e carinho muito grande. Todos os articuladores, alunos, pesquisadores, supervisores, coordenadores e diretores que muito me ajudaram e acreditaram em mim e no meu potencial. Menciono, especialmente, a Rosângela, a Camila, o Eraldo e o Ericsson por me receberem tão bem e fazerem da minha vivência na São Remo a melhor possível. Agradeço a todos os moradores da São Remo por acreditarem nesse projeto e serem tão receptivos. Agradeço ao IEA e à USP por viabilizar a realização do projeto. E agradeço a todos da equipe por buscarem, assim como eu, construir algo em que acreditamos.

Jade Bernardes, paulistana, 23 anos, estudante de Ciências Sociais, interessada em política e tecnologia aplicadas em suas diversas formas.

Na interface periferias e universidade

O texto tem como principal objetivo relatar os impactos gerados desde a entrada no projeto, o qual viabilizou um estudo mais apurado sobre a dimensão das periferias de São Paulo, local de onde vim e ainda faço parte. É válido frisar o fato de todos os pesquisadores envolvidos serem indivíduos de origem periférica. Tenho certeza de que esse fato colabora para o entendimento da dimensão das subjetividades encontradas no contexto do censo das favelas vizinhas ao *campus* USP, presentes no município de São Paulo.

O começo de uma vida universitária é, sem dúvida, para muitos jovens periféricos, a realização de uma grande conquista. As atividades acadêmicas, no geral, convidam alunos a participarem de experiências científicas ao longo da graduação. Quando o IEA da USP divulgou um edital intitulado “Projeto Democracias, Artes e Saberes Plurais”, li e pensei: “Nossa, vão nos estudar e, finalmente, poderei participar de um estudo capaz de traçar minha própria realidade”. No entanto, as subjetividades postas em todo o decorrer do censo foram além do eu, tem-se os outros e deles temos notas de uma dimensão que jamais poderia ter visto pelos meus olhos.

O projeto me possibilitou pegar emprestadas as histórias, as falas e as formas de representação da realidade dos indivíduos, especialmente da favela São Remo, local para o

qual fui designada para realizar as entrevistas. A São Remo foi o primeiro território onde fiz a coleta de dados para o censo, foi onde fiquei mais tempo até o momento. Tive contato com o Sem-Terra/Vila Clô e também com o Jardim Keralux, conforme fui ajudando outros pesquisadores durante o processo de entrevistas.

Um dos primeiros passos após a elaboração dos questionários para o censo foi o reconhecimento de campo. Por mais que se tenha vivência com territórios periféricos, ao visitar uma região na qual nunca se esteve, somos vistos como presença estranha e, muitas vezes, com ares de hostilidade. Com uma abordagem acompanhada da titulação de estudante da USP, a chegada nas casas soava como uma carteirada. Agregar o conhecimento me possibilitou duas coisas: o avanço na qualificação profissional pela aprovação na faculdade e, ao mesmo tempo, também o distanciamento da realidade periférica.

Segundo Pierre Bourdieu, uma pessoa que conseguiu estudar em uma universidade e tem origem operária terá conhecimento para cargos mais qualificados. No entanto, o processo de incorporação no mundo do trabalho desse indivíduo será diferente daquele que já pertence a uma classe mais privilegiada (e com vias facilitadoras): indivíduos de origem operária terão inicialmente salários menores. Para além disso, o aumento da permeabilização do tecido social, que possibilita pessoas de origens mais humildes ocupar

academias, fez o lugar das qualificações ficar mais frouxo. Consequentemente, com maior oferta de mão de obra, haverá mais funcionários para a mesma função e maior possibilidade da proposição de salários menos competitivos.

Na contramão, um indivíduo universitário cria uma barreira de distanciamento com a comunidade onde viveu, pois já não se comunica com as mesmas linguagens e ao mesmo tempo, se torna distante das classes mais tradicionais presentes no mundo acadêmico por não gozar dos mesmos privilégios de classe. Estudar na USP me colocou em uma situação intermediária, pois o conhecimento me afastou das pessoas com as quais que cresci e, concomitantemente, não me aproximou de forma significativa das pessoas mais privilegiadas, que também entraram na mesma faculdade em que fui aprovada.

Assim, esse projeto me possibilitou a reapropriação das subjetividades da minha construção identitária com a periferia e, simultaneamente, me permitiu um lugar de experiência na vida acadêmica, mesmo tendo “origens operárias” (aqui, o termo mais adequado seria origem periférica). Ao lado de pessoas com histórias humildes e com maiores dificuldades no ingresso na USP, pude me aprofundar nos estudos relativos à graduação de Saúde Pública por via do contato direto com os relatos dos moradores, aliado àquilo que incorporei durante a formação em ciências sociais.

O conhecimento conquistado e produzido ao longo das graduações tem auxiliado na bagagem relativa dos saberes. A construção dos diálogos como meio para execução das perguntas tem me possibilitado desenvolver a sensibilidade durante as entrevistas. As posições de improviso que nos colocamos para estar ali extraindo entrevistas ajudam a colecionar episódios inéditos: ora se fica em pé, agachada, com um pé em uma escada, o outro na parede para equilibrar o *tablet* nas mãos, isso quando não garoa, faz frio ou chove. O maior desafio sem dúvida não esteve nisso, mas em convencer pessoas a cederem parte de seu tempo diário para responder a esses questionários. Indo além, em fazer a população residente desses lugares entender a importância deste trabalho. Para isso, não houve metodologia pronta; cada pesquisador fez uma abordagem com o mesmo propósito comum para o projeto, porém, ao seu modo.

Eu sabia que ser educada e apresentar carteirinha de estudante USP não me dariam carta branca para convencer um morador a responder ao questionário de seu domicílio. Tinha ciência de que todos os domicílios precisavam responder (cerca de 92 %, pelo menos). Então, antes deles contarem suas histórias, eu dividia parte da minha com eles: contava sobre meu bairro, revelei para alguns sobre minha mãe ser auxiliar de limpeza, assim como muitos moradores da São Remo, entre outros trechos da minha trajetória.

Quando sequer tinha a possibilidade de chegar a bater um papo, outra estratégia facilitou meu trabalho: os animais presentes no campo. A São Remo é dotada de muitos tipos de animais e boa parte deles são *pets* dos moradores. Sempre tive certa afinidade com esses pequenos seres, desde criança. Sou o tipo de pessoa que para no meio de qualquer trajeto para partilhar afetos entre cachorros de rua ou qualquer animal de portão, muro ou árvore disposto a me dar atenção. Esse velho hábito me ajudou de forma inesperada no trabalho de campo.

Muitas pessoas só me atendiam quando percebiam que seus *pets* me tratavam bem, brincavam comigo ou estavam dispostos a me dar atenção. Recebia dessa primeira recepção maior possibilidade de ter de seus donos a realização das entrevistas. Durante o trabalho de campo, temos articuladores (moradores do lugar) que nos ajudam, intermediando diálogos entre seus vizinhos para convencê-los a darem entrevistas. No meu caso, além dos articuladores contratados pelo projeto, tive certos articuladores de outras espécies, cheio de pelos ou penas, dispostos a cooperar com meu trabalho ao longo das três vezes por semana que ia a campo.

Um trabalho como o censo pode soar apenas uma aplicação de entrevista técnica e fria. Ao longo do processo, não foi dessa forma que as coisas se sucederam. Cada pessoa ali sequer tinha tido qualquer possibilidade de participar de uma entrevista ou receber uma pessoa em sua casa

para que pudesse dar sua versão sobre a sua relação com o lugar, seu meio de trabalho, de onde veio e por que mora ali. Nem sempre as respostas do questionário serão capazes de extrair o que os moradores querem dizer. Para isso, precisamos ter boa escuta.

Muitas pessoas fazem de sua entrevista uma ponte para um diálogo maior, situação na qual resgatam o que é para elas mais relevante das relações das favelas com a USP, expectativas ou ausência delas para o futuro. A partir de cada relato, tiro recortes e novos modos de ver o lugar em que tenho estudado há mais de um ano. Cada conversa traz uma visão legítima sobre os meios de interpretar o universo onde aquelas pessoas vivem. Através das suas falas percebo o quanto ainda precisamos nos aproximar dessa realidade e possibilitar maiores trocas entre esses lugares e a universidade.

As conversas durante as entrevistas também são termômetros sobre o quanto a periferia tem se apropriado de conceitos debatidos na academia. Temas relacionados a saúde, doença, discursos relativos ao gênero estão presentes na vida de todos, e lá percebo como eles resolvem a presença de termos que nunca chegaram a ouvir ou sabem sequer dar um significado. Quando pergunto se a pessoa é cisgênera ou transgênera, por exemplo, abre-se uma janela para um assunto pouco explorado por grande parte dos entrevistados.

No que concerne às perguntas do censo relacionadas a gênero, muitas vezes apontam que na periferia falar sobre o

tema é um desafio delicado e complexo; um processo espinhoso que requer muita delicadeza e preparação didática. Além disso, as questões podem nos levar a outras discussões relacionadas à desconstrução de gênero. Essas circunstâncias, associadas ao conhecimento adquirido em Ciências Sociais e que tem se desenvolvido no curso de Saúde Pública sempre me fazem pensar sobre o quanto essa parte da população consegue incorporar em sua vida as diferenciações entre saberes e identidade étnica. O debate precisa avançar e não existe receita eficaz para que o aprendizado contemple moradores periféricos.

O esclarecimento sobre os conceitos de raça e gênero ainda não encontrou solo fértil para alcançar boa parte desses territórios. Por isso, é fundamental um diálogo cirúrgico sobre esses temas, para impedir a construção de novas fronteiras que possam dificultar as trocas entre saberes entre periferias e universidade. Logo, tem sido tão importante a incorporação de um projeto desse calibre na vida das periferias e na vivência dos estudantes universitários.

Luciana Lima Marques é estudante de Graduação em Saúde Pública (USP) e Bacharela em Ciências Sociais (PUC-SP). Durante a formação básica, estudou em escola pública. Preciso trabalhar desde o ensino médio para financiar estudos em cursinhos preparatórios para vestibular. De origem periférica, da Cohab Cidade Tiradentes, decidiu fazer dos estudos uma ferramenta para compreensão e produção de crítica social.

São Remo: uma expansão do nosso olhar para além da USP

As periferias ou “zonas de fronteira”, como as chama Foa e Nemirovskaya (2016)¹ podem mostrar características muito diferentes, por causa da história e da geografia de cada país. Não obstante, todas possuem dois aspectos importantes em comum: a consolidação tardia da presença do Estado e uma composição populacional resultante de migração descontrolada.

Para o caso brasileiro, isso não é novidade, e o legado que nosso passado colonial tem nos deixado é muito mais notável nas principais cidades do país. E é assim porque a autoridade do Estado, formado com instituições formais comparativamente fracas, nunca é afirmada uniformemente pelo território.

Em São Paulo são acentuados os casos de desigualdade, uma cidade historicamente marcada pela segregação geográfica e social. Atualmente, observa-se uma diversificação em seus campos, ou seja, em diversas zonas a pobreza e riqueza coexistem². Um exemplo é o das grandes periferias, dividindo muros com condomínio fechado de alto padrão – como é o caso do bairro ao qual pertence a São Remo, o Butantã.

São Remo, à parte de ser um exemplo de periferia não convencional, também é uma zona “marrom”, citando

O'Donnell (1993)³, porque aquele monopólio do uso legítimo da violência do Estado não tem sido devida e formalmente estabelecido. Nesse sentido, essa é uma das principais razões pelas quais a São Remo tem muitos casos de repressão e elementos que colocam a população em situação de vulnerabilidade.

A vivência no projeto acende momentos conflituosos com a essência dos pesquisadores. O fato de uma das maiores universidades da América Latina – referência em educação, produtora de inúmeros conhecimentos científicos e responsável por conduzir pesquisas que visam a resolver problemas na sociedade – estar localizada ao lado de uma comunidade periférica, que carece inclusive de educação, evidencia o abismo da desigualdade e fortalece a metáfora de um muro separando o paraíso e o precipício.

O cotidiano do trabalho em campo permite o contato direto com moradores que ressaltam e questionam a desesperança em ter seus filhos estudando na USP ou, até mesmo, não sabem sequer que moram ao lado de uma universidade pública que oferece ensino de qualidade. A principal visão de acesso à USP está relacionada com a oferta de trabalho, uma vez que as empresas terceirizadas se beneficiam do fácil acesso à mão de obra dos trabalhadores que residem na São Remo.

Simultaneamente, observa-se que a baixa situação econômica que prevalece ali, como na maioria das comunida-

des, é reflexo da precarização de direitos básicos como: acesso à moradia, alimentação e educação de boa qualidade. Assim, nos deparamos com um ciclo vicioso de bases familiares que foram prejudicadas pela necessidade da inserção no mercado de trabalho desde cedo, pois trata-se de indivíduos que foram forçados a escolher o trabalho ao invés da educação, uma vez que a necessidade de se alimentar torna-se prioridade para a sobrevivência. E, tal ingresso no mercado de trabalho – muitas vezes precário e referente às profissões menos valorizadas na sociedade brasileira – é o principal ponto prejudicial na formação mínima educacional.

Tal visão é de extrema importância para rebater e questionar ideias e atitudes que giram em torno do discurso meritocrático e fazem uso do “merecimento” e da situação como consequência direta dos esforços pessoais, sem levar em conta fatores tão relevantes quanto o histórico, contexto e circunstâncias envolvidos. De maneira que essa ideia minimiza a responsabilidade do Estado sobre os problemas sociais das classes mais baixas. Vale ressaltar que estamos tratando de indivíduos e grupos privados dos direitos mínimos e que, hoje, carregam também a culpa e a repressão de uma sociedade que tantas vezes se encontra cega para problemas sociais. Falar de meritocracia em um país com tanta desigualdade é de uma incoerência sem tamanho.

A decisão do projeto de escolher para compor seu grupo de pesquisadores graduandos que possuíam algum

tipo de conexão com as periferias foi um ato ousado, tendo em vista o histórico dos projetos realizados pela universidade. É importante ressaltar que tal requisito foi essencial para reunir visões diversificadas, histórias e essências singulares que decorreram em uma lente de sensibilidade e compartilhamento mútuo de conhecimentos entre os pesquisadores.

É essencial lembrar que a USP é composta por nós estudantes, pesquisadores, professores, demais servidores e toda a comunidade da universidade. Cabe a nós buscarmos mudanças positivas dentro dessa instituição para retribuir à sociedade o nosso conhecimento e possibilitar que mais pessoas com as nossas caras tenham a oportunidade de ter educação de qualidade.

Agora, partindo para outro ramo, vamos falar dos conhecimentos que estão do lado de lá do muro, do lado do muro que tem flores, mas também espinhos, do lado do muro que tem grafites com cores, mas, às vezes, é manchado com sangue.

Precisamos falar da humildade, do respeito e da alegria de pessoas que, com tão pouco, demostram que são ricas em valores e essências. A dona Maria que oferece um café naquela manhã em que você não estava tão animada, o seu José que sorri para você sempre que te vê passar, seu João que sempre te dá um livro ao te ver andando por perto da sua casa ou aquela criança que te abraça todas as vezes que te vê após aquele dia que você falou um instante com

ela, em um intervalo da entrevista em sua casa. Os sorrisos, olhares e o acolhimento são os principais motivos que me fazem ir a campo nas minhas manhãs de sábado. Pessoas que, com pouco, compartilham esse pouco comigo, me fazem sentir amor dentro da São Remo.

Contudo, a idealização das periferias deve ser um ponto a ser tomado com muito cuidado. É importante ressaltar as personalidades, os valores e as características fantásticas que encontramos nas comunidades, mas é imprescindível apontar os reflexos causados pelo esquecimento e pela desigualdade para que sejam buscadas ações afirmativas de melhorias para a população que lá reside.

Tomando tudo em conta, eu poderia dizer que vivo em três mundos diferentes: (i) a moradia estudantil da USP, ou minha bolha social, onde me encontro com uma variedade de privilégios incomparáveis com a minha realidade, (ii) a casa dos meus pais, a qual, apesar de também ser em uma comunidade periférica, é de um tipo diferente, na cidade de Cubatão e (iii) a São Remo, minha fuga daquele primeiro mundo, e é onde eu encontro um pouco de “lar” em meio ao caos da universidade.

Ao longo do processo a relação de carinho e apreço à São Remo é uma das muitas motivações que me dão o desejo de compreender e lutar para mudar a sua situação; e que também me impulsionam a desenvolver o trabalho de campo em dias de sol e chuva. Nesse sentido, por um lado,

acredito que, para o trabalho que temos, a equipe – colegas pelos quais tenho grande admiração –, precisa ter a certeza de que podemos trazer algum benefício para aqueles que tanto queremos ajudar; por outro lado, fazendo tudo isto também estamos trazendo benefício para nós, já que participar do projeto na São Remo é uma oportunidade que nem todos os estudantes da USP têm de ampliar a sua vivência e olhar, tanto para crescer pessoal, como academicamente. Percebo a São Remo como um lugar em que me sinto bem. De certa forma, tornou-se mais uma casa para mim. E quem não teria a vontade de fazer bem para ela?

Raquel de França Bezerra, 21 anos, graduanda em Ciências Contábeis. Advinda da periferia de Cubatão, na Baixada Santista. Acredita que a economia pode se somar à proteção ambiental e ao setor cultural na busca de equidade e melhores condições de vida para toda a população, sobretudo, a periférica.

Referências

1. FOA, R. S.; NEMIROVSKAYA, A. How state capacity varies within frontier states: a multicountry sub-national analysis. **Governance**, v. 29, n. 3, p. 411–432. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/gove.12190>. Acesso em: 7 abr. 2020.
2. NOSSA REDE SÃO PAULO. **Mapa da desigualda-**

de, São Paulo, 2019. Disponível em: https://www.nos-sasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2019/11/Mapada_Desigualdade_2019_apresentacao.pdf. Acesso em: 15 abr. 2020.

3. O'DONNELL, G. Estado, democratización y ciudadanía. **Nueva Sociedad**, n. 128, p. 62-87. 1993. Disponível em: <https://nuso.org/articulo/estado-democratizacion-y-ciudadania/> Acesso em: 07 abr. 2020

O projeto para as diversas comunidades e suas singularidades

O projeto do IEA da USP viabilizou o desejo que sempre tive em mente quando pisei nessa instituição de ensino, de retribuir à comunidade o privilégio de estar na maior universidade da América Latina. Além disso, trouxe uma carga teórica e experimental muito interessante ao nos formar para o contato físico e emocional com nossos vizinhos em um curso com carga de 34 horas. Além disso, a cada vez que nos deparávamos com a realidade difícil deles, muitas vezes era fundamental expor essa vivência do campo, o que ocorria nas reuniões quinzenais às quartas-feiras, que tinham o objetivo de buscar estratégias para o projeto, mas que sempre abriam espaço para tais discussões – um projeto, de fato, humano.

O dia a dia no território era cheio de surpresas, e essa relação vívida com os moradores da São Remo nos traz histórias que causam os mais diversos sentimentos, como por exemplo, uma senhora que tem deficiência mental, mas que trabalha e sustenta as duas filhas; ou uma senhora de idade que tem carência auditiva e mora sozinha, mas cujos vizinhos e a filha sempre a ajudam. Por outro lado, o projeto me trouxe a possibilidade de entrar em contato com meus familiares: tias Fatinha, Andreia, Preta, meu primo Alex e todos os outros da minha antiga comunidade, que difícil-

mente eu via, por ser, atualmente, residente da zona sul, no Capão Redondo.

É perceptível, deste modo, que o campo é cheio de desafios e potencialidades. Um dos maiores desafios é sempre ouvir que essa pesquisa não serve para nada – é desanimador! Entretanto, é compreensível tal atitude quando conhecemos a história da São Remo com a USP. Contudo, o Censo Pontes e Vivências de Saberes tem como missão maior minimizar esse histórico segregacionista de “laboratório de experimentos” para com a comunidade, como é a ponte feita por meio da informação. Encontrei uma moça que tinha um grande desejo de fazer curso de culinária, mas não sabia onde o ministravam gratuitamente. Como um dos objetivos da pesquisa é mapear as instituições da comunidade, eu sabia que havia um curso desse no Circo Escola. Então, passei o número da instituição para ela, e foi visível sua surpresa ao saber que tinha esse curso na própria São Remo e também a felicidade ao ver que é possível realizar esse desejo. Portanto, esses múltiplos sentimentos são um choque para nós que temos um ímpeto de mudança, choque este que só é minimizado quando entendemos o propósito do projeto.

Para a melhor compreensão dessa finalidade é de suma relevância mencionar a viagem custeada totalmente pelo projeto ao Rio de Janeiro, especificamente para o Complexo da Maré, onde foi realizado o Censo Maré, sob coor-

denação de Eliana Sousa Silva, Dalcio Marinho Gonçalves e Everton Pereira da Silva, entre outros. Essa viagem teve como intuito nos mostrar a organização Redes da Maré e o resultado do censo nas dezesseis comunidades presentes naquele Complexo.

A viagem à Maré me mostrou muitas similaridades com a região onde eu moro – Capão Redondo – e com a grande desigualdade espacial paulistana em comparação com a carioca, mas tem singularidades importante a serem relatadas. Um fato interessante é que essas favelas ficam em região plana e a malha dos logradouros são em forma quadriculada, indo de encontro ao estereótipo de que as favelas são sempre em morros. Ainda na observação socioespacial, a rua Evanildo Alves no cruzamento com a Tancredo Neves me chamou muito a atenção devido à grande quantidade de balas nas paredes. Perguntando para um morador, foi relatado que exatamente nessa rua há uma zona de divisão entre a milícia e uma facção. Além disso, no intento de não permitir a entrada do carro-forte, diversas vigas são fincadas em ruas estratégicas – o que pode ser visto como tentativa de autonomia em relação ao Estado, uma vez que é possível ver a proteção das favelas pelos indivíduos que as compõem.

Todavia, é primordial relatar o lado benéfico dessa viagem e conhecer os projetos que surgiram do Censo Maré. Almoçamos na Casa das Mulheres, ao ar livre, com uma sombra agradável feita pelos sobrados com sua cons-

trução única e ao som do pagode/funk. Essa instituição visa ao empreendimento e à autonomia das mulheres da comunidade, o que é fenomenal! Outro lugar é o Espaço Normal, que acolhe dependentes químicos e pessoas em situação de rua, sem pressão social, como nos internatos. No âmbito cultural estão o Centro de Artes da Maré, a Biblioteca Popular Escritor Lima Barreto e a Lona Cultural Municipal Herbert Vianna, espaços que visam a despertar o lado artístico dos 140 mil moradores desse complexo.

Outro aspecto expressivo no que se refere às minhas experiências diz respeito à relação do projeto e a vida acadêmica. Como estudante da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU-USP), sempre observo o mundo à minha volta, as edificações e relações entre espaço e os indivíduos. Assim, no segundo semestre do curso, na disciplina de Planejamento Urbano, tínhamos que escolher uma região para analisar as construções e melhorar a coabitação; obviamente escolhi a comunidade vizinha, a qual já estava observando há meses. Como resultado, o material para a minha análise foi compartilhado pelo projeto e, a partir dele, por meio de gráficos e suas interpretações, consegui demonstrar as necessidades do local de forma clara e concreta na disciplina e propor melhorias habitacionais.

As experiências proporcionadas por este projeto vão muito além da universidade, pois saem do mundo teórico para a realidade, fazendo com tenhamos um olhar mais hu-

manizado do território que estamos analisando, e nos põem em contato com quem sofre com os maiores problemas da sociedade brasileira. Isto posto, essas vivências e saberes serão fundamentais para meu ramo profissional e para como penso a arquitetura, além de me deixarem ansioso para retornar à São Remo com frutos desse trabalho que nunca parará de crescer e inspirar.

Paulo Rogério Nunes dos Santos, 24 anos, graduando de Arquitetura e Urbanismo. Jovem preto e periférico, integrante dos coletivos Malungo e da FAU Social, que visa a melhorar as condições da periferia por meio da Arquitetura Social.

Minha visita ao Rio de Janeiro e da visita do Rio de Janeiro a mim

Há uma maneira muito simples de expressar o que foi essa viagem: fomos de São Paulo ao Rio de Janeiro com o objetivo de visitar o microuniverso construído ao custo de muita dedicação e esforço da Redes da Maré dentro de um universo maior, que compreende o Complexo de Favelas da Maré. Esse modo é direto, porém, obtuso – não serve. Logo, para compreender essa viagem, mais importante do que descrever é pensar.

Como primeiro passo é importante chamar atenção para o fato de que a ida à antiga capital brasileira foi muitas viagens em apenas uma – isto porque a personalidade de cada um de nós é singular, bem como a gênese do complexo de emoções e sentimentos de todos: dentro desse campo existem, ainda, diferentes intensidades, distintas matizes. Em suma, meu desejo era descrever esse passeio em que pudemos conhecer o trabalho da Redes da Maré, com enfoque humanizado.

Com um pequeno artigo encontrado na internet, aprendo que emoções e sentimentos não são sinônimos. Temos as seis emoções fundamentais: medo, raiva, surpresa, nojo, alegria e tristeza; e os dezessete sentimentos separados em positivos, negativos e neutros: tristeza, medo, hostilidade, frustração, raiva, desespero, culpa, ciúmes, felicida-

de, humor, alegria, amor, gratidão, esperança, compaixão, surpresa. Ora, se experienciamos de forma variada e não igualitária é, portanto, impossível que um mesmo lugar seja igual para todos. Dessa maneira, este relato traz a minha experiência pessoal e, em vista disso, relevará mais a meu respeito do que sobre a cidade, ou o Complexo de Favelas da Maré e a Redes da Maré.

Estive anos antes no Rio de Janeiro na condição de universitário. No ônibus, a caminho do nosso destino, perguntava-me qual seriam as sensações predominantes nessa nova visita. Agora, aqui sentado e escrevendo essas palavras, observo o significado total desse passeio e a sensação que tenho é dividida ao meio – inexistente a mistura. O que há, então, é algo como leite e café. É o que sinto em relação aos trechos do norte e do sul da cidade maravilhosa que nós tivemos a oportunidade de visitar. A zona sul causou-me estranhamento e a zona norte provocou-me uma sensação de familiaridade. O que isso significa? A primeira é mesmo um lugar estranho e a segunda é despojada? Talvez sim. Mas não responde à pergunta feita. A resposta é que minha presença ali resultava em confronto. Do quê? Dos *pixels* em que vivi na minha cidade, São Paulo. Da minha história pessoal. Da minha geografia⁶

6 A única convergência vem da genealogia dos porquês de eu ter experimentado a história e a geografia que vivenciei: industrialização tardia concentrada no Sudeste, maciça migração nordestina, estabelecimento em formas precárias de moradias – uma vida periférica e pobre na zona sul paulistana.

Eu levei São Paulo para o Rio de Janeiro. Voltei. Trouxe o Rio de Janeiro para São Paulo. E agora escrevo sobre isso. O fato de eu sentir estranhamento no seio de uma área enriquecida de uma cidade como o Rio indica que eu, paulistano, pouco conheço as áreas análogas à zona sul carioca localizadas em terras paulistanas. O fato de eu sentir familiaridade no Complexo de Favelas da Maré (mesmo em meio a uma casa com dois andares cuja estrutura apresentava muitas marcas de tiros) indica que eu, como cidadão paulistano, conheço com alguma propriedade áreas em que as condições de vida são financeiramente desnutridas. O fato de eu perceber esses aterradores contrastes nas duas mais importantes cidades da nação indica que este é um país cuja desigualdade é sufocante e, como tal, fadado à penúria. O problema é que essa penúria é relativa em vez de absoluta. Assim, em vez de haver interesse em combatê-la, aqueles pouquíssimos os quais conseguem e conseguiram⁷ dela se esquivar defendem-na ferrenhamente – é daí, desta fronteira, que imaginam vir sua fortuna. Deve ser mantida, pois! Incrível existir alguém que queria ficar bem ali, parado em cima dessa linha fronteira – correndo o risco de ser atingido por rajadas de descontentamento vinda de ambos os lados: essas são as pessoas que vivem em função de cumprir com as missões estabelecidas pela Redes da Maré. Esses funcionários me convenceram de que são impressionantes. Inspiradores.

7. Mas, como conseguiram esses feitos? Quais foram os procedimentos?

Fiz questão de citar todas aquelas emoções e sentimentos primeiro porque esta viagem foi tão rica que pude sentir todos eles. Não faltou um único sequer. Segundo porque, assim como o contraste social entre área enriquecida e empobrecida, no fim, houve contraste emocional: no início da viagem, eu sentia esperança de que essa fosse uma boa viagem, uma boa experiência, uma memória da qual me recordaria por bastante tempo – e foi. No fim da viagem, eu sentia surpresa. Jovem de pele escura que sou, em uma cidade assustadoramente marcada por uma briga entre brancos e negros, sustentada pela elevada diferença de riqueza e o pânico absoluto que os enriquecidos têm de serem atingidos pela penúria (daí o insistente apoio para que o corpo policial atue de modo pacificador⁸), acabei atingido por esse conflito ao ser interpelado por um policial portando uma arma capaz de assassinar um elefante. A sensação de surpresa veio por eu estar lá visitando a cidade, conhecendo um pouco do cotidiano das pessoas no Complexo de Favelas da Maré e escutando até mesmo o testemunho de mães que tiveram seus filhos estraçalhados por ferramentas assassinas de alto calibre. Porém, era tudo em posição passiva, como uma terceira pessoa. Acabei lançado ao palco por aquele policial. Acabei me tornando um personagem daquela história. Definitivamente, sei que um governador de estado comemorando – e redefinindo o que é felicidade – o gol (um

8. O Pacificador Duque de Caxias é a síntese do que isso significa.

tiro na cabeça) de seu time (o assassinato de alguém de pele escura) é um acontecimento real.

Certamente, deixei o Rio de Janeiro como o mais carioca de todos os estudantes. Exceto o susto, foi uma boa viagem. Valeu a pena. Mesmo.

Ricardo Lima da Silva, graduando em Geografia e viciado em perceber e descrever a existência e a ação da entropia em absolutamente todos os lugares, seja numa cidade, seja na mente.

Estudar a periferia é preciso!

Nas leis da física, a visibilidade de um objeto é condicionada pela propagação da luz em torno dele e por sua capacidade de absorção e reflexão do espectro luminoso. Não é de hoje, por isso, que cientistas se esforçam em desenvolver técnicas de interferência nessa relação para tornar objetos imperceptíveis aos nossos olhos, criando um efeito chamado de “manto (ou capa) da invisibilidade”.

Transportar essa ideia, como metáfora, para o cotidiano da urbe não requer nenhum esforço – parcela expressiva de seus habitantes vive diariamente o assombro do manto da invisibilidade, em particular, aqueles que residem nos territórios periféricos.

O pressuposto que domina o imaginário da cidade sobre as favelas e demais quebradas populares é o de serem espaços marcados pela ausência de bens, recursos e características físicas e sociais condizentes à cidadania – porém, com referenciais sempre ditados por padrões hegemônicos de habitabilidade e sociabilidade. Em outras palavras, são espaços mais definidos pelo que supostamente não têm, do que por aquilo que potencialmente têm. Vale lembrar que o IBGE ainda tipifica esses espaços como aglomerados sub-normais, rotulando neles uma noção de inferioridade em relação a outros. Desse modo, seus contingentes populacionais são reduzidos à mera condição de “comunidades ca-

rentes”. Ainda que o pretexto do rótulo seja o de enxergar suas demandas, ele acaba desfocando o reconhecimento das vivências, saberes e produções desses grupos sociais e, assim, estereótipos negativos são reproduzidos e perpetuam uma representação social preconceituosa sobre os espaços populares e os sujeitos ali residentes¹.

Qual território ou grupo social não tem carência de alguma coisa? Em muitos lugares, por exemplo, há grande carência de sociabilidade, mas não nos espaços populares. Reduzir territórios e suas comunidades ao lugar da ausência ou da carência, de forma generalizada, reforça os estigmas que impregnam as políticas públicas – a de segurança é a expressão mais agonizante no momento – e as relações sociais na dinâmica da cidade².

Retomando a metáfora do manto, essa maneira de (não) enxergar – e tratar – as favelas e periferias é inadequada para dar visibilidade à potência de suas comunidades e, em muitos aspectos, embaça a compreensão das necessidades, problemas, virtudes e lições que a periferia mostra ao conjunto inteiro da cidade.

Depois de atuar no Censo Maré, no Rio de Janeiro, fui convidado por Eliana Sousa Silva para participar da replicação da experiência na vizinhança da USP. Tinha pela frente, com a ajuda de Everton Pereira da Silva, a tarefa de orientar técnica e metodologicamente o Censo Pontes e Vivências de Saberes. Apesar de toda a complexidade do mé-

todo de cobertura, percebi que isso não seria tão difícil logo no processo de seleção das(os) estudantes que realizariam a pesquisa. O nível foi muito alto: o mais difícil foi escolher.

Merece destaque a reformulação que essas(es) jovens produziram no questionário do censo. Ali, pela primeira vez, materializaram no projeto o capital que sabíamos existir em um grupo com aquele perfil: a bagagem que traziam das vivências na periferia aliada à experiência de toda a trajetória estudantil até a USP qualificaram a percepção do que a universidade podia realizar – e ganhar – dialogando com a periferia.

Aquelas(es) que chegaram depois, entre o quarto e o sexto mês do censo, empenharam seu capital na integração com os moradores de São Remo/Sem-Terra e Keralux/Vila Guaraciaba. A partir desse momento, com a ajuda das(os) articuladoras(es) dos territórios, as pontes que o censo já erguera começaram a ser pavimentadas. Mas, outras pontes ainda virão.

O censo se propõe a levantar informações sobre as características de um território, da comunidade e de suas condições de vida. Produz dados que poderão ampliar o conhecimento sobre o lugar e seus habitantes. Esse conhecimento poderá germinar na USP, nas comunidades ou mesmo fora desses ambientes. E poderá disputar narrativa com as representações equivocadas dos espaços populares como lugares da ausência e da carência.

A ambição do censo é que não só professores e estudantes se apropriem dos dados, mas que estes também sejam acessados por coletivos e lideranças comunitárias, organizações e empreendedores sociais, moradores da periferia e do centro, como fonte para dimensionar demandas, elaborar projetos sociais e qualificar cada vez mais as reivindicações voltadas para o território.

Nada mais potente para desfazer o manto da invisibilidade do que diversificar o conhecimento sobre o lugar e seus moradores. Diversificar o conhecimento é como iluminar o objeto, tornando suas cores e formas mais perceptíveis aos olhos. E é também contribuir para que cada sujeito se reconheça mais pertencente ao lugar – conhecer é fundamental para o pertencimento.

Não posso concluir minha narrativa sem mencionar pessoas como Aziz Salem, Érica Peçanha, Jorge Soares, Lillian Sousa e Silva, Maria Leonor Calasans, Marisa Macedo, Martin Grossmann, Rafael Borsanelli, Raimunda Rodrigues, Terezinha Sakamoto, entre outras, todas definitivamente gravadas na minha memória. Cada uma merece um agradecimento específico e outras também deveriam ser citadas – mas espero que esse lapso em nada diminua a compreensão do quanto sou grato por tudo que viabilizaram no projeto.

Foi a terceira vez que realizei algum trabalho em São Paulo. Sempre simpatizei, mas dessa vez vivi uma paixão pela cidade. Foram mais de 70 dias de permanência.

Apreendi a me deslocar sem GPS, dirigi, andei de ônibus, caminhei entre os bairros, fui de chinelo à padaria, comprei e perdi agasalho, saí de São Remo à meia-noite, desfrutei dos espaços e eventos culturais (até na Virada), vi ao lado de Kelly, minha amada, a Manfrin e o Gabriel no palco do Teatro da USP (TUSP), tive a companhia de Érica e Richard no Itaquerão e fui a um boteco no Brás onde torcedores do Botafogo se encontram para assistir aos jogos. Que prazer! E como disse Nietzsche, “sem prazer, não há vida”.

E, em mim, ocorreu uma transformação. Ver a energia e o engajamento dessas(es) estudantes com as pautas políticas do projeto, com resiliência e empatia tão afloradas quanto suas juventudes e, principalmente, moldadas na potência da periferia, reavivou minha crença na transformação da realidade. Então, outro prazer-vida foi conhecer essa galera. Uma galera capaz e habilitada para rasgar os mantos da invisibilidade que encontrar pela frente!

Dalcio Marinho Gonçalves é niteroiense e, há 19 anos, se identifica com as favelas da Maré. É pesquisador da Redes da Maré, no Rio de Janeiro, e consultor da Cidade Escola Aprendiz, em São Paulo.

Referências

1. FERNANDES, F.; SOUZA E SILVA, J.; BARBOSA, J.L. O paradigma da potência e a Pedagogia da Con-

- vivência. **Revista Periferias**, v.01, n.01, 2018. Rio de Janeiro: IMJA, 2018. Disponível em: <http://revista-periferias.org/materia/o-paradigma-da-potencia-e-a-pedagogia-da-convivencia/>. Acesso em: 21 set. 2020.
2. SOUZA E SILVA, J. Um espaço em busca de seu lugar: as favelas para além dos estereótipos. In: **Território, Territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. SANTOS, M. et al. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense. Lamparina: Rio de Janeiro, 2007. 3ª ed. p. 209-230.

CENTRALIDADES PERIFÉRICAS

Centralidades Periféricas – um sonho em construção

Tive a honra de conhecer a Eliana Sousa Silva por meio do meu amigo Ary Pimentel, professor da UFRJ. O fato é que todas as nossas ideias a respeito da periferia e universalização do conhecimento convergiam, principalmente, por termos vivenciados os dois universos, o acadêmico e o periférico.

Minhas experiências culturais, por ser artista da periferia, somadas as do estudante de literatura, fizeram com que os bate-papos que dantes eram levados apenas aos alunos de escolas públicas se tornassem também diálogos acadêmicos dentro do IEA-USP. Para tanto, buscamos tratar do conhecimento cultural e artístico com seus protagonistas, entendendo, assim, que o conhecimento externo à academia é extremamente necessário para uma universidade acessível e democrática.

No período em que a Eliana esteve à frente da Cátedra Olavo Setubal de Arte e Cultura tivemos a chance de sonhar e realizar esses sonhos. Plantamos sementes dentro da USP que podem ser cuidadas e darem frutos para algo muito maior. Ser consultor dessa frente, entre tantas realizadas por essa cátedra, fez com que me sentisse valorizado, no sentido de que realmente há algo de muito importante no que fazemos em nosso dia a dia.

Discutimos linguagens como teatro, cinema, literatura, fotografia e música diretamente com seus proponentes, de diversas periferias do Brasil, além dos acadêmicos que também advinham de outras localidades do país. Isso nos dá a dimensão da descentralização do conhecimento, da pluralidade cultural e da sapiência aliada à práxis ali reunidas para refletir acerca do tema periferia e universidade.

Levar um dos Racionais MC's, o DJ KL Jay, para falar pela primeira vez dentro de uma atividade acadêmica da USP, mesmo tendo seu trabalho reconhecido mundialmente e por ser abordado por centenas de pesquisas e teses acadêmicas espalhadas pelo Brasil e pelo mundo, demonstrou o quanto ainda existe uma lacuna a ser preenchida. Sua fala, como a de tantos que passaram por lá, nos deram os referenciais certos ao caminho que uma universidade deve seguir ao tratar de conhecimento, ou seja, os processos passam a ser validados, transparentes e com muito mais chances de darem certo quando envolvem todas as partes.

O Centralidades Periféricas teve e ainda tem tanta potência que acredito que deveria ser uma atividade regular do IEA; uma vez que essa porta foi aberta, é preciso que haja esforço para que não se feche. O que foi construído ao longo de 2018 ainda interfere em nossos sentimentos e ações, há sempre algo que foi dito que é lembrado em nossas ações do dia a dia. Lembro do Severo, por exemplo, líder dos dançarinos de passinho no Rio de Janeiro, contando no seminário

sobre suas dificuldades na infância, agravadas por uma deficiência física na perna, mas que isso nunca o desmotivou e o ajudou a criar um movimento rico culturalmente, não obstante, meses depois de sua participação, vê-lo vencer um torneio de dança na Rede Globo, levando uma premiação financeira, deixou exposto quão importantes são esses seminários, eles não são comuns, são, em suma, diferentes por serem reais entre vida e história, a união perfeita.

Em nossos corações a chama está acesa e penso que devemos espalhar esse fogo transformador. Sou grato por ter vivido isso, por estar escrevendo este relato de maneira informal, mas com um propósito: dizer que o Centralidades Periféricas é das ações acadêmicas mais transformadoras dos últimos anos.

Marcio Vidal Marinho, poeta da periferia.

PLATAFORMA CONEXÕES USP-PERIFERIAS

Uma trajetória entre tantas narrativas

Lá se vão quase vinte anos desde que desenvolvi a primeira pesquisa individual sobre produção cultural da periferia. Era uma simples monografia de conclusão do curso na graduação em Sociologia e Política, que enfocava a relação entre rappers e mercado fonográfico, mas cujo trabalho de campo foi definitivo para minha escolha pela especialização em Antropologia e em Estudos Urbanos.

Entrei na pós-graduação em Antropologia pouco tempo depois e realizei duas pesquisas sobre literatura e periferia, com discussões que vão desde a apropriação do termo literatura marginal para classificar produtos e atuações de escritores paulistanos até a discussão de estratégias coletivas para produzir, fazer circular e estimular o consumo cultural em territórios periféricos. Na sequência, realizei um estágio pós-doutoral com uma pesquisa sobre as perspectivas de profissionalização na área cultural para jovens ligados a coletivos literários, a partir de suas relações com políticas públicas.

Em um país de desigualdades estruturais como o Brasil, e com histórico muito recente de políticas de ação afirmativa para pobres e negros ascenderem ao ensino superior, não deve ser difícil considerar que essa trajetória é produto de um conjunto de apoios, estratégias e malabarismos extra-acadêmicos, sendo eu mulher, negra, originária das camadas popu-

lares e moradora de um bairro da periferia construindo uma carreira intelectual. Para quem conhece minimamente como se organizam as universidades no país, também não deve ser custoso pensar que o ambiente acadêmico ainda carece de projetos institucionais que sejam, efetivamente, inclusivos e potencializadores das vivências, saberes, práticas e demandas de grupos historicamente subalternizados.

Nesse contexto, há que se celebrar o projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais em suas variadas dimensões: nas três ações que o estruturam, nos pressupostos teórico-metodológicos que o embasam, no perfil dos coordenadores e pesquisadores que o compõem, na relação estabelecida com moradores e instituições dos territórios pesquisados, na mobilização de parceiros para garantir desdobramentos do trabalho (docentes e financiadores). Um projeto que visa a aproximar a USP e as periferias por meio pesquisas e diálogos, e que se soma às iniciativas de alguns professores, pesquisadores, funcionários e estudantes na disputa por uma universidade pública mais democrática, interessada na produção de conhecimento que se faz junto com os pesquisados, na ampliação da presença e da representação dos sujeitos periféricos. Não se trata, portanto, de uma experiência inédita na USP, ainda que o seja no âmbito do IEA e na trajetória de vários dos pesquisadores que o integram – como eu.

Minha história no DASP começou em junho de 2018, como convidada do primeiro evento do Centralidades

Periféricas, que teve como foco as reflexões sobre literatura da periferia e universidade. Foi a primeira vez que fui convidada a falar de minhas pesquisas na USP após concluir o doutorado, em 2012. Foi, também, um momento de reencontro com escritores e estudiosos com os quais já havia cruzado no meu percurso acadêmico, mas foi, sobretudo, um ponto de partida para o engajamento em um projeto que descobri me fazer falta desde que cursei a graduação, há quase vinte anos.

Uma fala rápida de Eliana, que me parecia mais uma expressão de polidez e simpatia que se tem com convidados ao final de um evento desse tipo – “gostei muito do que você falou e queria que viesse trabalhar comigo no projeto que estou iniciando no IEA” –, foi ganhando concretude um mês depois, quando nos encontramos por acaso em um restaurante no Rio de Janeiro. Ali, juntamos as mesas, Eliana tirou da bolsa o plano de trabalho que tinha para a Cátedra Olavo Setubal no período de um ano e reiterou o convite para que me integrasse à sua equipe no IEA-USP.

Entre o evento, o encontro casual, as duas reuniões que se seguiram a eles e meu ingresso como pesquisadora de pós-doutorado no projeto se passaram seis meses. O convite inicial era para que eu materializasse uma “plataforma digital com as iniciativas de pesquisadores e professores da USP com foco no estudo da periferia”. Tarefa que recebi como um presente e que depois passei a chamar de “parque

de diversões”, dada a natureza das atividades a serem desenvolvidas: pensar no tipo de dado a ser sistematizado, suas fontes e formas de apresentação; ler trabalhos acadêmicos, projetos de extensão e ementas de disciplinas de graduação e pós-graduação; investigar coletivos discentes, grupos de pesquisa estabelecidos... Efetivamente, o presente traduziu-se no desenho metodológico da plataforma, na gestão e orientação da equipe dos pesquisadores, no levantamento dos dados, na produção de textos e conteúdos, e no relacionamento com profissionais responsáveis pelo *webdesign* e programação desse portal. Mas não deixou de ser fonte de divertimento e satisfação profissional, muito em razão das pessoas que ajudaram a realizar essa iniciativa: seis pesquisadores de diferentes idades, formações, repertórios pessoais e profissionais, mas todos comprometidos com o trabalho que estava sendo feito.

Para além da coordenação da plataforma, que já tinha embocadura suficiente para me fazer repensar minhas próprias referências, repertórios e vivências como intelectual e *uspiana*, tornei-me supervisora geral do projeto e passei a acompanhar as outras ações. No Centralidades Periféricas, contribuí com a indicação de nomes e contatos dos convidados, bem como na divulgação em redes de pesquisadores relacionados às temáticas das periferias. No censo, tornei-me responsável por supervisionar a equipe de campo (que chegou a envolver 40 pessoas, entre pesquisadores e

articuladores); planejar as reuniões; acompanhar o trabalho dos pós-graduandos; dar suporte aos demais coordenadores e consultores do projeto; produzir textos institucionais.

Sempre houve muito trabalho, não raro surgiam problemas de distintas ordens, mas nunca houve dúvidas: o projeto possui potencial transformador e não assistencialista, as ações foram importantes para a maioria dos bolsistas que delas participaram, há compromisso ético e político com os grupos populares por parte dos coordenadores, além de sensibilidade e acolhimento às demandas colocadas por graduandos e pós-graduados, muitas delas relacionadas à exaustão emocional do trabalho de campo em favelas, e tantas outras ligadas às condições materiais que os cercam, à vivência da juventude no atual contexto e às aflições da vida acadêmica.

As narrativas em torno do projeto são múltiplas e muito positivas, e minha certeza é de que eu precisava fazer parte disso. De uma equipe formada por pesquisadores que querem alcançar mais do que títulos e prestígio pessoal em suas carreiras. De uma gestão inclusiva e horizontal. De um evento como o Centralidades Periféricas, que colocou lado a lado artistas, ativistas e estudiosos para falar sobre um mesmo tema. Da construção de um banco de dados quantitativos e qualitativos sobre as ações da USP com foco nas periferias. Da introdução de uma tecnologia social de recenseamento em favelas no contexto acadêmico. Da va-

lorização do paradigma da potência das periferias. De uma maré de gente que não dissocia ética, política, saber e afeto.

Érica Peçanha é antropóloga, com mestrado e doutorado pela USP. Supervisora geral do DASP e coordenadora da plataforma Conexões USP-Periferias. Pesquisadora de pós-doutorado do IEA-USP e do nPeriferias - Grupo de Pesquisa das Periferias.

O dia a dia e o aprendizado no trabalho da plataforma

Os dias de trabalho na pesquisa da plataforma Conexões USP-Periferias muitas vezes passavam rápido, em parte pelo clima desenvolvido pela equipe, mesmo em um trabalho que de certo modo era mecânico, graças ao bom humor de todos. As pesquisas interessantes, com títulos, resumos e capas diferentes eram logo compartilhadas com todos, como uma forma de quebra de monotonia e compartilhamento de descobertas.

Em outros momentos, éramos surpreendidos por outros pesquisadores que transitavam pela sala, comentando sobre alguns dos trabalhos que desenvolviam. Um desses trabalhos e trabalhadores trazia consigo um esqueleto humanoide de cerca de um metro e dez de altura, que remetia a um primórdio de ser humano com alguns milhares (ou eram milhões?) de anos, Lucy. O clima de trabalho era quase sempre descontraído, mas sem perder o foco profissional no que realizávamos. Conviver em um ambiente com alguns pesquisadores e nomes importantes para a ciência nacional foi um grande privilégio.

Em relação à importância do trabalho que desenvolvemos, posso comentar sobre a necessidade de ferramentas que realizem algum tipo de divulgação científica de modo acessível. Com o passar dos anos na graduação de Arquite-

tura e Urbanismo, pude acompanhar alguns divulgadores científicos em diversas plataformas on-line e de variados assuntos, mesmo aqueles que não tenho o menor domínio, e hoje digo que admiro esse tipo de trabalho e vejo enorme importância em ações do tipo.

Divulgar a ciência, tentar tomar os seus métodos e descobertas acessíveis aos que não são cientistas, é o passo que se segue natural e naturalmente. Não explicar a ciência me parece perverso. Quando alguém está apaixonado, quer contar a todo mundo¹.

De alguma forma vejo que o que foi desenvolvido pela plataforma, ao sistematizar, até abril de 2020, 336 disciplinas, sendo 189 de graduação e 147 de pós graduação, 1.617 teses e dissertações, 622 publicações (livros, capítulos de livros, textos de jornal etc.), 623 artigos acadêmicos, 491 trabalhos de eventos e 121 trabalhos de conclusão de curso, 62 coletivos (de estudantes e funcionários) e 102 iniciativas de maior integração entre a sociedade e a universidade (projetos de extensão, editais e programas), todos relacionados às temáticas periféricas, demonstra um grande trabalho de sistematização e, acima de tudo, sinaliza que a USP, assim como outras universidades públicas, possui grande envolvimento e compromisso popular para com o povo brasileiro,

ainda que se necessite ampliar esses números, mantendo a grande qualidade. Poder contribuir de alguma forma na construção da sistematização de tais números é motivo de grande orgulho.

De maneira geral, vejo que a plataforma pôde contribuir, inclusive, com os meus próprios estudos, na medida em que pude aprender sobre sistematização de dados e aprofundar um pouco mais na escrita científica de processos sobre tal sistematização. Sobre o rigor acadêmico desenvolvido, buscarei levar para a vida toda. Além disso, saber onde buscar trabalhos acadêmicos e referências diversas sobre uma temática na qual tenho grande interesse, periferias como um todo, é de grande importância e, certamente, utilizarei como fonte acadêmica, além claro, de divulgar para colegas e professores.

Por fim, gostaria de pontuar sobre o espetáculo de dança “Fúria”, encenada por jovens moradores da Maré, comunidade do Rio de Janeiro, a qual todos os envolvidos com o projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais tiveram a oportunidade de assistir (e o prazer, para aqueles que puderam comparecer) no final de novembro de 2019. A peça, como o próprio nome diz, furiosa e impactante, deixou marcas em minha memória, sendo um espetáculo impressionante e representativo da arte presente nas comunidades e da criatividade dos moradores, muitas vezes marcados pela violência cotidiana. De arte também vivem as comuni-

dades, e uma arte surpreendente.

Vítor Soares Miceli é estudante do curso de Arquitetura e Urbanismo e membro da entidade estudantil FAU Social. Participa de congressos científicos apresentando trabalhos relativos aos temas de extensão universitária, canteiro de obras e violência urbana.

Referência

1. SAGAN, Carl. **O mundo assombrado pelos demônios: a ciência como uma vela no escuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 1.

Não vou esquecer

O interesse de me aprofundar em pesquisas sobre as potências periféricas, entendendo esses territórios e seus habitantes como agentes capazes de produzir outras formas de existência, fez com que eu me inscrevesse no edital de bolsas do projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais.

Ingressei em janeiro de 2019, verão. Particpei da frente Conexão USP-Periferias, que teve como proposta a criação de uma plataforma digital para a identificação de pesquisas e ações de extensão da USP que tenham as periferias como foco. No início eram Érica Peçanha (supervisora da plataforma) e eu. Pouco depois, a equipe ficou completa com a chegada do Leandro Oliva.

No começo realizamos uma pesquisa no site www.producaousp.br para identificação dos trabalhos acadêmicos disponibilizados e também para pensar as palavras-chave que aparecem associadas à periferia. A partir disso, criamos uma lista para utilizar nas pesquisas sobre os dados que iriam alimentar a plataforma. A proposta foi, a partir do termo periferia, fazer uma primeira lista de produções, e depois ir complementando com os demais termos, na tentativa de abranger o maior número possível de trabalhos e atuações que poderiam nos interessar. Os termos também foram checados no vocabulário controlado da USP.

Começamos a fazer um levantamento da produção acadêmica para ter condições de sugerir como as informações deveriam ser apresentadas na plataforma digital. No processo de levantamento da produção de pesquisas realizado na USP, fomos percebendo que a maioria das pesquisas tinha como paradigma a carência das periferias para sustentar as suas análises, sendo que tal paradigma não reconhece estratégias criadas pelas populações desses territórios para lidar com problemas, superar obstáculos e produzir novas sociabilidades e significações.

Entendo que essa percepção dialoga com o coração do projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais, pois este provoca a Universidade a considerar o paradigma da potência, o qual considera o poder inventivo das periferias e a capacidade de gerar respostas práticas e legítimas, as quais se configuram como formas contra-hegemônicas de vida em sociedade.

Planilhas, gráficos, pesquisas na biblioteca digital e no site de produção da USP, reuniões de alinhamento com a equipe, descobertas, diálogos, foi um tempo intenso... Talvez quem olhasse os três da plataforma ali concentrados, estudando aquela infinidade de termos, mal poderia imaginar a efervescência do nosso trabalho.

Em nossa experiência, senti que a dimensão intelectual não ficou dissociada da afetiva: almoçávamos juntos, ríamos, compartilhávamos o lanche da tarde, óleos essen-

ciais, e os nossos dilemas como pesquisadoras e pesquisador. Teve tempo para o café e bom papo da Raimunda e também para organizar a arquitetura do site da plataforma.

A minha participação no projeto contribuiu para o meu amadurecimento como pesquisadora das periferias, apesar de ter participado por um trimestre, pouco no tempo cronológico, mas muito no tempo do coração.

Entrei na Universidade em 2002 no curso de Serviço Social, antes do início das aulas fui conversar com o Billy Malachias, que foi meu professor de Geografia no cursinho comunitário. Eu disse que tinha medo de “virar uma intelectual equivocada”, de ficar distante de quem eu era, daí perguntei: “Billy, você fez Geografia na USP, como fez para dar conta?”. Ele respondeu: “Olha, Claudia, de tempos em tempos, eu ia nos rolês da minha quebrada trocar ideia com o pessoal, só para não esquecer de onde eu vim”.

Participar deste projeto foi a oportunidade de falar do meu lugar, de conhecer pessoas incríveis e inspiradoras, de olhar, estudar, compreender, confrontar, refletir, desconstruir, aprender junto!

Fiquei honrada pela oportunidade de fazer parte desse movimento inédito de aproximação da USP, por meio do projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais, com as potências das periferias.

Continuo grata pelo tempo de aprendizado, acolhida, carinho e generosidade. Não vou esquecer!

Claudia Rosalina Adão, assistente social e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, sob a orientação de Caio Santo Amore. Pesquisadora do racismo e sua articulação com o espaço urbano, faz tese sobre as estratégias de sobrevivência, resistência e cuidado de mulheres negras em territórios periféricos.

Carta ao tempo

Era um tempo em que um sorriso, um olhar, uma cabeça um pouco mais baixa, ou um passo um pouco mais apressado refletia como estávamos. O outro à sua frente interpretava esses códigos e convidava para uma conversa próxima, dava um abraço afetuoso ou repartia um bombom na mesma mesa, sentado lado a lado. Era um tempo de encontro. Havia uma rotina em que estávamos uns próximos aos outros. A temperatura do recinto era sentida por todos que o preenchiam. Beijo no rosto, aperto de mão ou abraço eram habituais nos começos dos dias em um ambiente profissional.

Tempo, tenho saudades de você naquela época. Foi por aqueles dias vividos que pude mergulhar em temas que sempre me moveram, ampliei significados, aprendi, abri janelas e portas de lugares que, por mais que já tivesse os visitado, só, então, pude notar as várias camadas de tinta nas paredes, o ruído do ferver da água para passar o café, o cheiro do tijolo quebrado, a textura do comigo-ninguém-pode que rompia o asfalto com força, o toque das mãos ásperas da mona, o virtuosismo dos passos e movimentos na dança do mano e o raciocínio único na declamação performática do poema da mina.

Não bastava ter vivido desde 1997 em projetos sociais, dentro de favelas em diferentes regiões da cidade de

São Paulo, ter sido impactado com a imagem dos meninos, uns sobre os outros, gritando na cela de uma prisão pedindo um maço de cigarros ou para tirá-los dali. Não bastava estar presente em ações emergenciais, como naquele incêndio na Diogo Pires ou naquela batida policial quase chegando em Osasco. Não bastava conviver com os moradores durante anos. Não bastava caminhar pela São Remo para chegar à USP nem sair pelo portão de carros para chegar ao Jaguaré. Viver com os outros, viver para outros, nunca será viver o outro, o que nos traz vazios, desconhecimentos, preconceitos, comportamentos, resquícios e atitudes de uma vida inteira de lacunas herdadas de uma nação formada e comandada por elites econômicas desde a colonização. Uma elite branca, heteronormativa, cristã e com ascendência europeia.

Naqueles dias, foi também com você, tempo, que reconheci que as pessoas foram e continuam a ser vulnerabilizadas socialmente dentro de um sistema neoliberal. É um processo de invisibilização do ser, de um Estado ausente, da não existência de políticas públicas, da não garantia de direitos, a famosa expressão “o não já está garantido”. O não é a garantia dada à favela pelo sistema. Um extremo desprezo. Você vive lá? Fica do lado de fora. Aqui não é lugar para você. O centro não é seu lugar.

Fora ou dentro? Lá ou cá? Centro ou periferia? Se olharmos para a natureza, se, a partir de observação, de-

senharmos diariamente uma planta, acompanharmos seus micromovimentos, se nos debruçarmos sobre qualquer ciclo vivo, somos capazes de notar sua organicidade, sua completude. Tudo faz parte. Tudo coexiste. Maturana e muitos outros, principalmente, os povos originários, já nos disseram e deixaram isso registrado inúmeras vezes.

Foi-se o tempo em que periferia se restringia às bordas de uma cidade. A cidade é uma só, com tudo e com todos que a compõem. Que cegueira é essa que insiste em imperar? Basta olhar para si, para o outro, para a história, basta olhar pela janela. Aliás, é o que mais se faz atualmente; esse tempo presente, de abril de 2020, exige que fiquemos debruçados nas pequenas janelas abertas nos computadores, nos celulares, nos aplicativos, como privilegiados mais uma vez, ou apoiados sobre aquelas que nos permitem ver a vida passar e nos protegem de que outras vidas nos afetem. Ficamos ali, à beira, entre o que possuímos, com o que nos preocupamos, o que, material ou emocionalmente, construímos e o que escolhemos ver do lado de fora de nossos domicílios.

Um pôr do sol em um dia de outono com índice de poluição diminuto na metrópole congestionou as redes sociais... Quantos de nós escolhemos ou olhamos, diariamente, para paisagens que brilham com potência similar? Paisagens constituídas por pessoas. Pessoas que demandam respeito, escuta, reconhecimento, como disse Jailson Souza

e Silva, intelectual que tanto me inspira e com quem tanto aprendo desde 2013, quando o conheci na favela da Maré, no Rio de Janeiro.

Quis a senhora ou o senhor do tempo que, seis anos depois, eu sentisse minhas sobranceiras saltarem, ao ver que a USP, mais especificamente o IEA, teria um edital intitulado “Democracia, Artes e Saberes Plurais”, projeto de Eliana Sousa Silva, outra grande referência da Maré para mim. Graduandos e pós-graduandos envolvidos em ações complementares por mais de um ano. Moradores de territórios periféricos sendo escutados, família por família, domicílio por domicílio, seus direitos não atendidos sendo considerados, suas lutas, suas crenças, suas dores, alegrias e afetos tornando-se “momentos charneira” aos pesquisadores, como diria Marie Christine Josso ao descrever potenciais acontecimentos que separam e articulam etapas da vida.

Foi um tempo em que as janelas foram escancaradas para a potência da vida sem recortes. Vida que se inventa e se reinventa a cada minuto. Além de ouvir, diariamente, cada episódio como uma novela de rádio toda realizada apenas com protagonistas, pude, junto com Érica Peçanha por todo o tempo, mas também com Cláudia Rosalina Adão, Isis Fernandes, Vítor Miceli, Marianna Alves, praticamente de mãos dadas – era uma época em que este gesto era muito possível e selava encontros – ler milhões de palavras que descreviam ou nos convocavam a refletir sobre cenas,

como em um filme com dias e dias de duração, sem cortes, produzido em um longo e único plano sequência.

Sob o sol das periferias, colecionamos teses, dissertações, trabalhos de conclusão de cursos; celebramos ao encontrar artigos, grupos de pesquisa, núcleos, coletivos de alunos, professores, disciplinas que dialogam com assentamentos irregulares ou aglomerados subnormais, como classificam os institutos de pesquisa; vibramos ao ver mergulhos empíricos produzidos por sujeitos periféricos, enfim, um terreno fértil de pesquisas e pesquisadores se semeando, se brotando e se nutrindo do que explode da terra da favela, do chão, das vielas, becos e lajes de diferentes quebradas, do povo que vive em constante disputa simbólica. Material que, ao mesmo tempo em que revela, denuncia a relação da universidade com seus vizinhos. Revela e denuncia práticas de pesquisa. Revela, denuncia e nos traz responsabilidade. Que relação a universidade, que é também cada um de nós, estabelece com seu povo e com suas fronteiras? Que universidade queremos? Que universidade estamos construindo? O papo é reto entre USP e Keralux? Os BOs vão continuar entre São Remo e o *campus* Butantã? Questões que surgiram naquele tempo vivido, no tempo em que a presença nos mostrou que só, de forma coletiva, encontraremos soluções e reverberações potentes e transformadoras de realidade.

Que a plataforma Conexões USP-Periferias alimente o tempo presente, em que abraços não são possíveis e as ja-

nelas virtuais estão em evidência, mas que, sobretudo, aliada aos resultados do Censo Pontes e Vivências de Saberes e de todo o conteúdo do Centralidades Periféricas nos convoque a construir um novo tempo. Um tempo de cocriação, democracia plena, arte como direito de todos e reconhecimento de saberes plurais.

Leandro de Oliva Costa Penha é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da ECA-USP, sob orientação de Sumaya Mattar. Especialista em Arte na Educação pela mesma instituição. Desde 2007 é gestor e consultor de projetos sociais e culturais.

Epílogo

Do Rio, zona norte, a Guaraciaba, Keralux, São Remo...

A zona norte no Rio de Janeiro era para mim uma abstração. Onde começava, onde terminava? Na perspectiva do velejador semiprofissional nos anos 1970 e 1980 (o que indica minha condição privilegiada), que conhecia mais a “a cidade maravilhosa” (a zona sul, claro!) pelo mar do que pela terra, norte era a baía de Guanabara, um acidente geográfico...

Na graduação me deparei e me impactaram os filmes *Rio, Zona Norte* e *Rio, 40 graus* de Nelson Pereira dos Santos, mas a minha cartografia, para além da zona sul, continuava imprecisa, apesar de mais informada. A vida passou e continuei a visitar a cidade (zona sul) ocasionalmente, em grande parte, para participar de eventos científicos e culturais. Raras foram como turista mesmo (zona sul).

Foi o museu, meu objeto de estudo desde que iniciei minha trajetória acadêmica em meados dos anos 1980, que me apresentou ao verdadeiro norte. Não um museu conhecido, mas aquele que surgia sob o comando de Paulo Herkenhoff: o Museu de Arte do Rio, o MAR.

Em setembro de 2012, por ocasião de um encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP), organizado na Universidade do Estado do

Rio de Janeiro (UERJ), fomos, Ana Maria Tavares⁹ e eu, convidados pelo Paulo para uma reunião no novo museu, para discutir projetos em parceria entre o MAR e algumas universidades. Ali estavam o diretor, sua equipe e convidados, em intensos preparativos para a inauguração do MAR em março de 2013. Deste encontro, nasceu um projeto: levar a disciplina de pós-graduação “O lugar, a função e o uso da arte contemporânea”¹⁰, que Ana Maria e eu ministrávamos desde o início do novo século na ECA/USP para o Rio de Janeiro, para este novo e irrequieto museu, o MAR. Uma vanguarda do século XXI!

Este foi o portal para começar a entender e adentrar na zona norte do Rio de Janeiro: um museu-interface¹¹ atuando no olho do furacão de um processo de gentrificação na zona portuária da cidade, ativado pelo fato do Rio de Janeiro sediar o Campeonato Mundial de Futebol (2014) e as Olimpíadas (2016).

Ali, na praça Mauá, em conversas com o Paulo e sua equipe é que comecei a esboçar uma nova cartografia em

9. Artista visual e professora aposentada do Departamento de Artes Plásticas da ECA-USP.

10. Vejam: http://www.forumpermanente.org/event_pres/cursos-disciplinas/o-lugar-a-funcao-e-o-uso-da-arte-contemporanea. Acesso em: 13 set. 2020.

11. Vejam: http://www.forumpermanente.org/event_pres/simp_sem/pad-ped0/documentacao-f/mesa_03/mesa3_martin. Acesso em: 13 set. 2020.

minha mente. Esta desbancou em definitivo a anterior, primariamente desenvolvida pela perspectiva da zona sul. A pesquisa focada na razão de ser do museu de arte no Brasil, de suas relações com o patrimônio histórico nacional e, também, o interesse pelo singular modernismo em nossas terras, já tinham, algumas vezes, me levado ao centro daquela cidade —que foi a capital do Brasil de 1763 a 1960. A Biblioteca Nacional, o Museu de Belas Artes, o Teatro Municipal, o Paço Imperial, o Museu Histórico Nacional, o Palácio Capanema, o Aeroporto Santos Dumont, o Museu de Arte Moderna, o Aterro do Flamengo, e outros marcos arquitetônicos e paisagísticos estavam muito bem demarcados em minha cartografia. O Museu Nacional integrava esse desenho como um apêndice, algo fora do lugar, mas isso não me incomodava, talvez pela proximidade com o estádio do Maracanã, que sempre foi considerado como integrante da “zona sul” e do ideário modernista de uma jovem e promissora nação. Acatei isso sem crítica, como algo dado.

Causou-me grande impacto essa expansão, esse deslocamento, tendo como ponta de lança a Praça Mauá. Um acerto no planejamento urbano de uma cidade tão atada pelos acidentes geográficos que a conformam. Provavelmente isso trará reflexos ao imaginário “zona sul” da cidade. Até então, não me dava conta que a fronteira entre zona sul e zona norte no centro da cidade do Rio de Janeiro era delimitada pela extensão da avenida Presidente Vargas e da

avenida Radial Oeste. Os referenciais culturais na extremidade litorânea desta fronteira eram a Casa França-Brasil e o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), vizinhos da Igreja da Candelária. Minhas expedições culturais e acadêmicas nunca transcenderam essas balizas. Foi como um “efeito borboleta” esta transformação da praça Mauá, não só como um marco expandido da centralidade carioca, mas como uma interface entre a “zona sul” e a “zona norte”. A confirmação desse seu desígnio veio com o evento *WOW-Festival Mulheres do Mundo*¹², com curadoria e organização de Eliana Sousa Silva e a Redes da Maré, que durante três dias (16 a 18 de novembro de 2018) ocupou totalmente os dois novos museus ali instalados, o Armazém 1 e toda a praça, atraindo quase 100 mil pessoas.

Já abrigando o primeiro arranha-céus da América Latina¹³ e recebendo os turistas que embarcavam e desembarcavam dos gigantescos e disformes transatlânticos, esta praça/pier é radicalmente transformada pela remoção do Elevado da Perimetral¹⁴ e subsequente implantação do

12. Vide: <https://www.redesdamare.org.br/br/info/44/festival-mulheres-do-mundo>. Acesso em: 13 set. 2020.

13. Edifício A Noite construído em 1929.

14. Foi uma via rodoviária suplementar elevatória sobre a Avenida Rodrigues Alves no Rio de Janeiro, que ligava os principais entroncamentos rodoviários da cidade. Sua construção começou nos anos 1950 e só foi completada na segunda metade dos anos 1970. Sua demolição ocorreu entre 2013 e 2014.

VLT¹⁵, bem como com a instalação do MAR e do Museu do Amanhã, com suas arquiteturas espetaculares e seus programas expositivos e de ação sociocultural, artísticos e econômicos. Desvela-se, a partir deste portal, o centro expandido do Rio e na sequência a zona norte... a sua complexidade, as suas potências! Em um primeiro plano, o Cais do Valongo¹⁶, o Morro da Providência¹⁷, mais adiante, o Conjunto Residencial do Pedregulho¹⁸, e em destaque e no horizonte, o conjunto de favelas chamado Caju e, na continuidade, o das dezesseis favelas da Maré.

A disciplina de pós-graduação da ECA-USP ocorreu de forma intensiva durante uma semana (21 a 26 de outubro de 2013), tendo o MAR como interface, parceiro, base e abrigo. Tivemos acesso intrínseco e privilegiado às suas instalações e principais lideranças. Visitamos também equipamentos culturais da cidade dedicados à arte moderna e contemporânea¹⁹, sendo recebidos pelos seus diretores

15. VLT: rede de veículos leves sobre trilhos que percorre o centro e o porto da cidade do Rio de Janeiro. Está conectado a todas as demais redes de transporte metropolitanos além do aeroporto Santos Dumont, da rodoviária e o terminal de cruzeiros na praça/pier Mauá.

16. Patrimônio Histórico da Humanidade pela UNESCO em 9 de julho de 2017 por ser o único vestígio material da chegada dos africanos escravizados nas Américas.

17. Que abrigou a primeira favela do Rio de Janeiro.

18. Projeto modernista de Affonso Reidy.

19. MAM-RJ, MAC-Niterói, Paço Imperial, Casa Daros.

ou curadores. A virada para a zona norte foi facilitada pelo MAR, que nos colocou em contato com lideranças do Conjunto Residencial do Pedregulho²⁰, e pela bailarina e coreógrafa Lia Rodrigues²¹, que, por intermédio de sua companhia de dança instalada no Centro de Artes da Maré, desde 2009, nos apresentou a Redes de Desenvolvimento da Maré e sua diretora fundadora, Eliana Sousa Silva.

No dia 25 de outubro de 2013, no Centro de Artes da Maré, localizado na Rua Bittencourt Sampaio quase esquina com a Avenida Brasil, nos esperavam Lia Rodrigues e Eliana Sousa Silva. A conversa em roda no linóleo — onde os ensaios da companhia acontecem — relacionou as estratégias e práticas poéticas nas artes, em especial na dança, em contextos específicos e periféricos como o conjunto das favelas da Maré. Para entender melhor esse contexto, seguimos andando de lá para o interior da favela onde, na esquina da Rua Principal com a rua Sargento Silva Nunes, está localizada a sede da Redes da Maré, uma ONG criada em 2007 depois do desmembramento do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré, criado, por sua vez, em 1997. Um parágrafo no site das Redes sintetiza bem a sua natureza e escopo de atuação:

20. Pedregulho como metáfora do Modernismo no Brasil: [https://jornal.usp.br/atualidades/conjunto-pedregulho-no-rio-e-metadora-do-modernismo-no-brasil/](https://jornal.usp.br/atualidades/conjunto-pedregulho-no-rio-e-metфора-do-modernismo-no-brasil/). Acesso em: 13 set. 2020.

21. Vide: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa449154/lia-rodrigues>. Acesso em: 13 set. 2020.

A Redes da Maré tem como uma das suas peculiaridades o fato de ter sido fundada por pessoas que têm origem na própria Maré e que conseguiram pensar, de maneira crítica, suas trajetórias, buscando transformá-las. Além disso, trabalha uma agenda social voltada para o território da Maré, com mobilização e participação da população, produzindo conhecimento e propondo ações que permitem acompanhar, de maneira sistemática, as mudanças que podem significar melhorias concretas nas vidas dos moradores. Como instituição da sociedade civil, a Redes da Maré tem de desenvolver formas de gestão específicas, governabilidade e sustentabilidade a partir de elementos próprios do campo da sociedade civil²².

Luiz Eduardo Soares, no prefácio do livro de Eliana Sousa Silva, *Testemunhos da Maré*, de 2012, esclarece a singularidade dessa forma de ativismo e empreendedorismo surgido nas comunidades, levada adiante na virada do sécu-

22. REDES DA MARÉ. **Quem Somos**. Disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/br/quemsomos/atuacao>. Acesso em 13 set. 2020.

lo, por moradores da Maré que se dispuseram a transformar a realidade de seu lugar de morada.

Sem prejuízo dos obstáculos e riscos, e na contramão da violência, a sociabilidade comunitária tem sido exercida com intensa vitalidade, demonstrando mais uma vez que favela não é, unilateralmente, espaço negativo, definido por falta, incompletude, carência e vazio. É também lugar de criatividade cidadã, em todas as áreas da atividade humana. Essa energia social construtiva manifesta-se, inclusive – como nos mostra a autora –, na organização de respostas à insegurança amplamente compartilhada²³.

Como veem, o Píer Mauá nos possibilitou embarcar na dinâmica e riqueza deste outro mar... a Maré!

Importante salientar que tanto a Redes da Maré, como outras iniciativas que surgiram nesse mesmo contexto complexo e desafiador da zona norte, como o Observató-

23. SOUSA SILVA, Eliana. **Testemunhos da Maré**. 2012. p. 12. Disponível em: https://www.redesdamare.org.br/media/livros/Testemunhos-Mare_2edicao.pdf. Acesso em 13 set. 2020.

rio das Favelas²⁴, o Museu da Maré²⁵, consideram o conhecimento, a memória, a cultura e as artes como elementos essenciais para as suas atuações. Não é à toa, assim, que a condição periférica é entendida e explorada pelo viés do pertencimento, da especificidade de sua representação cultural, da potência em ser periférico. Esse pensamento e essa reversibilidade são resultantes, entre outros, de uma virada educacional, social e cultural, favorecida por políticas públicas de Estado para a educação, cultura, ciência e saúde desenvolvidas a partir da redemocratização do país, em particular entre 1985 a 2016. Uma conjuntura construtiva que visa a uma integração e dinâmica urbana nunca antes aventada, como esclarece Eliana Sousa Silva:

Vencer o mito da cidade partida, então, é fundamental para estabelecer outro olhar sobre a cidade que não se referencie pela sua dicotomia em relação à cidade-favela. Um novo olhar, sustentado no reconhecimento de que o Rio de Janeiro possui diferenciados espaços de vida e circulação, que deveriam ser marcados não pela segregação imposta pelas condições sociais e econômicas, mas

24. Vide: <http://observatoriodefavelas.org.br/apresentacao/>. Acesso em: 13 set. 2020.

25. Vide: <https://www.museudamare.org/>. Acesso em: 13 set. 2020.

pelas especificidades decorrentes do próprio processo de constituição da vida na metrópole. Entender que a favela é cidade e que, portanto, aos seus cidadãos devem ser oferecidas as mesmas condições, assim como deve se exigir o cumprimento de deveres, representará uma mudança de paradigma das políticas públicas para essas áreas²⁶.

O Rio de Janeiro nunca foi mais o mesmo e eu também não. A Maré ficou cintilando no horizonte até que, no início de 2018, Eliana Sousa Silva é indicada pelo comitê de governança da Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência do IEA-USP para ser a sua nova titular. Antes dela, ocuparam esse posto o filósofo e diplomata Sérgio Paulo Rouanet (2016) e Ricardo Ohtake (2017). Em 2019, foi a vez de Helena Nader e Paulo Herkenhoff e, neste momento (2020), a condução da cátedra está nas mãos do antropólogo cultural argentino Néstor García Canclini.

Em um momento de grande comoção devido ao assassinato de Marielle Franco²⁷ ocorrido duas semanas

26. SOUSA SILVA, Eliana. **Testemunhos da Maré**. 2012. p. 210. Disponível em: https://www.redesdamare.org.br/media/livros/Testemunhos-Mare_2edicao.pdf. Acesso em: 13 set. 2020.

27. Marielle Franco foi aluna do cursinho pré-vestibular organizado na Maré por esse grupo original reunido pelo Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré surgido em meados da década de 1990.

antes, Eliana Sousa Silva toma posse como catedrática na sala do Conselho Universitário da USP no dia 27 de março de 2018²⁸.

Eliana traz consigo para o IEA da USP não só sua energia, entusiasmo, otimismo, volição e incrível capacidade em agregar pessoas, coletivos, instituições, parceiros em torno de ideias, projetos e ações, como também a tecnologia sociocultural desenvolvida pelas Redes da Maré. Ela não se contentou em “apenas” organizar atividades acadêmicas durante a sua titularidade, apresentando um grande desafio para o IEA e a USP: o projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais. O texto de Eliana que integra esta coletânea expõe a natureza, as características e objetivos desse projeto.

Com *Centralidades Periféricas*, Eliana reforça a especificidade criadora e criativa das manifestações artísticas que nascem nas periferias, reunindo no IEA expoentes de diferentes partes do Brasil, de diferentes linguagens da arte, sempre com a mediação de uma acadêmica, que investiga e reflete sobre essas produções no âmbito universitário. *Conexões USP-Periferia* busca reunir em uma plataforma a produção da universidade em todas as suas atividades afins (pesquisa, ensino, extensão) a respeito da periferia. Isso revela, entre outros, quem é que produz conhecimento sobre as periferias, quais são os enfoques, principais interesses e tendências. Visa

28. Vide: <http://www.iea.usp.br/noticias/eliana-sousa-silva-assume-catedra>. Acesso em: 13 set. 2020.

também a criação de novas redes, incentivando o investimento coletivo nessa temática e certamente sua expansão na USP. *Pontes e Vivências de Saberes* consiste em um censo nas comunidades São Remo, Sem-Terra (Vila Clô), Jardim Keralux e Vila Guaraciaba, vizinhas dos *campus* oeste e leste da USP na capital paulista. Para o censo, 72 estudantes da USP receberam capacitação em pesquisa social, sendo que 56 deles atuaram como entrevistadores nos territórios. Pesquisadores de pós-graduação atuam como supervisores do trabalho de campo e uma pós-doutora supervisiona essas diferentes frentes. Inspirado no Censo Maré²⁹ o objetivo aqui em São Paulo visa também a qualificar a vizinhança da USP, com o claro intuito de “vencer o mito da cidade partida” (...), estabelecer outro olhar sobre a cidade, que não se referencie pela sua dicotomia em relação à cidade-favela.”

Eliana e seu projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais acabaram também realizando um sonho que eu acalentava desde que fui diretor do IEA-USP entre 2012-2016. O de reunir um grupo de jovens pesquisadores provenientes da graduação que pudesse usufruir dessa ambiência interdisciplinar e extremamente motivadora ao compartilhar seus anseios, expectativas e projetos com cientistas, intelectuais, pesquisadores renomados e extraordinários que contribuem de forma plural nas diversas atividades e dinâmicas de um

29. Vide: <https://redesdamare.org.br/br/info/12/censo-mare>. Acesso em: 13 set. 2020

IEA em uma universidade como a USP. Este projeto nunca vingou, por n razões. Mas Eliana acabou fazendo algo inimaginável na perspectiva desse sujeito zona sul: congregou um grupo extremamente inusitado de jovens periféricos, não só talentosos, como capacitados a contribuir de forma significativa para a necessária metamorfose que ainda precisamos realizar coletivamente não só na universidade, como na sociedade brasileira. Algumas das vivências desses jovens pesquisadores estão reunidas nesta obra. Muitas outras estão além do que este livro dá conta de narrar.

Martin Grossmann, professor titular da Escola de Comunicação e Artes da USP e coordenador acadêmico da Cátedra Olavo Setubal de Arte e Cultura do IEA-USP. Atuou como gestor de instituições e projetos culturais, educacionais e acadêmicos. Tem como principal objeto de estudo o Museu de Arte na atualidade, bem como a mediação crítica e a gestão cultural, com publicações e plataformas sobre esses temas.

Referências

1. FÓRUM PERMANENTE. **O lugar, a função e o uso da arte contemporânea**. Disponível em: http://www.forumpermanente.org/event_pres/cursos-disciplinas/o-lugar-a-funcao-e-o-uso-da-arte-contemporanea. Acesso em: 13 set. 2020.

2. FÓRUM PERMANENTE. **Museu como interface.** Disponível em: http://www.forumpermanente.org/event_pres/cursos-disciplinas/o-lugar-a-funcao-e-o-uso-da-arte-contemporanea. Acesso em: 13 set. 2020.
3. REDES DA MARÉ. **Festival Mulheres do Mundo.** Disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/br/info/44/festival-mulheres-do-mundo>. Acesso em: 13 set. 2020.
4. ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Lia Rodrigues.** Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa449154/lia-rodrigues>. Acesso em: 13 set. 2020.
5. BELESSA, Mauro. Eliana Sousa Silva, diretora da Redes da Maré, assume a Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência. **Instituto de Estudos Avançados.** 8 mar. 2018. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/eliana-sousa-silva-assume-catedra>. Acesso em: 13 set. 2020.
6. REDES DA MARÉ. **Censo da Maré.** Disponível em: <https://redesdamare.org.br/br/info/12/censo-mare>. Acesso em: 13 set. 2020.
7. REDES DA MARÉ. **Quem somos.** Disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/br/quemsomos/atuacao>. Acesso em: 13 set. 2020.

8. SOUSA SILVA, Eliana. **Testemunhos da Maré**. 2012. Disponível em: https://www.redesdamare.org.br/media/livros/TestemunhosMare_2edicao.pdf. Acesso em: 13 set. 2020.

Expediente

Projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais - DASP

Idealizadora e coordenadora geral

Eliana Sousa Silva

Coordenador acadêmico

Martin Grossmann

Supervisora geral

Érica Peçanha

Centralidades Periféricas

Consultor

Marcio Vidal Marinho

Plataforma Conexões USP-Periferias

Pesquisadora de pós-doutorado

Érica Peçanha

Pesquisadores de pós-graduação

Claudia Rosalina Adão

Leandro de Oliva Costa Penha

Telma Azevedo

Pesquisadores de graduação

Ísis Belon Fernandes

Marianna Gabrielli Alves (Bolsista do Projeto Práticas Me-

diativas: Núcleo Educativo e Expositivo)

Vítor Soares Miceli (Bolsista do Projeto Práticas Mediativas:
Núcleo Educativo e Expositivo)

Censo Pontes e Vivências de Saberes

Consultores

Dalcio Marinho Gonçalves (coordenador de pesquisa e
formação)

Everton Pereira da Silva (coordenador de campo)

Articuladores locais

Camila Mendes Ferreira dos Santos

Charleton Pierre

Cíntia Salvador Ferreira

Eraldo Virginio da Silva

Ericsson Michel Silva Magnavita

Kaio Gameleira da Silva Pinto

Laís Rodrigues da Cunha

Rafael Pompeu da Silva

Rosângela do Nascimento Ferreira

Sebastião Gomes

Pesquisadores de pós-graduação

Adriana Pereira do Nascimento

Danilo Pereira Sato

Jacqueline Jaceguai Chagas Nunes dos Santos

Manfrin

Roberto Morethto

Thais Barbosa Passos

Pesquisadores de graduação

Aline de Carvalho (Bolsista do Programa Aproxima-Ação)

Amanda Escobar Costa

Arlindo Alves Pereira Junior

Breno Mõroni Veloso dos Santos

Caio Gabriel da Silva

Carla Maria dos Santos Silva

Caroline de Jesus Cabral

Dayane Pereira de Souza

Diana Cristina Enriquez Cueva

Douglas Henrique Santos da Silva

Eduarda Ribeiro Rodrigues

Eduardo da Silva Moreira

Erika Souto (Bolsista do Projeto Saúde Única em Periferias)

Fagner de Souza Gonçalves

Gabriel Souza Belém Pimenta dos Santos

Gustavo Pontes da Silva

Henrique Gomes de Andrade Silva

Isadora Nunes Ferreira (Bolsista do Projeto Saúde Única em Periferias)

Isamara Oliveira Guimarães (Bolsista do Projeto Práticas Mediativas: Núcleo Educativo e Expositivo)

Izadora Ferreira Santos
Jacia Braz da Silva (Bolsista do Programa Aproxima-Ação)
Jade Bernardes
Jardielson Araújo da Silva
Jhonatan Ferreira Alencar
Juliana Alves Frade
Leonardo Francez
Leonardo Rossato Tavares (Bolsista do Projeto Saúde Única em Periferias)
Luciana Lima Marques
Maria Luiza Rocha Bueno (Bolsista do Projeto Práticas Mediativas: Núcleo Educativo e Expositivo)
Mateus Oliveira Santos
Natália Galvão Azevedo Silva
Nayara Klinger Castilho Santos
Patrícia Mendes Gomes
Paulo Rogério Nunes dos Santos
Paulo Victor Simões
Pedro Gabriel Miranda e Silva
Pedro Henrique Santos
Rafaela Pereira Campos (Bolsista do Projeto Saúde Única em Periferias)
Rafaela Tauani Rodrigues de Freitas
Raquel de França Bezerra
Raquel Pereira Ires (Bolsista do Projeto Saúde Única em Periferias)

Ricardo Lima da Silva
Richard Melo da Silva
Simony Silva Campello
Victoria Caroline de Souza Alves
Vitória Andrade Reis
Weckson Oliveira
Wellington Luiz Ferreira
Wellyda Christina de Oliveira Araújo
Yone Maximiniano

Realização

Universidade de São Paulo - USP

Reitor: Vahan Agopyan

Vice-reitor: Antonio Carlos Hernandes

Instituto de Estudos Avançados - IEA

Diretor: Guilherme Ary Plonski

Vice-diretora: Roseli de Deus Lopes

Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência

Coordenador acadêmico: Martin Grossmann

Coordenadora executiva: Liliana Sousa e Silva

Parceria

Itaú Cultural

Presidente: Alfredo Setubal

Diretor: Eduardo Saron

Observatório Itaú Cultural

Equipe: Marcos Cuzziol, Luciana Modé e Andréia Briene

Apoio estratégico

Fundação Tide Setubal

Presidente do conselho: Neca Setubal

Superintendente: Mariana Neubern de Souza Almeida

Apoios externos

Arq.Futuro

Elisa Bracher

Escola da Cidade

Apoios institucionais da USP

Escola de Artes, Ciências e Humanidades - EACH

Gabinete da Reitoria

Pró-Reitoria de Pós-Graduação

Pró-Reitoria de Cultura e Extensão

Programa Aproxima-Ação

Pró-Reitoria de Graduação

Programa Unificado de Bolsas de Estudos para Apoio e

Formação de Estudantes de Graduação

Pró-Reitoria de Pesquisa

Edital de Apoio a Projetos de Pesquisa com Iniciativas
de Ciência-Cidadã

Docentes parceiros da USP

Ana Estela Haddad

Cristiane da Silva Cabral

Dennis de Oliveira

Edemilson Antunes de Campos

Francisca Dantas Mendes

Gerardo Kuntschik

Lúcia Maciel Barbosa de Oliveira

Maria de Lourdes Zuquim

Maria Helena Pereira Toledo Machado

Oswaldo Santos Baquero

Rosenilton Silva de Oliveira

Parceiros nos territórios

Jardim São Remo e Sem-Terra (Vila Clô)

Associação de Moradores do Jardim São Remo

Associação Poliesportiva São Remo

CAPS Infantil

Circo Escola

Conselho de Usuários UBS São Remo

Grupo Composição Urbana

Grupo Ideologia Fatal

Instituto Cybernetikos
Projeto Alavanca
Projeto Girassol
Projeto Social Catumbi Futebol

Jardim Keralux e Vila Guaraciaba

Associação Mãos que se Unem
Centro para Crianças e Adolescentes Jardim Keralux - CCA
Conselho Gestor da Comunidade
Escola Estadual Irmã Annete Marlene Fernandes de Mello
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias
Instituto União Keralux - INKER
UBS Keralux

Agradecimentos

Ana Estela Haddad, Aziz Salem, Beatriz Cristina Rocha, Edmund Chada Baracat, Fernanda Cunha Rezende, Jorge Paulo Soares, Liliana Sousa e Silva, Lúcia Maciel Barbosa de Oliveira, Marcos André de Almeida Santos, Maria Leonor de Calasans, Mauro Bellesa, Mônica Sanches Yassuda, Neca Setubal, Oswaldo Santos Baquero, Paulo Saldiva, Ricardo Ricci Uvinha, Sérgio Ricardo Villani Bernardo, Rafael Borsanelli, Raimunda Rodrigues dos Santos, Roque Celeste Passos e Tizuko Terezinha Sakamoto.

Esta obra foi composta em Minion Pro
em dezembro de 2020
para a Editora Amavisse

e a construção de outra relação da universidade com o seu entorno, a partir do projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais. Deparei-me, mesmo que de forma superficial, com as singularidades que marcam a vida das periferias de São Paulo, onde os contornos diferem, em muitos pontos, apesar das aproximações possíveis, da periferia em que vivi no Rio de Janeiro.

Eliana Sousa Silva

*Diretora fundadora da Redes de Desenvolvimento da Maré
Titular da Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência em 2018*

Eliana Sousa Silva acabou fazendo algo inimaginável com seu projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais: congregou um grupo extremamente inusitado de jovens periféricos, não só talentosos, como capacitados a contribuir de forma significativa para a necessária metamorfose que ainda precisamos realizar coletivamente não só na universidade, como na sociedade brasileira. Algumas das vivências estão reunidas nesta obra. Muitas outras estão além do que este livro dá conta de narrar.

Martin Grossmann

*Professor titular da ECA-USP
Coordenador acadêmico da Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência*



Coletânea Democracia, Artes e Saberes Plurais - IEA/USP

[#1]

Realização

Cátedra Olavo Setubal
de Arte, Cultura e Ciência



Parceria

USP

VC ItaúCultural

OBSERVATÓRIO

Apoio

